

REVISTA DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

INDICE

Recepção do sr. Marino Josetti de Almeida	121
a) Discurso deste	
b) Resposta do dr. Eduardo Duarte	
Documentário: Decênio Farroupilha — Governo do barão de Caxias	128
Alguns documentos sobre 1835 — A posse do dr. Araujo Ribeiro — <i>Otelo Rosa</i>	162
Gonçalves Dias e a Revolução de 1835 — <i>Otelo Rosa</i>	170
Breves notas sobre a fundação de Bagé — <i>A. do Prado Sampaio</i>	173
Dioceses Riograndenses — <i>Mons. dr. João Maria Balem</i>	179
A Conquista da terra e a iniciação pastorícia no Planalto e nos Fundos de Baqueria de los Pi- ñares — <i>Dr. Manuel Duarte</i>	191
Sesmarias Memoráveis (Santo Antônio das Lom- bas) — <i>Dr. Manuel Duarte</i>	205
Lance de vista sobre as espécies extintas de mamí- feros do Brasil — <i>Peter Wilhelm Lund</i> — In- trodução de <i>Carlos de Paula Couto</i>	209
Município de Arroio Grande — <i>Alvaro Caetano</i> ..	237
Regimento da Comissão de Redação da Revista...	262

(Veja índice detalhado do Vol. — ns.
95 e 96 — na última página).

PORTO ALEGRE
RIO GR. DO SUL

IV Trimestre
de 1944

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

ANO XXIV — IV TRIMESTRE DE 1944 — N.º 96

RECEPÇÃO DO SR. MARINO JOSETTI DE ALMEIDA

Realizada a 23 de setembro de 1944 na cidade do Triunfo, na histórica casa em que nasceu Bento Gonçalves da Silva, propriedade do nosso consócio, por ocasião da romária levada a efeito pelo Instituto, na data natalícia de Bento Gonçalves, àquela cidade tão cheia de lembranças de nossos maiores. Representando o Instituto Histórico estiveram na legendaria Triunfo os consócios srs. Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, presidente; Dr. Eduardo Duarte, secretário perpétuo; Dr. Jorge G. Felizardo, 1.º secretário; Prof. Otelo Rosa, orador; Prof. A. G. Lima, tesoureiro; P. Luiz Gonzaga Jaeger, Bibliotecário; Coronel Luiz Carlos de Moraes, Coronel Gaston Hasslocher Mazon e Prof. Walter Spalding. Recebida a comissão oficialmente, pelo dr. Hermes Silveira d'Ávila, Prefeito, Liga de Defesa Nacional, dr. Marino Josetti de Almeida e demais autoridades e povo triunfense, várias homenagens lhe foi prestada durante o dia. Recebido o sr. Marino J. de Almeida, as 15 horas, culminaram as festividades do dia com a brilhante conferência do orador do Instituto, prof. Otelo Rosa, realizada no Teatro local. Foram os seguintes os discursos do ato de posse:

DISCURSO DO SR. MARINO JOSETTI DE ALMEIDA

Exmos. Snrs. Sócios do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

O saudoso confrade dr. João Máia, o Coronel Manuel de Faria Corrêa e o professor Walter Spalding, três fulgurantes personalidades desta benemérita Instituição científica, espontaneamente, o que mais me honra, indicaram-me para sócio efetivo do abnegado Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Constituíram credenciais ao lançamento de minha candidatura aos

esclarecidos sufrágios da Casa-dois despretenciosos livros históricos por mim publicados: *Município de Triunfo* e *Homens e fatos de Triunfo na Revolução Farroupilha*.

A cativante indicação, os honrosos pareceres da comissão e a unanimidade dos votos no plenário, dando-me ingresso fraternal em tão brilhante Cenáculo, lado-a-lado com expoentes de nossa cultura e elite social, para mourejar, inda que apagadamente, no serviço da história pátria e geografia, defeza e resguardo de nossa gloriosa tradição regional, não só surpreenderam a consciência de minha desvalia no confronto intelectual e projeção cultural com os nomes ilustres dos Confrades, como criaram-me grandes responsabilidades para corresponder manifestação que tanto me enobreceu quanto penhorou.

Certo, entretanto, de que minha eleição, à falta doutros títulos de erudição, constitue sãncão de justiça aos braços da grandeza impar da história de minha Terra e de seus vários vultos salientes, evidenciada, como um dever, em letra de fôrma por um filho que ama sobre todas as cousas do mundo, seja-me permitido declinar para Triunfo as homenagens desta solenidade e a honra de minha escolha e investidura.

História e Geografia

Escreveu o imortal Clovis de Beviláqua que “ a pátria pequena que a gente ama não esconde a grande que a gente adóra”.

Se, pois, verdade é que tão sómente, até hoje, haja escrito sobre história de meu rincão natal, menor verdade não é que cultúo e amo a de nossa Pátria, bem como estudo a universal.

“O estudo da história, que não é mais do que a humanidade vista através dos séculos”, — na afirmação superior do excelso riograndense Júlio de Castilhos, quando, em artigo inserido na “A Federação”, de 29 de Junho de 1887, doutrinava para as massas populares, tem opositores nessa luminosa assertiva.

Em 1935, espíritos educados, patrícios insensíveis às emoções grandiosas, entusiásticas e emotivas dos ideáes de liberdade, plantados nas plagas gauchas pela Revolução Farroupilha, condenaram as comemorações efetuadas, sancionadas pelo patriotismo do povo riograndense, sob o futil pretexto de que cenas sanguinárias de guerras fratricidas não deviam ser rememoradas!...

Depois, alucinados visionários universaes, que ora desmoronam com suas férreas organizações, derrocadas pelas mesmas forças destrutíveis da liberdade que impulsionaram os Farrapos contra a oligarquia imperial do Brasil — queriam riscar, por inúteis, as páginas da história, consideradas, então, testemunho sem valor à civilização nascente, onipotente, original, mecanisada e abrupta, apoiada na fôrça e dirigida pelo egoismo de poucos.

Venceu, porém, a história. O grande livro, que espelha, expõe e

engrandece a marcha da civilização, não foi queimado nas fogueiras purificadores dos despótas, nem suas folhas esparsas pelo vento da insensatez erigida em instituição estatal.

Condenar a Revolução Farroupilha é desconhecer a ação sociológica da maior e melhor força geratriz do regime democrático no Brasil. Pretender cancelar a história universal, heróica e cívica, seria anular com ela a história sagrada, fonte divina do bem, a cujas diretrizes tanto devem a civilização e a moral.

É impulsionados pelas lições da história que os povos marcham para a perfeição. Os fatos que constata, a tradição que retém e os atos nobres que explana como que exemplifica para a posteridade. Pode-se afirmar mesmo que sem essa luminosa balisa, clareando as verdades da vida, nem a humanidade avançaria, nem o progresso marcharia, à falta de estímulos e modelos a superar, melhorando a evolução social.

A louvável e benemérita atuação do Instituto mais refulgente e útil se torna, porque, afastando-se das *laudationes* dos romanos, refugiando as *encómion* dos gregos, não se conforma com “transcrição de relatórios”: prescreta os arquivos, examina os documentos, confronta as lendas, recolhe a tradição, tudo concretizando, depois de expurgados os erros e falhas desses elementos, em história verdadeira. Não produz, assim, logografia: cristaliza grandes épocas, fotografa passagens da vida humana e, por vezes, invadindo os domínios da sua co-irmã — a geografia — descreve as situações geográficas ou topográficas onde os fatos ocorrem.

E não só a política “arte de bem governar os povos”, e os estadistas mais eméritos da história dela não prescindem nem da geografia, porque, já alguém disse, que sem o senso desta muitas páginas daquela seriam, possivelmente, inexplicáveis.

A formação histórica do Rio Grande do Sul apercebe-se nitidamente dessa união. A proporção que lagunenses povoavam a terra de ninguém; que Silva Paes fixava posse e domínio portugueses em nossas desertas praias arenosas — eis que, a seguir, atos heróicos, bravas guerrilhas, tentativas audazes dilatavam, para fixar depois, nossas fronteiras geográficas. E tanta luta se travou porque nossa gente conhecia através da *história* dos tratados o nosso direito lesado.

Não fôra a história, recolhendo fatos e os inserindo em suas páginas, aliadas à descrição geográfica dos domínios contestados por Castéla e teríamos as gerações contemporâneas ignorantes de nossa origem e formação.

É que história e geografia, irmanadas, resguardaram nas suas páginas conhecimentos com os quais, utilmente, nos brindariam, para que perlustrássemos, seguros, os caminhos que conduzem à cultura espiritual, tivéssemos nobre orgulho do passado e amor à nossa Pátria.

A vós, eminentes Confrades, guardiões de nossa história, que a difudistes honesta e superiormente, tirando do olvido glórias esqueci-

das, heroísmos relegados ao esquecimento, sacrifícios de nossa gente para fundar uma soberania, cabe grande homenagem, que proclamo com ardor, estima e admiração de patriócio, que agradece o gesto magnânimo de o terdes acolhido no vosso honroso convívio.

Sou dos que pensam que sem temperado bairrismo não haverá patriotismo. Desejando um Brasil grandioso, pacífico, invencível e culto, na minha humildade tudo empregarei para corresponder à vossa confiança na altruística colaboração e difusão de nossa história, como outros deveres patrióticos. Porque, se para eles se tem voltado as elocubrações do meu espírito durante uma existência, impulsionado por obrigação filial, todavia uma aspiração resguardo, ciosamente, como meu único triunfo: assistir ao completo triunfar de Triunfo.

Disse

SAUDAÇÕES DO NOSSO CONFRADE DR. EDUARDO DUARTE AO NOVO CONSÓCIO

Quiz o ilustre presidente do nosso Instituto que eu aqui comparecesse hoje, dia para nós tão memorável, em desempenho de honrosa missão. Não levou em mira meus apoucados méritos, o nada que sou dentro da nossa companhia, obedeceu apenas aos impulsos do seu generoso coração, e eis aqui o velho companheiro dos dias maus e, agora, dos dias bons, nesta terra tão cheia de gloriosas tradições, para dar as boas vindas a um novo batalhador que vem galhardamente incorporar-se às nossas fileiras...

E falar nestas fileiras, será lançar um golpe de vista retrospectivo pelo nosso passado, o passado tão glorioso deste Instituto, hoje emancipado pelos seus quasi cinco lustros de vida e que, para alcançá-los, que de lutas foi-nos preciso enfrentar e vencer, sem medir sacrifícios, congregando energias, convencendo os indiferentes, anulando os maus, caminhando resolutamente para a frente, colimando o nosso ideal, que eramos todos uns idealistas em demanda de utilidade comum, centralizando as atividades sociais para, em esforço coletivo, ir ao encontro de uma finalidade: a verdade, única e insofismável, do nosso passado, do passado histórico da terra continentina.

E não só isso. Estudar os fatos que estão á distancia é preparar o povo para as lutas futuras; estudar o passado, honrar a memória dos pró-homens, no culto de inconfundível admiração, é honrar-nos a nós próprios, ser dignos da nossa terra e da nossa gente.

E foi o que o Instituto se propôs fazer quando da sua fundação. E não só isso; o estudo da geografia foi também colimado, pois não se póde prescrutar e bem conhecer o passado de um povo sem conhecer o cenário de suas ações, o meio físico, o págo, enfim como diríamos neste recanto da brasílea terra de todos nós tão querida.

E é o que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do ul

tem feito neste tempo já respeitavelmente longo de sua existência. Trabalhando sempre com o pensamento sintonizado no bem comum, esse pugilo de homens que desassombradamente tomou a si a árdua tarefa, chega aos dias de hoje com a consciência tranqüila e o grato conforto de haver cumprido seu dever, tendo como recompensa a satisfação de ter levado a termo obra que deve ser considerada, desde já, monumento-dentro do Rio Grande que muito honra a grande pátria comum, amiga.

De suas realizações, basta lembrar as nossas publicações, notadamente a Revista. Ela aí está; vencendo tôdas as dificuldades, jamais deixou de bater á porta dos seus amigos com a máxima regularidade, levando a colaboração dos nossos consócios, publicando velhos e ignorados códices, memórias quasi desconhecidas, verdadeiros lampêjos de clarividência para o estudo de fatos que se perdem em longínquos tempos, reeditando publicações exgotadas ou de difficil aquisição, excavando e salvando da destruição do tempo farto material documentário perdido ou extraviado em arquivos públicos ou particulares, tudo, enfim, que ilumina e enaltece a vida e a obra dos nossos maiores, aí esta enfeixado em várias dezenas de volumes da nossa Revista.

Só isso, só essa realização, bastaria para dizer o que é e o que tem feito o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul ao vencer os degraus da sua emancipação, chegando aos dias de hoje com precioso acêrvo de trabalho e definitivamente instalado em sua séde social, embóra modesta, pois modesto tem sido o seu já apreciável tempo de existência. Não houve alardes, jamais batemos o sino entôando hossanas; preferimos sempre o trabalho silencioso, religioso recolhimento, cheio de são patriotismo, muito produzindo em pról da verdade, histórica, essa verdade tão mal interpretada e por vezes deturpada sempre que se falava ou se escrevia sobre o velho Rio Grande, este grande rio de amor e doçura que é o enlêvo dos nossos olhos, a carícia do nosso coração.

Por tudo isso, senhores, e pelo muito que ainda pretendemos fazer, podemos afirmar com inteira convicção, longe de falsa modéstia, que o nosso Instituto é hoje uma instituição perfeitamente integrada no valioso patrimônio moral e intelectual do Rio Grande do Sul.

E hoje, dia para nós memoravel, vimos a esta cidade, rica de tão gloriosas tradições, para a efetivação de ato que será mais uma efeméride de nossas comemorações.

Quizemos que elle se realizasse neste dia e nesta localidade, nesta Triunfo para o qual abriu os olhos ao sol da vida essa extraordinária figura central da maior e da mais brasileira das nossas revoluções, esse glorioso decênio farrapo cujos feitos jamais se apagarão de nossa história e que tanto enaltecem uma geração que sabia o que era e o que valia.

Debalde se pretendeu desvirtuar os fins da famosa revolução. Debalde quizeram escritores mal avisados ou mal intencionados interpretar de fôrma contrária o ideal da gente farrapa, acoimando-os do virus da separação das demais províncias da união, como si não bastasse um século de lutas cruentas com o figadal inimigo dalém fronteira para que o Rio Grande chegasse aos dias de hoje integrado na sã brasilidade.

Não, a verdade clara e insofismavel aí está, através de farta documentação, mostrando que o Rio Grande tem sido, no decorrer dos tempos, a mais brasileira de todas as províncias. O 20 de setembro de 1835 constituiu a formosa aurora que precedeu o sol de 15 de novembro de 1889.

Porisso celebramos sempre as etapas que assinalam os feitos do épico decênio. Porisso aqui estamos hoje, neste 23 de setembro relembrando aquêlê outro em que nasceu Bento Gonçalves, o extraordinário chefe que de tão refulgente glória vive na história e no coração da gente dêste outróra continente de São Pedro do Rio Grande do Sul. Porisso aqui vimos para realizar esta sessão em meio da qual recebemos ilustre filho da terra que hoje ingressa no seio do Instituto, trazendo consigo credenciais que de há muito o tornaram digno de ocupar lugar de destaque no quadro dos nossos consócios.

Snr. Marino Josetti de Almeida. Pelo ilustre presidente dêste Instituto fui destacado para vos dar as boas vindas. Não sei, já disse, quais as razões que abonam tal escôlha, entre tantos consócios portadores de palavra mais autorizada e que melhor do que eu poderiam dizer dos vossos aleventados méritos.

Sei, apenas, que aceitei o encargo com grande desvanecimento, pois que assim poderia proclamar a alta voz o muito que vos admiro e expresso neste discurso póbre, despretencioso, e que lonje está de corresponder ao muito que valeis entre os membros de nossa companhia.

Durante vários anos mantivemos ativa correspondência e o assunto era sempre a história, o nosso passado, a vida do págo, a verdade tantas vezes falseada e que vós e eu tanto nos debatíamos em procura da luz benfazeja que nos mostrasse o caminho da verdade sobre o memoravel decênio. E logo em seguida me apresentáveis os origináis do vosso livro, essa magnífica monografia de Triunfo, dêste Triunfo que foi o berço do grande chefe, dêste Triunfo teatro de memoraveis e sangrentos recôntros, dêste Triunfo donde partiram muitos de seus filhos para a guerra a que fomos levados pelo ditador paraguáio.

Nessa monografia não vos limitastes a cantar os heróis do velho município. Estudastes e apresentastes a vossa comuna em todos os

setores de atividade. Aspetos físicos, flóra, viação, formação histórica, municipalisação, o periodo 1835-45, os seus homens, religião, vida social, comércio, indústria, pecuária, população e ainda um dicionário geográfico, histórico e estatístico.

Só êsse excelente livro bastaria para vos abrir as portas dêste Instituto. Mais do que isso, entretanto, êle vos sagrou o historiador do velho município, graças ao qual a atual geração ficou conhecendo a sua terra e os seus maiores, despertando-lhe o culto a um passado tão cheio de gloriósas tradições.

Triunfo, com êsse livro, “está, sem desdoiro, integrado na grande pátria brasileira. Engrandecê-lo — é dever, sofrer por êle — é glória”. São vossas estas palavras, que são também, nossas, neste momento que vos damos as boas vindas.

Mas, não só isso; o vosso labor continuou, sempre no afã, altamente louvavel, de honrar a terra em que nascentes.

O vosso livro “Homens e fatos de Triunfo na Revolução Farroupilha” é livro vitorioso, “um grande livro que espelha, expõe e engrandece” um periodo histórico “que é a maior e a melhor força geratrís do regime democrático do Brasil”.

É o que penso, com sinceridade, sobre o vosso trabalho e, aproveitando palavras vossas, que faço minhas, permiti que vos diga:

—Não, essa história não desaparecerá, sr. Marino Josetti de Almeida, suas folhas não serão queimadas nem esparsas no vento, porque elas representam o valor de uma geração que soube ser grande lutando e morrendo por um ideal que frutificaria mais tarde, em radiosa manhã, integrando a grande pátria no convívio das nações democráticas da livre América.

E é para o estudo e interpretação dessa história, para o culto à memória dos nossos maiores que o Instituto Histórico tem a sua razão de ser e que, ainda nesse culto cívico, aqui estamos hoje, neste 23 de setembro, homenageando Bento Gonçalves, o grande filho de Triunfo e recebendo-vos, filho ilustre desta terra, no quadro dos nossos consócios.

Sr. Marino Josetti de Almeida, sêde benvindo!

Triunfo, 23 de setembro de 1944.

Eduardo Duarte.

DOCUMENTÁRIO: DECÊNIO FARROUPILHA — — GOVÊRNO DO BARÃO DE CAXIAS

Os documentos que a seguir publicamos foram fielmente copiados dos originaes existentes no ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO. Referem-se, todos, em número de 30 (fora os anexos), à Presidência do Barão de Caxias. Documentos inéditos, são de grande interêsse para o estudo da época de Caxias na fase final da República de Piratini. — Os últimos, sob n.º XXXI a XXXVI, vão com a origem indicada e são, igualmente, inéditos, tendo sido copiados por nosso confrade Prof. Walter Spalding. São, excepto o de N. XXXVI, referentes, quasi todos, à posse de Araujo Ribeiro.

I

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Acabo de ter a honra de receber o officio de VEx.^{cia} com a data de hontem em que me authorga a dár, de hora em diante, despacho ás embarcaçoens mercantes que navegarem até ao Rio Pardo, e bem assim as fazendas para commercio e surtimento das familias dos pontos occupados pela Legalidade até a dita Villa, e recommenda-me as cautellas necessárias a respeito do contrabando de polvorra, e outros artigos belicos. Assegurando a V. Ex.^a que porei toda a diligencia e cuidado em cumprir as ordens de V Ex.^{cia} tanto sobre este objecto, como a respeito de qualquer outro, tenho ao mesmo tempo de rogar a VEx.^{cia} se digne esclarecer-me, se acaso poderei conceder como até agora hera permitido, licença para se conduzir sal para as xarqueadas situadas na margem direita do (Jacuhym frente ao Triunfo, na Barra, na margem da Lagôa dos Patos, e outros pontos que não se achão effetivamente occupados pelas forças imperiaes, ou fica isso prohibido, ou rezervado e dependente da immediata concessão de VEx.^{cia} Dezejo igualmente saber si he permitido continuar a conceder como até aqui licença para a sahida de generos em pequenas quantidades e reconhecidamente para gasto de familias, que habitão lugares em que não do-

missão as Forças Legais, assim como se continuão a ser da competência do Commando da Guarnição as licenças para pessoas e generos que sahem desta Cidade pelos Portoens do Intrincheiramente. Releve VEx.^{cia} que eu tome a liberdade de lembrar que me parece conveniente reiterar ordens á Alfandega desta Cidade e ao Ex.^{mo} Snr. Chefe das Forças Navais nao só para que nos respectivos registos, e exames haja toda a cautella para se evitar a sahida dos objectos que são inteiramente vedados, ou maior do que aquella de que constarem os despachos, visto ser alli olugar, e occasião mais proprios e opportunos para verificar-se se vão mercadorias prohibidas, ou excedentes das legalmente despachadas, e permitidas, como para que haja toda a vigilancia a respeito das embarcações que tentem evadir-se sem despacho ou sem serem registadas.

Deos Guarde a VEx.^{ca} m^a a^a Leál e Valoroza Cidade de Porto Alegre 11 de Novembro de 1842.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr Marechal Barão de Caxias.
Presidente desta Provincia

Manoel Paranhos da Silva Vellozo
Chefe de Policia da mesma Prov.^a

II

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Constando-me que nos matos dos Destrictos do Estreito e Mostardas se achavão occultos alguns dezertores, rebeldes, que ainda se não tinham apresentádo, exeravos fugidos, e havendo desconfianças que os furtos de gados que ali se cometião, o incendio de hum caza, e assassinatos, erão praticados por esses individuos, ordenei aos respectivos subdelegados que, de accordo com os Comandantes de Policia perseguissem semelhantes indeviduos, afim de os prender e livrar os Destrictos de tais malfetores. Participa-me agora o subdelegado de Mostardas em officio de 30 do passado que nos dias 16, 17, 18 e 19 do dito mez, acompanhado do Comandante de Policia com a força a sêo mando, e mais trinta e dous paísanos dêo busca em diversos matos sobre que havia desconfiança, e encontrou varios ranxos onde existião dois freios, dois laços, huma lança, panelas, carne, farinha, toicinho e couros, mas sem existir pessoa alguma, e que continuando a examinar o mato descobrirão huma preta, e hum pardo armado com huma pistola e espada, o qual não quiz obedecer á ordem de prizão, e pelo contrario registio investindo ao Con.^e da Policia e atirando golpes aos soldados, uns dos quais dêo-lhe um tiro no peito do ládo direito e que veio amorrer no dia seguinte. Este pardo andava fugindo há mais de anno, e pertence — dos herdeiros do finado Manoel de Souza Lino morador na Freguezia da Aldêa, e a preta estava fugida do mesmo tempo, e é escrava de Candido Dias da Costa, morador naquelle Destricto de Mostardas. Nesta mesma data officio ao mencionado subdelegado ordenando-

lhe que interrogue cuidadosamente a preta apprehendida afim de se poder saber se existem ainda por ali occultos algumas pessoas como parece indicar o numero de ranxos encontrado, e que, para evitar duvidas fucturas emesmo em cumprimento da Lei, institua um processo paranelle se examinar se se verificou o cazo do Artigo 118 do Codice Criminal; o que tudo submeto ao conhecimento de V. Ex.^a em cumprimento do meu dever.

Deos Guardê a V. Ex.^a muitos annos Leal e Valoroza Cidade de Porto Alegre 12 de Dezembro de 1842

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr Marechal Barão de Caxias, Prezidente desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellojo
Chefe de Policia da mesma Prov.^a

III

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Para poder cumprir o despacho de V. Ex.^{cia} proferido no requerimento junto de D. Joaquina Maria Guimaraens, moradora no Districto da Capella de Viamão procurei einformar-me do Subdelegado e mais alguas pessoas daquelle Destricto, e em rezultado tenho a levar ao conhecimento de V. Ex.^{cia} o seguinte =

A sup.^o era com effeito cazada com o Tenente da Guarda Nacional Manoel da Costa Guimarães, que foi morto pelos rebeldes, e em cuja companhia vivêo sempre com toda a honestidade conservando-se assim até ao prezente. Em hua das vezes que esta Cidade esteve sitiada a sup.^o para ella se recolhêo abandonando a sua caza, lavouras, e gado, o que tudo foi estragado e consumido pelos rebeldes, fugindo-lhe tambem dous escravos que se supoem andarem com os rebeldes.

Tem um filho que me dizem pertencer ao 5.^o Corpo de Cavalaria da G. N. e dois expostos que criou.

Consta-me que se tem mandado abonar diarias ou raçons as viuvas d'alguns individuos que tem morrido na prezente lucta, mas não estou ao facto se esse favor tem sido extensivo atodos ou só limitado ás daquelles que tem morrido em combate. Se tem nelle sido comprehendida todas me parece estar a sup.^o no cazo de ser attendida, mas V. Ex.^{cia} lhe deferirá com a rectidão que o caracteriza.

Deos Guarde a VEx.^{cia} m.^a annos Leal e Valoroza Cidade de Porto Alegre 24 de Dezembro de 1842

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sñr Marechal Barão de Caxias = Prezidente desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo
Chefe de Policia da mesma Prov.^a

IV

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — O Sup.^o Felizardo Jozé de Miranda acha-se pronunciado pelo crime de roubo praticado em gados e outros objectos pertencentes a Fazenda de Gravatahy da propriedade dos herdeiros do finado Coronel Vicente Ferrer da Silva Freire. Talvez se não possa provar esse crime com a clareza necessaria para lhe ser inflingida a pena da Lei, mas isso só poderá verificar-se em face das provas que no Tribunal competente se possão apresentar por parte da accusação, e da defeza. Segundo as endagaçoens a que procedi fui informádo do que é verdade ter osup.^o servido aos rebeldes, apprezentando-se á Legalidade obtendo amnistia depois que os mesmos rebeldes forão forçados a levantar o sitio que havião posto a esta Cidade servindo então na Policia d'Aldea. Informão-me tambem que o Sup.^o é casado mas que não vive em companhia de sua mulher. Há tempo um cunhado do Sup.^o F. Nunes quixou-se-me que fora dado um tiro em um seo irmão por ingano, pois que sabia ser dirigido a elle Nunes accrescentando que fora mandado dar pelo Sup.^o, que não tinha meios de provar essa accusação porem que tinha havido antecedencias, e que o m.^{mo} Supl.^o havida proferido ameaças queo indicavão. O sup.^o é morador do 2.^o Destri^o d'Aldeia e porisso não tenho d'elle conhecimento particular, e as Authoridades do lugar, sem força q as possa guardar, e proteger, receião comprometer-se, e por isso possa levar o que ficasse pendido do conhecimento de V. Ex.^a que deliberará com a costumada justiça.

Deos Guarde V. Ex.^a m^s an.^s Leal e Valoroza Cidade de Porto Alegre, 30 de Dezembro de 1842 =

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Marechal Barão de Caxias Prezidente desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo
Chefe de Policia da mesma Prov.^a

V

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Informando o requerimento junto de Joaquim Antonio de Miranda tenho adeclarar a V. Ex.^a, como já o fiz em officio de 23 do corrente que elle me veio remetido prezo pelo Delegado do Triunfo, accompanhado do sumario organizado no Destricto de Taquary, em que foi pronunciado como encurso nos Artigos 5.^o e 257 do Codigo, substituindo porem o Juiz Municipal na sustentação da pronuncia o Artigo 68 do mesmo Codigo áquelle 257. O que deo lugar e servio de baze do Processo foi uma carta do Sup.^o encontrada no Tirador do Tenente rebelde Antonio José de Farias quando foi morto pelas forças legais, da qual se concebeu que o Sup.^o estava encarregado de tratar

com os dezertores, que vagavão, e enfestavão aquelles matos para se reunirem ao dito Farias; acrescentando algumas testemunhas que corria a voz de que, feita assa reunião se pretendia surprehender a Policia, e saquiar a Povoação. Se essa Carta foi extorquida por medo, e amiaças, e se quando ella foi escripta ainda não andava a infantaria em perseguição dos dezertores, e nem estes se havião entranhado pelos matos desviando assim o Sup.^o com ella o rebelde Farias de passar e fazer junção com os mesmos dezertores como allega, não consta do Processo senão das respostas que o Sup.^o dêo aos enterrogatórios que se lhe fizerão.

Do depoimento das testemunhas no dito sumario, que ja devolvi ao Juiz Municipal do Triunfo, por me haver sido remetido incompetentemente, se mostra que o Sup.^o, ainda que partilhava os principios dos rebeldes, com tudo nunca pegára em armas, e tem sessenta e quatro annos, e assim o indica a sua fisionomia. Pessoas que conhecem o Sup.^o me assegurão que elle tem a seu cargo numeroza familia entrando nesse numero bastantes menores. Eis o que posso submeter ao conhecimento de V. Ex.^a que deliberará como parecer justo.

D.^s G.^o a V. Ex.^a m.^a a.^s Leál e Valoroza Cid.^o de Porto Alegre 24 de Janeiro de 1843

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Dr. Marechal Barão de Caxias.
Prezidente desta Provincia

Manoel Paranhos da Silva Vellozo
Chefe de Policia da mesma Prov.^a

VI

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Seño= — Tenho a honra de apprezentar a V. Ex.^a copia do Officio que agora recibi do Delegado do Triunfo manifestando os receios que ali existem de que aquella Villa seja accommetida pelo rebelde Juca Custodio que consta passára para o lado de Santo Amaro. Avista della V. Ex.^a se dignará dar as providencias, que em vista das circunstancias, e da Guarnição que existe na mesma Villa, parecerem mais acertados.

D.^s G.^o a V. Ex.^a m.^a a.^s Leál e Valorosa Cid.^o de Porto Alegre 24 de Janeiro de 1843

Ill.^{mo} Ex.^{mos}. Mar.^{al} Barão de Caxias
Prisidente Desta Prov.^{cia}

Manoel Paranhos da Silva Vellozo
Chefe de Policia da mesma Prov.^a

• (Copia) — Ill.^{mo} Sñr = Hé do meu dever levar ao conhecimento de V. S.^a que esta Villa se vê ameaçada pelo rebelde Juca Custodio, e consta p^{as}sára do outro lado para o de Santo Amaro, e que pretende vir a esta Villa a dar hua surtida e tirar da prizão ao Réo Joaquim Antonio de Miranda que foi já reemetido com seu processo a V. S.^a pelo Juiz Municipal desta Villa, e como a maior defeza da mesma, hé a canho-meira surta neste Porto e constando que o Comandante della tem ordem de cruzar até o Largo dos Pattos; por cujo motivo passo a representar a V. S.^a para que se digne quanto antes, dirigir-se ao Chefe da Marinha para que aquelle Comm.^o não dezampare esta Villa, deixando de cruzar, e estar aqui estacionada para amparo do que acima devo ponderado a V. S.^a abem dos habitantes destes Municipio que vivem aflitos.

Deos Guarde a V. S.^a m^a annos = Villa do Triunfo 22 de Janeiro de 1843 = Ill.^{mo} Sñr Doutor Manoel Paranhos da Silva Vellozo = Chefe de Policia desta Provincia.

Antonio Francisco de Almeida Delegado de Policia. =

Conforme

Vellozo

VII

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Cumprindo o despacho proferido por V. Ex.^a no requerimento junto d'Israel Lopes de Vargas informo a V. Ex.^a que nenhu conhecimento tenho do Sup.^o e que ignoro o motivo porque veio remetido prezo, o que sem duvida deverá constar da Parte do Comandante da força, ou da Authoridade que o prendeo, e que o enviou á Presidencia da Provincia, ou ao Commando o Exercito. No Termo e districtos de cima da Serra ainda não há Authoridades Policiaes, e Criminaes, e porisso não sei se o Sup.^o tem commetido ali algum crime alem do politico, que confessa, e se he só esse o crime, se não era Commandante de forças, e grande influente na rebelião, como julgo não seria, pois que não tenho lembrança de ter visto ou ouvido o seo nome mencionado como tal, parece-me que está nas circumstancias de obter a graça que implora, e que tem sido concedida a outros em igual cazo, mas V. Ex.^a decidirá com a costumada justiça. D^a G^a a V. Ex.^a m^a a.^a Leal e Valoroza Cidade de Porto Alegre 25 de Janeiro de 1843.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Marechal Barão de Caxias — Prezidente da Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo — Chefe da Provincia da mesma Prov.^a

VIII

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. — Cumprindo o despacho proferido por V. Ex.^a no requerimento junto d' Soveral Lopes de Vargas, informo a V. Ex.^a que nenhu conhecimento tenho do Sup.^e que ignoro o motivo porque veio remetido prezo, o que sem duvida deverá contar da Parte do Commandante da força, ou da Authoridade que o prendeo, e que o enviou a Presidencia da Provincia, ou ao Commando do Exercito. No Termo e Districtos de cima da Serra ainda nas ha Authoridades Policiaes, e Criminaes, e porisso não sei se o Sup.^e tem commetido ali algum crime alem do politico, que confessa, e se he só esse o crime, se não era Commandante de forças, e grande influencia na rebelião, como julgo não faria, pois que não tenho lembrança de ter visto ou ouvido o seo nome renunciado como tal; parece-me que está nas circumstancias de obeter a graça que implora, e que tem sido concedida a outras em igual cazo, mos V. Ex.^a decidirá com a costumada justiça. D^s G^e a V. Ex.^a m^s a^s Leal e Valoroza Cidade de Porto Alegre 25 de Janeiro de 1843.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Marechal Barão de Caxias — Prezidente desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo — Chefe de Policia da mesma Prov.^a

IX

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — O Marechal Comandante desta Guarnição mandou prender, e poz á minha dispozição o Alemão Carlos Rot / que deo o nome de Carlos Rocha / o qual se apprezentou ao dito Marechal em 9 do passado, dizendo que havia sahido de Cassapava no dia 8 de madrugada, e chegado a esta Cidade no mesmo dia á noite, e que vinha encarregado pelo intitulado Coronel dos rebeldes Manoel de Macedo de dizer ao mesmo Marechal que elle vinha com 500 homens que commandava appresentar-se nesta Cidade. Conhecendo o mencionado Marchal a impossibilidade de vir de Cassapava aqui em tão curto espaço de tempo, e sabendo que o referido Macedo não commandava actualmente semelhante força desconfiou, e entrando em indagaçoens, soube que o dito Roti já na noite do dia 8 as 7 horas tinha sido visto em hua taberna embriagado, e dizendo ser Capitão dos rebeldes. Soube mais que elle já havia sido prezo e deportado como rebelde, e de má conducta, e passando-se a examinar os Livros que tem servido para assunto dos prezos politicos, ahi se encontrou o seguinte=, Carlos

Rotó foi prezo a 29 de Março de 1837 a ordem de Sua Ex.^{cia} “o Snr. Commandante da Guarnição, e deportado” por Portaria do Ex.^{mo} Sr. General Francisco das Chagas Santos em 2 de Abril do mesmo anno por ordem que tive do Ex.=Presidente Antero pelo crime de rebelde como consta da dita Portaria” = Não o achando nas circunstancias de instituir contra ele hum Processo, e nem estando eu authorizado para o deportar, ou conservalo na prizão, por isso rogo a V. Ex.^a se digne tomar a respeito deliberação que julgue mais conveniente.

D.^s Guarde a V. Ex.^a m.^a ann.^a Leal e Valoroza Cidade de Porto Alegre 8 de Março de 1843.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Marechal Barão de Caxias — Prezidente desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo — Chefe de Policia da mesma Prov.^a

X

Ill.^{mo} Snr. — Recebi hontem o officio de V. S.^a de 22 do mez passado, vindo pelo Correio que d’ahi sahio a 8 do corrente talvez devesse elle vir no correio anterior, e que o não remetesse a Administração respectiva, o que é para sentir, por que assim malograrse a intenção do Governo Imperial com o estabelecimento do correio militar, pois exijindo saber o que hover de interessante á partida de cada correio, recebera mais retardada as noticias. Vai partir hoje uma Embarcação para o Rio de Janeiro, e por ella transmitterei ao Ex.^{mo} Senr. Ministro da Guerra o officio de V. S.^a.

Os rebeldes que sob o mando do Portinho se tinham mostrado na Cruz Alta e no Passo Fundo, retiravam-se, deixando com tudo n’aquelles ponto parttidas de Policia, segundo me participa o Commandante militar de Lages em officio de 3 do corrente. Deus Guarde a V. S.^a. Palacio do Governo de Santa Catharina 15 de Março de 1843.

Ill.^{mo} S.^{sr} Domingos José Gonsalves de Magalhaes, Secretario do G. da Prov.^a de S.-Pedro.

O Presid.^o Antero J Ferreira de Brito.

XI

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Recebi hoje o officio com que V. Ex.^a me honrou em data de 8 de Março ultimo, e por elle vejo ratificado por V. Ex.^a noticia, que por Lages me havia sido officialmente dada, da derrota do rebelde Portinho nas immedições de Cruz Alta. Tambem fico sabendo que V. Ex.^a mandou guarnecer o Municipio de Cruz Alta com um Esquadrão de Cavalaria; providencia de que devem surtir bons resultados.

Nem nesta Provincia, nem nas suas Fronteiras occore coisa alguma que seja digna do conhecimento de V. Ex.^a

Deos Guarde a V. Ex.^a. Palacio do Governo da Provincia d Santa Catharina 14 d'Abril de 1843.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr Marechal de Campo Barão de Caxias — Prezi-
dente da Provincia de S.^o Pedro Commandante em Chefe do Exercito
do Sul.

O Presid.^o Antero José Ferreira de Brito.

XII

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senr. — Accusando a recepção do officio de V. Ex.^a
de 5 de Junho ultimo, e felicitando-o pela serie de decididas vanta-
gens obtidas pela pericia de V. Ex.^a sobre os rebeldes d'essa Provin-
cia, e mui especialmente pelo glorioso feito do Ponche Verde, feli-
cito-me tãobem com todos os amigos da ordem, e da prosperidade do
Imperio pela acertada e feliz escolha que de V. Ex.^a fez o Monarcha
para commandar o benemerito e Valoroso Exercito do Sul, de quem
e de V. Ex.^a esperamos todos em breve a conclusão da desastrosa e
ensanguentada luta, que ha tantos annos nos flagella.

Espero ancioso pela noticia de novos triumphos de V. Ex.^a e com
elles a d'essa anhellada conclusão, reiterando entretanto a V. Ex.^a os
sinceros protextos da minha dedicação, e do affecto e amisade que
consagro á pessoa d'V. Ex.^a a quem

Deos Guarde m.^{tos} annos.

Palacio do Governo de Santa Catharina 3 de junho de 1843.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Senr. Marechal de Campo Barão de Caxias.

Provsio e da Prov.^a de S. Pedro e Com.^{te} em Chefe do Exercito
do Sul.

O Prisd.^o Antero J. Ferreira Brito — R em 19 de Agosto de 1843.

XIII

Ill.^{mo} Snr. — Pela Barca de Vapor — Pernambucana — recebi os
officios de V. S.^a de 26 de Junho, e de 4 do corrente, que logo trans-
mitti ao Governo Imperial.

Felício-me com os Amigos da Ordem, e da prosperidade do Im-
perio pela nova e assignalada vantagem obtida pelo Exercito do Sul
em Santa Maria Chica sobre os rebeldes, e agradecendo a V. S.^a as
communicações que me fez sobre este glorioso feito d'armas, lhe re-
pito o pedido de continuar-me as noticias do Exercito, assim como
de levar ao conhecimento do Ex.^{mo} Snr. General em Chefe a expressão
do meo regosijo pela continuação dos seus progressos a bem da pa-
cificação dessa Provincia.

Deos Guarde a V. S.^a. Palacio do Governo de Santa Catharina
18 de Julho de 1843.

Ill.^{mo} Snr. Domingos José Gonçalves de Magalhaens — Secretario
do Governo da Prov.^a de São Pedro.

O Presid.^o Antero J. Ferreira Brito.

XIV

Ill.^{mo} Snr. — Os presos constantes das duas relações inclusas pertencem á essa Provincia donde vierão para cá remettidos sem esclarecimentos, e quasi tumultuariamente sem duvida por causa das desgraças, que sobre ella pesão. Entretanto jazem aqui nas fortalezas, e o Governo mesmo não sabe, o que d'elles faça por falta de esclarecimentos, e informações, que infelizmente aqui não se podem obter. Recebi por isso ordem para examinar a respeito de cada hum se tem ou não processo e hé este o ponto sobre que rogo a V. S.^a queira responder-me com a maior urgencia, que puder. E para que as difficuldades a respeito de huns não prejudiquem aos outros, espero que V. S.^a me vá transmittindo as informações relativas a cada hum á proporção que as fôr colhendo.

Si alem deste quesito V. S.^a souber mais qualquer coisa a respeito de cada preso fará grande serviço em communicallo, maximé se essa circumstancia puder conduzir a conhecer se elle pode ou não ser aproveitado no serviço do Exército.

Nas relações, que envio, fiz escrever tudo quanto pôde aqui saber a respeito d'elles para facilitar a V. S.^a as folhas corridas, emais indagações, que lhe forem necessarias para dar a informação que ora lhe depreco.

Deos Guarde a V. S.^a

Secret.^a da Pol.^a 28 de Outubro de 1843.

Ill.^{mo} Sñr. D.^{nr} Chefe de Policia do Rio Grande do Sul.

Eusebio de Queirós Coitinho da Camara

Resposta dos presos do Rio Grande do Sul, existtentes na Fortaleza da Lage.

Sebastião Guedes d'Azevedo, veio de Porto Alegre na Barca=Triunfo da Inveja = em 27 de Dezembro de 1841, foi preso em Campos, em acção, no lugar denominado = Piquiri = no dia 25 de Novembro do m.^{mo} anno, pelo Tene.^o Coronel João Propicio: nãofoi à presença d'Authoridade alguã, e foi logo remettido para a Cadêa de Porto Alegre d'onde embarcou para Barca em que veio para esta Côte; e logo, que chegou, foi para a Fortalesa da Lage, onde se acha.

José Roiz de Paiva	Idem
Innocencio da S. ^a Ferrão	Idem
Xisto Soares do Rego	Idem
João Lucas Albornoz	Idem
Vasco Lages da Rosa	Idem

Maximiliano Roiz. Ferr., veio da mesma Cid.^a, no m.^{mo} navio, foi preso em sua casa em 28 de Outubro de 1841, na Povoação chamada S. Gabriel, pelo Tent.^o Coronél Fran.^{co} Pedro; e remettido à presença de

Ceára e d'ahi para bordo do B.e Andorinha no m.^{mo} dia ao antecedentes em tudo o mais como elle.

Manoel Ignacio Alves Idem

Joaqm J.^o Domingues, veio da m.m^a Cidade foi preso em casa, na Frega de S. Fran.^{co} de Paula, no dia 24 de Abril de 1841, plo Cap.^{ao} Juca Grande, e logo remettido á presença, digo á prisão de Porto Alegre sem que fosse á presença de Authorid.^e alguã sendo remettido ao R. Grd.^e, e recolhido á presiganga em 1.^o de Obro. de 1842, e depois embarcou em 29 do m.^{mo} na Charrúa Amphitrite, em que veio para esta Côrte; e no mais como os outros.

José Baptista, veio da m.m^a Cid.^e, foi preso no dia 5 de M.ço de 1842, em occasião, que hia para sua casa no lugar chamado Camacuan, P'huma partida do Tent^e Coronel Fran.^{co} Pedro: não foi á presença de Authorid.^e alguã, e foi logo para a Cadêa de Porto Alg're, e d'ahi remettido ao R. Grande p.^a a Presiganga d'onde passou para a m.^{ma} Charrúa, em que veio p.^a esta Côrte, e no mais como os outros.

Joaq.^m Roiz, veio da m.^{ma} Cid.^e, foi preso no dia 4 de Julho de 1842, no lugar denominado = Incruzilhada = por huma partida do Tenet^e Coronel José Joaquim, foi á presença do Brigadeiro Felipe Nery, e remettido p.^a a Cadêa de Porto Alegre, e d'esta para o Rio Grd.^e para a Presiganga, d'onde embarcou na m.^{ma} Charrúa; em que reunirão os outros, e em tudo o mais como elles.

Antonio Modesto, veio da m.^{ma} Cid.^e foi preso em 30 de Ag.t^o de 1842, em sua casa no Destricto de S. Gabriel, no lugar chamado S.t^a Maria: não foi á presença de Authorid.^e alguã foi logo depois de preso pelo Tent^e Coronel Jo.^e Joaq.^m remettido á prisão de Porto Alegre, e depois remettido para a Presiganga do R.^o Grd.^e, d'onde embarcou p.^a a Charrúa em que veio para esta Corte; e no mais como os outros.

Antonio Tadéo, veio da mesma Cid.^a, foi preso em 12 de Junho de 1840, em sua casa, no lugar chamado = Irahý = P'huma partida do Tent.^e Coronel José Joaquim, foi á presença, do Brigadeiro Fellippe Nery, e depois p.^a a prisão de Porto Alegre, e no mais como o antecedente.

José Joaquim d'Ornellas, veio de Porto Aleger ,foi preso em 18 de Junho de 1841, no Campo na occasião, que comandava a Pal.^a dos rebeldes, pelo Tent.^e Coronel José Joaquim, e levado á presença do Brigadeiro Fellippe Nery, e d'ahi p.^a a Cadêa de Porto Al.^e, e no mais como os ourtos.

José Furtado França, veio da m.^{ma} Cid.^e foi preso em 13 de 10br.^o

de 1841, na sua casa, no Districto da V.^a da Encrusilhada, no lugar denominado = Capivari = por huã partida do Tent.^o Coronel J.^o Joaq.^m; declarou que foi positivam^{te} preso P. mandado do Brigadeiro Fellippe Nery, à presença de quem foi, depois p.^a a Cadêa do R.^o Pardo, no mais como o antecedente.

Marcos dos Santos, veio da m.^{ma} Cid.^o e foi preso em 10br.^o de 1841 em sua casa, no Districto da m.^{ma} Cid.^o por huã partida do Tent.^o Coronel J.^o Ignacio Ourives, e logo á Cadêa, e no mais como os antecedentes.

Vicente Ferr.^a Lima, veio de Porto Alegre, foi preso em 23 de 10br.^o de 1841 em sua casa, no Districto d'Aldea, por huã partida do Tent.^o Coronel Fran.^{co} Pedro; não foi à presença de Authorid.^o alguã, e logo remettido á prisão 11 de Porto Alegre; e no mais como os outros.

Felix Vieira, veio do Rio Grande, foi preso no dia 23 de Fev.^o de 1842, no campo em hum encontro, que teve com huã partida do Tent. Coronel Procopio, no lugar denominado = Serrito = foi à presença d.^o Procopio, e d'ahi para a presiganga, d'onde embarcou em hum Vapor, cujo nom ignora, o qual o trouxe para esta Côrte, no dia 14 de M.^o do m.^{mo} anno; e logo, que aqui chegou foi para a fortaleza de Vellegaignon, e d'esta para a da Lágé, onde se acha.

José de Paula Silveira Idem

Domingos Barboza, veio de Porto Alegre, foi preso no dia 23 de Junho em sua casa no lugar denominado Capella das Dores: não foi à presença da Authorid.^o alguã, foi preso por huã partida do Tent.^o Coronel Francisco Pedro, e logo remettido à presença digo à prisão da m.^{ma} Cid.^o e d'esta prisão para a Presiganga do R.^o Grad.^o; e no mais como os primer.^{os}. —

Conforme

Joaquim José Mar.^a Maia.

Copia Relação nominal dos individuos vindos do Rio Grande do Sul, presos na Fortaleza de Santa Cruz.

João Nunes Pacheco
Manoel Ignacio dos Santos
João Vargas
José Faustino Ramos
Benito da Silva Queimada
Francisco X.^{er}
Firmino Bandeira
João Francisco Correia
José Francisco

Manoel de S.^{ta} Catharina
Tristão Bento da S.^a
Fellippe de São Tiago
José Pedroso d'Almeida
Manoel José de Sena
Manoel José

Quartel General da Côrte 22 de Agosto de 1843 = Manoel Jorge Rodrigues —

Conforme

Joaquim José Mar.^a Maia

Ill.^{mo} Sñr.

Por amigos da Repartição da Justiça datado de 25, e 28 d'Agosto d'este anno me foi ordenado, que fizesse deportar os seis individuos, Italiano Salvador Consiglio, e Hespanhois Miguel Leano, José Parra, Francisco Peña, Francisco Arroyo e Francisco Morales, o que teve lugar partindo elles n'este mez, mas como tais individuos (cujos signáis incluso remetto a V. S.^a) podem tornar á este Imperio, tocando em algú dos Portos dessa Provincia; por isso rogo a V. S.^a se digne providenciar, á fim de q. se elles ahi apparecerem sejão logo capturados.

Deos Guarde a V. S.^a Secretaria da Policia 3 de Outubro de 1843

Ill.^{mo} Sr. D.^{or} Chefe de Policia
Provincia do Rio Gr.^a do Sul.

José Mattoso de Andrade Camara

Copia José Parra, branco, n.^{al} da Hespanha, id.^o 29 an.^s, casado, Marcineiro, olhos pardos, cabellos pretos, rosto regular, nariz afilado, barba serrada.

Francisco Peña, branco, n.^{al} da Hespanha, id.^o 42 an.^s, casado, Latueiro, cabellos pretos, com alguns brancos, rosto comiprd^o nariz regular, barba serrada.

Miguel Leaño, branco, n.^{al} da Hespanha id.^o 26 an.^s, Casado, sapa-teiro, olhos pardos, cabellos castos, rosto comp.^{do}, nariz pequeno, barba serrada.

Francisco Arroio, branco, n.^{al} de Cadiz, id.^o 36 an.^s, solte.^o, Charu-teiro, olhos peq.^{nos}, cabellos cast.^{os}, rosto comp.^{do}, nariz afilado, barba regular.

• Fran.^{co} de Moralles, branco, n.^o 1 da Ilha de Leão, id.^o 22 an.^o, solt.^o Pombeiro, olhos encovados pequenos e scintillantes, cabellos pretos e corridos, rosto comp.^{to}, e descarnado, nariz rgular, barba preta e serrada.

Salvador Consyglgio, branco, n.^o 1 de Napoles, id.^o 29 an.^o, solt.^o Cozinhheiro, olhos pardos, cabellos pretos, rosto redondo, nariz regular, barba serrada.

Illm.^o Snr. — Em additamento ao meo officio de 28 de Outubro próximo passado, remetto a VS.^a segunda via do dito officio, ás qual acompanhão mais duas cópias das declarações que os ditos prezos d'essa Provincia fisérão que sem duvida muito facilitarão a VS.^a as folhas corridas e mais indagações, que lhe forem necessárias para dar a informação já pedida.

Deos Guarde a VS.^a

Secretaria da Policia 9 de Novembro de 1843

Ill.^{mo} Snr. D.^{or} Chefe de Policia do Rio Grande do Sul.

Eusebio de Queirós Coitinho Mattoso da Camara

Cópia/Respostas dos prezos do Rio Grande do Sul; existentes na Fortaleza de Santa Cruz.

João Nunes Pacheco. — veio de Porto Aelgre na Charrúa = Amphitrite = foi preso d'entro da mesma Cidade de Porto Alegre, em 26 de Dezembro de 1841, pelo Tenente Coronel Cabral, e remettida à prisão da praça foi a presença do Tenente Coronel Francisco Pedro, chegou aqui em dezembro de 1842, e removido para a Charrúa 16 de Março, e d'esta para a Fortaleza de Santa Cruz, em 11 de Março de 1843, onde se acha.

Manoél Ignácio dos Santos, — veio da m.m.^a Cid.^o e na m.^{ma} Charrúa, foi preso em sua casa em 6 de Outubro de 1842, no distr.^o da Barra, pertencente á Villa Nova do Triunfo, por huma partida do Tent.^o Coronel Fran.^{co} Pedro: não foi a presença de Authorid.^o, alguã e remettido na m.^{ma} ocasião em que foi preso á prisão do antecedente, e sempre tem estado juntos.

José Faustino Ramos, — veio da m.^{ma} Cid.^o no m.^{mo} navio, foi preso em 30 de Março, de 1841, no passo de Camatim, na occasião em que pretendia reunir-se aos Rebeldes, pelo Tent.^o Coronel Fran.^{co} Pedro, e levado á presença do Ex.^{mo} Presidente Saturnino, e depois seguiu os m.^{mos} passos dos antecedentes.

Fran.^{co} X.^{er}, veio de Porto Alegre, na m.^{ma} Charrúa, já preso em sua casa em 18 de Janeiro de 1842, no lugar denominado = Lages = pelo Commandante de Policia Plias Borges, remettido á presença ao Ex.^{mo}

Presidente Saturnino, e depois conduzido á Cadeia da m.^{ma} Cid.^o, e removido para a prisão ao Batalhão 11, e d'ahi para bordo da Charrúa, que o trouxe, e no mais como os outros.

Firmino Bandeira, — veio da m.^{ma} Cid.^o, no mesmo Navio, foi preso em 23 de Outubro de 1842, no passo da Freg.^a Nova, por huma partida o Fran.^{co} Pedro: não foi a presença de Authorid.^o alguma, e em tudo o mais como o antecedente.

João Francisco Correia, foi preso com Manoel Ig.^{cio} dos St.^{os}, e andarão sempre juntos, até o lugar onde existem.

Tristão Bento da S.^a Idem

José Fran.^{co} — foi preso em sua casa, em 5 de Março de 1842, no lugar chamado Freg.^a do Lageado, pelo Tent.^o Coronel Mello Bravo, foi a presença do Tenente Coronel José Joaquim em Rio Pardo, remetido a Porto Alegre, para a prisão do Batalhão 11, e d'ahi p.^a bordo da Charrúa em que veio com os outros.

Felipe de S. Tiago — veio de Porto Alegre no mesmo Navio, foi preso no dia 21 de Fevereiro de 1844, no lugar chamado Camacuan, indo em procura de hum filho, que estava com os Rebeldes, pelo Tenente Coronel Fran.^{co} Pedro: não foi a presença de authorid.^o alguma, sendo logo depois de preso conduzido á Cadeia de Porto Alegre, e no mais como os outros.

Manoél José, — foi preso no m.^{mo} dia, e no mesmo lugar, pelo Tent.^o Coronel Francisco Pedro; e em tudo o mais como o antecedente.

Manoél José de Souza — veio da m.^{ma} Cid.^o, foi preso em 12 de Abril de 1842 no districto de Porto Alegre, pelo Tent.^o Coronel Quintiliando José de Moura, em ocasião que vinha apresentar-se a Legalid.^o e levado á presença do Ex.^{mo} Presid.^o Saturnino, e remetido para a prisão do B.^m 11, d'onde embarcou para a Charrúa em que veio para esta Côrte, e tem estado nas mesmas prisões dos antecedentes.

Bento da S.^a Queimada, — veio da mesma Cidade, no m.^{mo} Navio, foi preso no dia 8 de Outubro de 1842, no districto do Boqueirão, pertencente á Porto Alegre, pelo Tent.^o Teodoro, foi a presença do Tent.^o Coronel Francisco Pedro depois conduzido á Cadeia da dita = Cid.^o e tudo o mais como o anteced.^o

Conforme

Joaquim José Mor.^a Maia.

XVI

Il.^{mo} Snr. — G. — Recolhendo-me no dia 16 do corrente de uma viagem que fiz a Lages, e a Santa Vitoria sube ali que Portinho se apresentara com um bando armado na Cruz Alta; que ali imposera a contribuição de 50 p % sobre o valor de todas as mercadorias existentes em poder de particulares, a qual cobrará violentamente, assim em numerario como em generos, e que quando se retirava pela Picada de São Martinho fôra attacado por forças do Coronel Jeronimo Jacintho, desbaratado, e obrigado a abandonar o fruto de suas rapinas; mas que com agente que depois pode ainda reunir, continuava a opprimir, e a devastar o referido Districto da Cruz Alta. Rogando a V.S.^a que leve o conhecimento de S.Ex.^a o Snr. Barão Presidente e Comandante em Chefe o que levo dito, lhe rogo tão bem a continuação das noticias sobre operações militares.

Deos Guarde a V. S.^a Palacio do Governo de Santa Catarina 17 de Novembro de 1843.

Ill.^{mo} Snr. Domingos José Gonsalves de Magalhaens
Secretario do Governo da Provincia de São Pedro.

O Presit.^a Antero J. Ferr.^a Brito

XVII

Ill.^{mo} Snr. — O Chefe de Policia da Corte em officio de 28 de Outubro, que recebi no dia 3 do Corrente, me depreca para dar cumprimento a huma ordem do Governo, que me informe se há ou não Processo contra os individuos constantes das relaçoens que me enviou, e que remeto por Cópia, assim como sobre o mais que se contem nas mesmas relaçoens. Tenho expedido as ordens convenientes aos diferentes Juizes para obter os esclarecimentos que neles possão existir, entretanto, como tem sido pratica seguida desde o principio do rebelião que os aprisionados pelo Exercito ou Partidas da Legalidade sejam remetidos a Prezidencia da Provincia, e por esta enviados para a Corte ou para outra Provincias, sem que as Authoridades Criminaes ou Policiaes tenham nisso, alguma intervenção, e seja natural que essas remessas feitas pelos diferentes Chefes tenham vindo accompanhadas de informações sobre o comportamento e m.^a algumas circunstancias relativas a esses prizioneiros, por isso tomo a liberdade de rogar a V.S.^a se sirva fornecer-me todos os esclarecimentos que constarem nessa Secretaria, e que se referirem aos individuos incluídos nas duas relaçoens.

D.^aG.^a a VS.^a m.^a as Secretaria da Policia em Porto Alegre 4 de Dez.^{br} de 1843 =

Illm.^o Snr. Dr. Domingos José Gonsalves de Magalhaens.

D. Secretario da Prezidencia desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo

Chefe de Pol.^a a m.^{ma} Prov.^a

Relação Nominal dos prezos, que se achão na Fortaleza da Lage, vindos da Provincia do Rio Grande do Sul =

Sebastião Guedes de Azevedo, cazado, foi cadete dos 4.º e 5.º Regimento de Cavallaria dizem me que deo baixa em 1832 dando em seo lugar hum homem de nome Diogo José, Português; serviu bem a legalidade como soldado e como Capitão da Guarda Nacional. Passou se para o srebeldes quando se passou o Senr. Brigadeiro Bento Manoel; ao serviço desta chegou a Major. Consta-me que como rebelde sempre protegia os Legalistas como por exemplo a familia do Senhor Brigadeiro Felipe Nery a quem salvou das aggressoens que lhe pretendia fazer o Menino Diabo. Tem 40 anos de idade boa organização fizica, e tenho observado ter boa conducta.

Maximiano Rodrigues Fernandes, solteiro foi sargento do 5.º Regimento. Consta-me que dando baixa do serviço vivia de negocio e que no principio da revolução apresentou-se a legalidade e que prestou serviços nas Forças do Senr. Brigadeiro Bento Manoel com quem depois se passou para os rebeldes, onde chegou a Major; tem de 44 a 40 anos de idade e observei que é muito doente. Dizem não ser influente naquelle partido.

Domingos da Silva Barboza, solteiro, e estancieiro; sou informado que servira com os rebeldes no posto de Major, mas que muito antes de ser prezo já se achava em sua caza retirado do serviço: não consta que fosse homem influente naquelle partido. Tem mais de 50 anos de idade e máo estado fizico.

Joaquim José Domingues, indio, solteiro, servira com os rebeldes como soldado. Tem de 23 a 24 anos de idade e máo estado de saúde, pois o tenho visto deitar sangue pela boca.

Jozé Baptista, Paulista, que vindo com negocio ao Rio Grande, foi encontrado por huma partida da Legalidade a qual apoderando-se do que trazia o predeo como rebelde. Diz ser cazado. Terá 30 anos de idade de bom estado fizico. O que fica dito hé extraído de conversações que tem tido com os demais prezos pois não hé conhecido por nenhum dos rebeldes do Rio Grande.

Joaquim Rodrigues, indio, solteiro, servia aos rebeldes como soldado. Tem 15 a 16 anos de idade e bom estado fizico. Tendo-lhe conhecido optima conduta. =

Antônio Modesto, indio, solteiro, servia aos rebeldes como soldado. Tem 16 a 18 anos de idade bom estado fizico, boa conducta.

Antônio Thadéo, solteiro, e estancieiro, servia aos rebeldes na

qualidade de Tenente, e informão-me que não era dos influentes naquelle partido. Terá de 36 a 38 anos de idade, e optimo estado fisico. Dizem e mesmo tenho observado que tem muito boa conducta.

Jozé Rodrigues de Paiva, solteiro, foi sargento de Melicias d'Entre Rios; era carreteiro (segundo me informão) e actualm.^o Capitão dos rebeldes. Não me consta que tenha sido máo homem. Tem de 30 a 32 anos de idade e de debilorganização fisica.

Innocencio da Silva Ferrão, cazado, e estancieiro, servia aos rebeldes no posto de Capitão, mas dizem-me que fora sempre favoravel aos Legalistas, e que andava naquelle partido para conservar seus bens e familia, pois tudo existia entre os rebeldes. Tenho observado que tem boa conducta. Hé de 40 anos de idade é aleijado do braço esquerdo procedido de huma queda de cavallo.

Xisto Soares do Rego, solteiro, dizem que estando sempre occulto, para não servir aos rebeldes, forão seus pais obrigados a dar conta delle e que entrando no serviço chegara ao posto de Tenente Adjuncte. Dizem-me não ter influencia entre os rebeldes. Tem de 30 a 32 anos de idade e má organização fisica.

João Lucas Alberrás, cazado e estancieiro sou informado que foi prezo pelos rebeldes e obrigado a servir na qualidade de Tenente, a cujo serviço costumara sempre subtrahir-se. Affirmão-me que hé homem de bem e muito passivo. Tem de 39 a 41 anos de idade e boa organiazção fisica.

Jozé Joaquim Dornelles, cazado, estancieiro, com imensa familia. Consta-me que na qualidade de Tenente dos Rebeldes, commandava a Policia do Distrito de Santo Amaro onde protegia os Legalistas e suas familias. Hé aleijado do braço direito por ter cahido de huma arvore em humas pedras. Na Secretaria da Guerra existem requerimentos que tem feito a M. M. I. e com elles Documentos que justificão suas tendencias pela Legalidade.

Vasco Lopes da Roza, solteiro, e vivia com seus paes, dizem-me que foi obrigado a servir com os rebeldes, onde chegando ao posto de Tenente dizertou duas vezes, rezultando-lhe ser prezo, posto a ferros, e que da segunda estivera para ser fuzilado por ordem de Crescencio. Tem de 28 a 30 anos de idade, bom estado fisico, e tenho observado que tem boa conducta.

Inocencio Antonio Borges, cazado, estancieiro, servio com os rebeldes no posto de Tenente dizem-me não ter influencia entre elles e que conserva attestado de diversos Chefes das Forças da Legalidade

com que comprova sua adesão á mesma mas que por motivos de conveniência vivia e servia com os rebeldes. Tem 36 a 39 anos de idade, e bom estado fisico.

Jozé Furtado França — cazado, estabelecido, servia com os rebeldes no principio da revolta (negando-me informação) e logo depois quebrando uma perna retirou-se a sua caza onde vivia pacificamente e foi mandado buscar por ordem do Senhor Brigadeiro Felipe Nery, afirmando-me alguns dos prezos que fora para prehencher o lugar de hum que fora solto. Hé de 50 anos de idade aleijado da perna direita.

Marcos dos Santos, cazado, e dizem ser muito pobre, e ter numerosa familia e aqui vivendo em sua Caza, perto de Porto Alegre e tendo para isso huma Portaria do Prezidente da Provincia o senhor Saturnino de Souza, fora prezo por huma partida Legal e conduzido como rebelde. Tem 60 anos de idade hé aleijado da mão esquerda e da perna direita procedido de ferimento recebido na Ação de Sarandi.

Vicente Ferreira Lima — solteiro, e dizem os outros prezos ser filho unico de viuva e que vivia em companhia de sua mãe sem que já mais tivesse servido aos rebeldes. Foi prezo em sua caza e conduzido como rebelde. Tem 16 a 17 anos de idade, de bom estado fisico, e tenho observado que tem optima conducta.

Manoel Ignacio Alves, Indio, cazado e não tem menos de 70 anos de idade vivia (segundo me informão) de tocar carretas. Hé aleijado do braço esquerdo e dizem os outros que viera em lugar de hum rebelde que fora solto.

Felix Vieira, solteiro, e estancieiro, muito rico residente no Estado Oriental; hé Major dos rebeldes e consta-me que sendo prezo em 1840, fora anistiado por ocasião da Coroação de S. M. I. e que retirando-se voltara novamente ao serviço rebelde, do qual se retirava depois por desinteligência que tivera com Neto. Afirmão me que estava vivendo ultimamente em sua caza, e que fora prezo em São Francisco de Paula, vindo vender gado. Consta-me ter grande influencia nas margens do Jaguarão. Tem mais de 40 anos, de bom fisico.

Jozé de Paula Silveira, solteiro, estancieiro (segundo me informão) residente no Estado Oriental. Afirmão-me os outros prezos que nunca servira com os rebeldes e que fora prezo em São Francisco de Paula que ali vivia em companhia de Felix Vieira por ser socio no gado que aquele trazia para vender. Tem de 34 a 36 anos de idade e tenho observado que hé muito doente.

Fortaleza da Lage 22 de Agosto de 1843.

• Dr. Jozé Carlos da Camara — Ten.^{te} C.^{el} Coman.^{do} Int.^r = Confor-
me o Secretario Int.^r Vicente Ferr.^a da Mota Piragibe.
Conforme — Vellozo.

Relação Nominal dos individuos vindos do Rio Grande do Sul,
prezos na Fortaleza de Santa Cruz.

João Nunes Pacheco
Manoel Ignacio dos Santos
João Vargas
José Faustino Ramos
Bento da Silva Queimado
Francisco Xavier
Fermino Bandeira
João Francisco Corrêa
Manoel de Santa Catarina
Tristão Bento da Silva
Felipe de Sam Tiago
Jozé Pedrozo d'Almeida
Manoel Jozé de Sena
Manoel Jozé

Conforme: Joaquim José Moreira Maia.
Conforme — Vellozo.

XVIII

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Depois que começou a crise, porque ainda
está passando a Republica Oriental do Uruguay, tem emigrado para
esta Provincia muitos dos habitantes d'aquelle Estado, e do de Bue-
nos Ayres addidos a Frutuoso Ribera; e conquanto elles pertençam á
classe decente, abastada e polida; e que aqui se tenham todos pacifica
e honestamente confortado; d'entre elles rompeo ha dias o boato, que
a emigração dos Frutistas para o Rio Grande, e com especialidade
para S. Francisco de Paula, é insinuada pelo mesmo Fruto, e para o
fim de ajudarem os emigrados a um rompimento contra a união da
Provincia ao Imperio, quando para isso receberem avizo. Não dou
isto como facto averiguado, porque me faltam meios para a precisa
investigação; mas sendo o Assumpto tão grave, julguei que não devia
occultar a V. Ex.^a o que sobre elle chegou ao meu conhecimento, para
adoptar medidas de cautellas e de repressão se as tiver por necessa-
rias.

Deos Guarde a V. Ex.^a

Palacio do Governo de Santa Catarina 4 de Desembro de 1843.

Illm.^o e Exm.^o Snr. Marechal de Campo Barão de Caxias — Prezi-
dente da Prov.^a de S. Pedro Com.^{do} em Chefe do Es.^{so} do Sul.

O Presi.^{nte} Antero J. Ferreira Brito.

XIX

Illmo. e Exm.^o Snr. — Cumprindo o despacho que de ordem de V. Ex.^a foi proferido no requerimento junto de D. Emilia Ribeiro de Moraes, tenho a informar a V. Ex.^a que, dos assentos da Cadeia somente consta que o preto Manoel de que trata o mesmo requerim.^{to} foi ali entregue no dia 14 de Dezembro d 1841 pelo Alferes encarregado das Prizoens Politicas em consequencia de o dito Alferes haver recebido do então Prezidente desta Provincia hum officio em que isso lhe era ordenado, e que o motivo que se deo para essa prizão foi o de andar o mencionado preto nas ffileiras rebeldes. Consta-me tambem (essa declaração existe nos referidos assentos) que elle hé escravo do cazal da Supl. Eis o que somente posso informar a este respeito, lembrando á vista das circumstancias expostas, que talvez da Secretaria da Presidencia se possa colher mais algum esclarecimen^{to}. D.^o G.^o V. Ex.^a m.^s a.^s Secretaria da Policia em Porto Alegre 20 de Dezembro de 1843.

Illmn.^o e Exm.^o Snr. Marechal Barão de Caxias — Prezidente desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo — Chefe de Policia da m.^{ma} Provincia.

XX

Illm.^o e Exm.^o Senr. — Acabo de receber por 1.^a e 2.^a Via o Officio de V. Ex.^{cia} de 16 do corrente em que me ordena não só que faça as Propostas das Authoridades Policiaes para os Termos de São Borja e Alegrete, que se achão occupados por Forças Imperiais, assim como que indique quais os Bachareis existentes na Provincia que possam ser nomeados Juizes Municipais para os ditos Municipios, e com probabilidade de aceitarem as nomeações. Em resposta tenho a declarar a V. Ex.^a que, havendo a rebelião feito com que se tenham disseminado, e refugiado para diversos lugares pessoas que rezidiam nos diferentes Municipios desta Provincia, de que eu tenha conhecimento, e que reputo aptas para exercerem aquelles cargos, sem que eu saiba se já tem, ou pretenderão recolher-se a seus antigos domicilios, e devendo mesmo depois disso terem-se estabelecidos nos mesmos Municipios outras pessoas que poderão ter as necessárias habilitações, mas que não conheço em consequencia da dificuldade ou mesmo interrupção das communicadas communicações, não posso por isso cumprir de prompto a determinação de V. Ex.^a mas o farei immediatamente que colha alguma enformação. Prevendo, á vista dos esforços e medidas postas em pratica por V. Ex.^a, a próxima terminação da rebelião, solicitei em officio de 22 de Julho do anno passado, do Juiz de Direito da Commarca de Missoens informações relativas ás pessoas habilitadas para os cargos Policiaes e seos Suplentes nos Termos da Cruz Alta, São Borja, e Alegrete, e elle enviou-me pelo que toca ao

Termo da Cruz Alta, assegurando-me que mas mandaria dos outros dois, logo que a elles chegasse, e portanto eu as espero com brevidade, mas entretanto nesta data renovei-lhe a minha solicitação. Pelo que respeita aos Bachareis para exercerem os lugares de Juizes Municipais, cumpre-me informar a V. Ex.^a que, dos que se achão nesta Cidade, nenhum se delibera a acceitar essas nominaçoens havendo recusado já outros de Municipios próximos a esta Cidade, por terem outros empregos ou advogarem, e mesmo hum Francisco Coelho Borges que reside em Rio Pardo sem emprego algum, e que eu pretendia propor a V. Ex.^a para Juiz Municipal de Cassapava, declarou á pessoa que o consultou por informação minha que não lhe convinha por ora acceitar emprego algum desses. A' vista disto, em quanto não houverem Bachareis de que se lance mão, o recurso que há hé nomiar V. Ex.^a para cada hum dos Termos os seis cidadãos de que trata o Artigo 19 da Lei N.^o 261 de 3 de Dezembro de 1841 para servirem como ordena o mesmo Artigo n.^o 33 do Regulamento N.^o 12 de 31 de Janeiro de 1842.

D.^s G.^a a V. Ex.^a m.^s ann.^s Secretaria da Policia em P. Alegre 27 de Janeiro de 1844.

Illm.^o Exm.^o Senr. Marechal Barão de Caxias, Prezidente desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo — Chefe de Policia da mesma Prov.^a

XXI

Illm.^o e Exm.^o Senr. — Chegão frequentemente, e em não pequeno numero, ao Rio Grande, ao Norte, e a esta Cidade, Orientais, Argentinos, Francezes e Italianos, muitos dos quais pretendem seguir para a campanha a titulo de comércio, e de cobrança de dividas provenientes de generos que anteriormente havião vendido fiados para a mesma campanha tanto do Estado Oriental como desta Provincia. Elles vem munidos dos competentes Passapórtes, e até consta-me que embarcações de guerra Brasileiras os conduzem gratuitam.^e para esta Provincia. Ora sendo estes individuos na maior parte, senão na totalidade, pertencentes ao partido de Rivera, e devendo presumir-se que elles seguem com intenção de reunir-se-lhe por esta Provincia em consequencia das dificuldades, e perigos de o fazerem por aquelle Estado, ou seja por mar, ou por terra; rogo a V. Ex.^a se digne esclarecer-me se acazo deve ser permitida a livre sahida mesmo áquelles que constar forem Militares, pois que não estou bem inteirado do estado das relaçoens do Governo Imperial com o Oriental e Argentino.

Deos G. a V. Ex.^a m.^s an.^s Secretaria da Policia em Porto Alegre 16 de Fevereiro de 1844.

Illm.^o Exm.^o Senr. Marechal Barão de Caxias — Prez.^o desta Provincia.

Manoel Paranhos da Silva Vellozo — Chefe de Policia da Provincia.

Illm.^o Senr. — Envio á V. S. os dous autos de visturia incluzos, feitos na Ilha de Fernando; pelos quaes consta terem ali falecido os Prisioneiros, remettidos d'essa Prov.^a para a dita Ilha Manoel Gomes, e Felisberto Soares dos Santos; afim de q' V. S. haja de lhes dar a devida applicação. Deos Guarde á V. S. Secret.^a da Policia de Perne. 18 de Abril de 1844.

Illm.^o Sr. D.^{or} Chefe de Policia da Prov.^a do Rio Grande do Sul.
O Chefe Intr.^o da Pol.^a — Caetano Jozé da Silva Santiago.

Ordeno ao Snr. Escrivão do Almoxarifado desta Ilha, Jozé Roberto Padilha, vá proceder ao necessario auto de vesturia, com as formalidades do costume, no Cadaver do Prizioneiro do Rio Grande do Sul, Manoél Gomes, que faleceo no Hospital Nacional, hoje pelas 9 oras do dia, de hua Hydropezia no ventre, conforme me participa o respectivo Cerurgião, Jozé Soares de Sz.^a, em seo officio, que remeto incluza. Quartel do Commando da Ilha de Fernando 2 de 9br. de 1843.

Antonio Gomes Leal — T.^e C.^{ei} e Com.^{de}.

Illm.^o Senr. Com.^{de} — Tendo falecido hoje neste Hospital pelas nove oras do dia, o Prizioneiro do Rio Grande do Sul Manoel Gomes de huma Hydropizia no Ventre, participo a V. S.^a a fim de dar as suas ordens a tal respeito.

Deos Guarde a V. S.^a Hospital da Ilha de Fern.^{do} 2 de Novembro de 1843.

Illm.^o Senr. Antonio Gomes Leal — Ten.^{te} C.^{ei} Com.^{de}.

Jozé Soares de Souza — Cerurg. Encarregad.^o do H.

AUTO DE VISTORIA

Anos do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oito centos quarenta e tres, aos dez dias do mez de Novembro do dicto anno, nesta Ilha de Fernando Noronha da Provincia de Pernambuco, no Hospital Nacional da dicta Ilha onde eu Escrivão fui vindo, em virtude da Portaria do Senhor Tenente Coronel Commandante da mesma Antonio Gomes Leal, e ao Officio anexo do Facultativo José Soares de Souza, em presença das testemunhas abaixo assignadas, se procedem ao Auto da Vistoria no Cadaver do Prizioneiro Rebelde do Rio Grande do Sul, Manoel Gomes; solteiro, e remetido para este Presidio preso Excellen-

tíssimo Senhor Presidente da Provincia de Pernambuco em Officio datado em dezoito de Março de mil oito centos e quarenta e douz. Chegou nesta Ilha em trinta e um de Março do dicto anno. Entrou no Hospital em douz de Setembro de mil oitocentos e quarenta e trez, e faleceo no dia douz de Novembro do dicto anno as nove oras da manhã, de uma Hidropizia no ventre e verificado de ser o Cadaver Vistoriado e do mesmo Prizioneiro Rebelde assima nomiado lavrei este Auto de Vistoria perante as testemunhas que comigo assignarão, Manoel Marcelino dos Trevas, e Reginaldo Machado d'Oliveira e Eu José Roberto Padilha Escrivão do Almoxarifado, escrevi e assignei.

José Roberto Padilha
M.^o Marcelino dos Trevas
Reginaldo Machado d'Oliveira

Pelas duas oras da tarde de hoje, faleceo no Hospital desta Ilha, o Prizioneiro do Rio Grande do Sul, Felisberto Soares dos Santos, de uma Parlesia e irritação na Bexiga, conforme me participa no incluzo Officio, o Cirurgião Encarregado do m^{mo} Hosp^{al} José Soares de Souza; Ordenou p. tanto a Vm^{oe}, vá proceder no Cadaver ao competente Auto de vistoria com as formalidades estabelecidas. Deos Guarde a V.^{moe}. Q.^{ta} do Commando da Ilha de Fernando Noronha 8 de 8br.^o de 1843

Snr. Jozé Roberto Padilha
Escrivão do Almoxarifado

Antonio Gomes Leal
T.^o C.^o e Com.^{oe}.

Ilm.^o Senr.

Tendo falecido hoje neste Hospital o Prizioneiro do Rio Grande do Sul Felisberto Soares dos Santos pelas duas oras da tarde, de huá Parlizia e enritação na Bexiga, participo a V.S^a afim de dar as suas ordens a tal respeito.

Deos Guarde a VS.^a Hosp.^{al} da Ilha de Fern.^{do} de Noronha 8 de Outubro de 1843

Ilm.^o Senr. Antonio Gomes Leal
Ten.^o Cor.^o Com.^{oe}

Jozé Soares de Souza
Cirurg. Incarreg.^{do} do Hosp.^{al}

AUTO DE VISTORIA

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito sentos e quarenta e tres aos oito dias do mez de outubro, do dicto anno, nesta Ilha de Fernando de Noronha Provincia de Pernambuco, no Hospital Nacional da dicta Ilha, onde eu Escrivão fui vindo em vertude da Portaria do Senhor Tenente Coronel e Commandante da mesma Antonio Gomes Leal, e ao Officio anexo do Facultativo José Soarss de Souza em presença das testemunhas abaixo assignadas, se procedeo ao Auto de Vistoria no Cadaver do Prisioneiro = Rebelde do Rio Grande do Sul, Felisberto Soares dos Santos, Cazado, e remettido para este Presidio pelo Excellentissimo Presidente da = Provincia de Pnambuco, em Officio dactado de desoito de Março de mil oito sentos e quarenta e dous. Chegou nesta Ilha em trinta e um de Março do dito anno, entrou para o Hospital em vinte d'Agosto de mil oito sentos quarenta e tres, e faleceo no dia oito de outubro do dicto anno pelas duas oraz da tarde de uma Paralizia, e irritação na Bexiga; e verificando-se o Cadaver Vistoriado o do mesmo Prisioneiro assima nomiado, lavrei este Auto de Vistoria prante as testemunhas que comigo assignarão = Manoél Claudino de Oliveira Cruz = Gonçalo Augusto, e Eu José Roberto Padilha — Escrivão do Almoxarifado o escrevi e assignei

José Roberto Padilha
Manoél Claud.^o de Oliv.^a Cruz
Gonçalo Augusto

XXIII

Illmo. e Ex.^{mo} Senr. — Tendo recebido o Officio de V. Ex.^{cia} de 2 do mes passado immediatame me derigi a Alfandega e ao Pataxos de Guerra, recommendando toda a fiscalização na sahida dos generos para a Campanha, creio porem que por este modo nada se conseguirá, por que as Canoas que se vão sugeitar a esses registros, são as que não conduzem artigos de suspeita, e não sei mesmo como obstar a esse escandalozo, e criminozo trafico com o immenso littoral, que borda esta Cidade, e com a liberdade de sahir por qualquer parte das trincheiras. V. Ex.^a não egnora as muitas providencias que outr'ora se tomarão para empedir a remessa de recursos para os rebeldes, e se naquella epoca em que a Cidade estava fechada por huã—guarnição forte nada se conseguiu, apezar das rigorosas penas, que se decretarão a esses, considerados contrabandistas, quanto mais agora que falta essa guarnição, e que com mais facilidade se pode sahir da Cidade? O unico recurso de que se poderia lançar mão seria huã constante vigilancia pelas praias, mas como obter essa vigilancia com a pouca tropa que exesiste na Cidade e que apenas chega para o serviço da guarnição?

Inutil seria tambem esperar por huã denuncia, e impossivel enpre-

gar a espionagem pela falta de meios que para esse fim tem a Policia Apresentando a V.Ex.^a estas considerações só tenho em vista livrar-me de qualquer responsabilidade e ao mesmo tempo solicitar de V.Ex.^a providencias que ou não me occorrem ou não podem ser tomadas p.^r esta Repartição. Contudo hirei fazendo quanto esteja ao meu alcance para dar cumprimento as Ordens de V. Ex.^a

Dos G.^a V. Ex.^a

Secretaria da Policia em Porto Ale 18 de Dezembro de 1844

Ilmo e Ex.^{mo} Senr Marechál Barão de Caxias
Presidente desta Provincia

O Chefe de Policia int.^{no}

Manoel José de Freitas Travassos J.

XXIV

(Copia) — Copia N.º 1.º = Ilmº Señr = Accuzo a recepção do officio de V. S.^a datado de hontem em que me communica ter recebido ordem do Señr Dr. Chefe de Policia para fazer reunir alguns homens e os dirigir amim para o fim de se perseguir os bugres que enfestão esse Districto a que respondo que acho mui prudente suas medidas e as que V.S.^a pretende tomar a esté respeito mas enquanto ao ponto de reunião que me falta tenho a dizer-lhe que o Comman^{te} Geral não tem gente disponivel para mandar porem Amaro Rios de Araujo foi com ordem minha reunir gente e a este poderá V. S.^a entregar as pessoas que tiver reunido afim de seguirem na devida delegencia. D.^a G. a V.S.^a V.^a do Triunfo 3 de Fevereiro de 1845

Ilm.^o dr. Francisco Mathias de Souza e Avila subdelegado de Policia da Freguezia de Taquary = Assinado Antonio Francisco de Almeida
Delegado de Policia = Está conforme

O Escrivão Julio Joaquim da Conceição

Conforme

Apolinario Fran.^{co} Ferr.^a Gz

XXV

Copia N. 2 = Ilmo Senr. = Accuzo ter recebido o officio de VS.^a datado de 7 do corrente e que lhe communique o que tenho afazer do Ex.^{mo} Snr. Marechal e do Snr Doutor Chefe de Policia da Provincia para reunir gente e correr os matos toda a frente de traz das fazendas concedidas para evitar algum insulto dos Bugres, e quando os ditos fação algum insulto cahir sobre elles afim de se bater os Bugres oque

hontem se recolhia uma parte a minha aonde acharão vestigio no morro azul, e assim a manhã que se contão 8 segue o meu filho para a Villa abuscar armas i mais cartuchos, e para seguir até os Ervais aver algum vestigio, e assim será bom V.S.^a mandar fazer o mesmo no seo Districto e logo que haja vestigio faça=me avizo eo mesmo eu heide fazer a V.S.^a a fim de seguir em cima dos rastos dos Bugres e vai seguir este rasto que acharão agora e do que ouvir lhe communicarei a VS.^a e que nesta occazião tenho a dizer a VS.^a a q^m, D^a Gr aVS.^a Districto do Triunfo 8 de Fevereiro de 1845 =

Illm.^o Snr. Francisco Mathias de Souza e Avila, Subdeleg de Pol.^a da Freguezia de Taquary = Assignado Amaro Rios de Araujo = Esta conforme o Escrivão

Júlio Joaqm. da Conceição

Confórme

Apolinario Fran.^{co} Ferr.^a G.^o

XXVI

Copia Illm.^o Señr = Accuzo a recepção do officio de V.S.^a data-do de 20 de Janeiro pp em o qual me ordena reuna os Cidadãos deste Destricto que estejam nas circumstancias de marcharem contra os bugres que o tem envadido isto para serem dirigidos sob as ordens do Illm.^o Señr. Delegado da Villa do Triunfo. Em resposta tenho a significar-lhe que logo dei execução as ordens de VS.^a como se vê da copia N.^o 1, porem tendo apparecido os indigenas no dia 20 Janeiro na Fazenda do Cidadão Victorino José Ribeiro onde lhe assassinarão hum escravo que estava falquejando desejava que alli fosse a entrada para serem perseguidos porem isto não se effetuou como se vê da copia N.^o 2 e eu nada pude fazer a bem da segurança daquella Fazenda e seus vizinhos não só porque S. S.^a se encarregou a perseguição dos selvagens ao delegado do Termo como porque houve falta de armamento e munição para semelhante diligencia. Não posso deixar de significar a V. S.^a que não me consta que este districto fosse invadido pelos selvagens, antes do dia 20 de Janeiro dia em que V. S.^a datou o seo officio, e que a requeizção foi feita por presunção para guardar-se lugares que o anno passado forão ameaçadas e que por isso fiquei privado de fazer a perseguição onde elles apparecerão por estar esperando que seria attendida a requisição que fiz ao mesmo delegado. V. S.^a deve estar ao facto que os selvagens todos os Veroens costumão descer a serra e atacão as habitaçoens dos pacíficos moradores, não só deste distr.^o como do Cahy, Santo Amaro & como ultimamente aconteeo nas Fazendas de Fran.^{co} Silvestre Ribeiro, Maria Francisca do Rozario, Amaro Rios eoutros e por isso se torna muito necessario que, o Governo da Provincia tome em consideração estes acontecimentos, e

para prevenilos bom será que se crie hua companhia somente destinada para este fim e que esteja reunida nos mezes de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março, afim andarem e acodir aqualq.º ponto que for ameaçado afim de evitar o dano, e mesmo perseguilos pelo matto, pois sendo elles batidos não se apresentarão tão ousados como ultimam.º tem aconetcido, isto devido ao nenhum cazo que se tem feito dos seos estragos cauzados aos moradores. Enquanto porem esta medida, ou outra que o governo achar conveniente, senão adoptados para que V. S.ª dê suas providencias para que me seja remettido algum armamento e mesmo ordens para reunir os Cidadãos para prevenir o mal que todos os dias se espera, pois neste momento acabo de receber participação que elles apparecerão hontem na Fazenda de Miguel José Cardozo, e pelos indicios que digo e pelos indicios se conhece que andão em grande porção e que tem percorrido toda a costa da serra.

Espero que V. S.ª tome este em consideração porque todos os moradores da Costa de Serra estão amedrontados, e alguns já tem abandonado as suas habitaçoens. Deos Guarde a V. S.ª Taquary 15 de Fevereiro de 1845 Illm.º Snr. Dr. Manoel José de Freitas Travassos J.ºr — Juiz de Direito — Chefe de Policia da Provincia.

Francisco Mathias de Souza e Avila — Subdelegado de Policia.

Conforme — Apolinario Fra.º Ferr.ª G.ºs.

XXVII

Illm.º e Exm.º Sen.º — A paz que V. E. acaba de dar á Provincia, hé por si só hum facto de tanta magnitude, que me impõe o rigoroso, mas grato dever de unir minhas vozes ás de todos, os Brasileiros para o fim de congratular-me com V. E. por hum acontecimento, que interessando tão de perto a Causa da Integridade vai influir poderosamente nos destinos desta Provincia.

Este pois tão importante successo, que abre hum nova era de estabilidade, de ordem, e de prosperidade publica para a Provincia, cubrindo de glória os nobres esforços de V. E., ha de perpetuar no coraçaõ dos Rio Grandenses com o sentimento do mais vivo reconhecimento o nome de V. E., já bastante célebre nos fastos do Brazil.

Consinta portanto V. E. que no meio da manifestação de prazer, que se pronuncia por toda a Provincia eu dirija a V. E. as protestaçoens da minha mais pura e sincera gratidão.

Deos Guarde a V. E. Secretaria da Policia em Porto Alegre 28 de Março de 1845.

Illm.º e Exm.º Senr. General Barão de Caxias — Prezidente desta Provincia.

XXVIII

Cópia — Illm.º Senr. — Julgo do meu rigoroso dever communicar

a V. E.^a que nesta Villa, e seo Termo, se acha um grande numero de homnes Hespanhoes, a pretexto de serem emigrados, sendo a maior parte delles, homens sem officios, e aptos para as armas, não contemplan-do neste numero os Negociantes, nem Artistas; e no caso de haver rompimento de guerra, são elles summamente perigosos. A vista do que V. S.^a de intelligência com o Exm.^o Senr. Presidente da Provincia tomarão a respeito as medidas que entender convenientes, que eu no meo entender supponho que ou recrutalos para o Norte da Piratinip, ou no Norte da Lagoa dos Patos; seria isso conveniente, e mesmo a muitos Brasileiros tãobem emigrados d'aquelle estado, que partilhão nos Negocios d'aquelle paiz, como se fora uma causa propria. Constando o mais que nas fileiras Argentinas servem differentes Brasileiros, e uma grande parte de Orientaes, e quando aconteça aquellas forças pisarem em nosso territorio, e muito de presumir que se lhes reunão em grande camero agente que levo dito, e talvez que os Generaes que comandem as forças inimigas em operação sobre o nosso paiz; em menos cabo ao Direito de Gentes illudão com suas proclamações supposto ainda não tenham apparecido contudo é de esperal-as. Nada mais faço do que prever successos que no futuro podem vir a acontecer, e oxalá que só ficassem em palacios e nada se realizam =

Deos Guarde a V. S.^a Jagoarão 27 de Julho de 1845.

Illm.^o Senr. Doutor Manoel José de Freitas Travassos filho, Chefe de Policia Interino da Provincia e Delegado da Policia = Francisco José Gonsalves da Silva.

Conf.^{me} o Aman.^{se} Fran.^{co} Per.^a Sá Lisboa.

XXIX

Illm.^o e Exm.^o Senr. — Transmittindo a V. Ex.^a por copia o officio que o Delegado do Jaguarão me derigio em dacta de 27 de Julho ultimo, pedindo providencias a cerca do grande numero de Hespanhois que a titulo de emigrados se conservão na quella Villa, tñho de rogar a S. Ex.^a que tornando em consideração as observações feitas por a quelle Delegado, se digne de tomar a aquellas medidas que julgar convenientes.

Deos Guarde a V. E.^a.

Secretario da Policia em Porto Alegre aos 25 de Agosto de 1845.

Illm.^o e Exmo. Senr. Conde de Caxias. Presidente da Provincia.

O Chefe de Policia intr. — Manoel José de Freitas Travassos J.^{or}

XXX

(Copia) — Illm.^o Sen.^r = Ordenando o Exm.^o Sen.^r Presidente ao Tenente Coronel Manoel Luiz Osorio, para recrutar em todos os Districtos da Provincia, a fim de prehenxer-se os 2.^o e 3.^o Regimentos de Cavallaria de primeira Linha, exceptuando do mesmo recrutamento os

Anistiados, que pertencerão ás forssas rebeldes, que tiverem Portarias assignadas por elle, do 1.º de Março em diante, e por este motivo digne-se V. S.^a esclarecer-me, se os mesmos estão ou não sujeitos ao recrutamento para o Corpo Official: sclarecendo em mais qual o numero de recrutas que deve dar este Municipio, e bem assim quem os deve sustentar, até que marchem para o destino, que V. S.^a fôr servido indicar-me = Deos Guarde a V. S.^a Cassapava 19 de Setembro de 1845 = Ilm.^o Senr. Doutor Chefe de Policia da Provincia = Antonio José da Motta e Silva, Delegado de Policia.

Conforme o Aman.^{se} Fran.^{co} Per.^a Sá Lisboa.

XXXI

Ilm.^o e Exm.^o Snr. — Cumpre-me transmittir á V. Ex.^a a incluza Rprezentação da Assembleia Legislativa desta Provincia, dirigida á S. M. I. e Constitucional, expondo os motivos pr. que a Mm.^a Assembleia resolveu demorar a execução da Carta Imperial, pela qual se manda dar posse do cargo de Presidente desta Mm.^a Prov.^a: ao Dr. José de Araujo Ribeiro; afim de que V. Ex.^a se digne leval-a ao conhecimento do Exm.^o Regente do Imperador o Senhor D. Pedro 2.^o — Ds. G.* a V. Ex.^a — Porto Alegre 15 de dezbr.^o de 1335.

Ilmo. Exc. Snr. Antonio Paulino Limpo de Abreu. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio.

1.^a via — (Copia fiel do Livro de "Registo de Officios a Corte — 1831 — 1835", arquivado na Secretaria da Antiga Assembléia Estadual).

XXXII

Ilmo. e Exmo. Snr. — Cumpre-me transmitir a V. Ex.^a a incluza Representação da Assembleia Legislativa desta Provincia dirigida a S. M. I. e C. acompanhada de 13 documentos, Accuzando ao Doutor José d'Ar.^o Ribr.^o por ter tomado illegalmente pösse da Prezidencia da Provincia perante a Camara Municipal da Cidade do R.^o Grande, afim de q. V. Ex.^a se digne leval-a ao conhecimento do Exm.^o Regente do Imperio em nome do Imperador o Snr. D. Pedro 2.^o:

Ds. Ge. a V. Ex.^a.

Pto. Al.^o 9 de Fevr.^o 1836 — Ilm.^o e Exm.^o Snr. Mel. Alz. Branco, Ministro e Secret. d'Estado dos Negocios da Justiça.

(Copia fiel do livro de "Registo de Officios a Corte — 1831-1835" (*), arquivado na Secretaria da antiga Assembleia Estadual.

(*) — Os ofeios copiados, entretanto, vão até março de 1836.

XXXIII

Ilm.^o Exm.^o Sr. — A' Assembleia Legislativa da Provincia de S. Pe-

dro do Rio Grande do Sul faz presente o Of.º que em dacta de 24 do mez findo lhe dirigio V. Ex.ª, e em resposta louvando a Assmblea os Patrioticos sentimentos de que V. Ex.ª se acha animado em prol da segurança, e integridade do Imperio, muito cordialmente lhe agradece o vivo interesse que mostra tomar pela paz, e tranquillidade de uma Provincia irmã, e amiga. Cumpre todavia a Assembleia ponderar a V. Ex.ª, que o maior serviço que pode prestar tanto a esta, como á sua Provincia, e ao Imperio em geral, e que a Assembleia espera de sua sabedoria e prudencia, é a observancia da mais stricta neutralidade, e a nenhuma intervenção de força armada em nossas questões civis, visto que ao Governo Provincial não fallecem aqui forças para conter os desordeiros, e uma tal intervenção só serviria de agravar os malles, tornando-os talvez irremediaveis. A Assembleia ouviu com magoa a narração dos excessos, que V. Ex.ª lhe diz, terem sido praticados e pela força estacionada no ponto das Torres; e com quanto se persuada que a taes excessos derão causa os inesperados movimentos expedicionarios dessa Provincia, sente todavia que elles se praticassem, passa a recommendar ao Poder Administrativo da Provincia que de todas as providencias do seu alcance para evitar que se reitem, e para que se-jão punidos os que os houverem commettido; ficando V. Ex.ª certo de que não só haverá d'ora em diante inteira liberdade no transito das duas Provincias limitrofes, e commercio, como tambem que não será interceptada uma só correspondencia, nem insultados os correios; mas antes será muito escrupulosa, e inviolavelmente guardado o segredo das Cartas, e protegidos os correios.

Quanto á retirada das forças do ponto das Torres é medida por ora inexequivel não só por que tal força no estado actual da Provincia se torna necessaria para garantir as promessas que a V. Ex.ª acaba de fazer a Assembleia, como tambem para prevenir, e obstar que passem para essa Provincia, e vão perturbar a paz e socego, de que ella goza, os criminosos, e desordeiros, que com a fuga procuram evadir-se á punição da Lei; mas logo que cesse uma tal necesidade, será satisfeita a requisição de V. Ex.ª a semelhante respeito. Ds. g.º a V. Ex.ª Paço da Assembleia Legislativa da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul em P.º Al.º aos 3 de Março de 1836.

Illm.º Ex.º Sr. J.º Mariano de Albuq.º Cavt.¹

Presid.º da Prov.ª de S. Catharina.

M. P. Rib.º

Serafim dos Anjos França

J. de P. Mag. Calvet.

(Copia fiel do Livro de "Registro de Officios a Corte — 1831 — 1835", arquivado na Secretaria da antiga Assembléia Estadual.)

XXXIV

Ilm.º e Exm.º Snr. — Envio a V. Excia. a incluza Representação com 2 Documentos, q. a Assembleia Legislativa desta Provincia dirige ao Governo Imperial manifestando o estado enq. se acha esta Provincia, por não ter querido o Dr. Je. d'Ar.º Ribeiro vir tomar posse da Presidencia da Prov.ª perante a Authorida. competente, afim deq. V. Excia. haja de apresentar ao Exm.º Regente em nome do Imperador Sr. D. Pedro 2.º

Ds. Ge. a V. Ex.ª

Porto Al.º 21 de Mç.º de 1836.

Ilm.º e Exm.º Sr. Antonio Paulino Limpo de Abreu — Ministro e Secret.º. d'Estado dos negocios do Imperio.

1.ª via — (Copia fiel do Livro de "Registro de Officios a Corte — 1831 - 1835," arquivado na Secretaria da Antiga Assembléia Estadual.)

XXXV

Ilm.º Snr. — Havendo a Assembleia Legislativa Provincial nomeado p.a irem em Comm. á Corte os Deputados Provinciais Dr. Marciano Per.ª Ribr.º e Dom.ª Je. d'Almd.ª, deliberou em Sessão d'hoje q. se communicasse ao Exm.º Sr. Vice-Prez.º da Prov.ª tanto esta nomeação como a necessid.º de q. S. Ex.ª lhes forneca e faça fornecer todos os documentos que os mesmos Deputados requizitarem a bem da missão q. lhes foi encarregada; o que de ordem da Mma. Assembleia communi-co a V. S.ª p.ª levar ao conhecimt.º de S. Ex.ª (*)

Ds. Ge. Pt.º Ale. 24 de Fevr.º de 1836.

Ilm.º Snr. J.º Luiz Vicente da Costa, Secretario- int.º do Gov.º de Provincia.

(Copia fiel do Livro "Registro de Officios ao-Governo da Provin-cia — 1830 a 1836", arquivado na Secretaria da antiga Assembléia Esta-dual.)

(*) — Infelizmente o livro de Atas da Assembléia, do ano de 1836, desapareceu. Provavelmente foi destruido na época, pois, ali, figura-vam as resoluções da Assembléia Revolucionaria. Por isso não ficamos sabendo quais os motivos que levaram a Casa a enviar à Côrte aqueles dois deputados que, entretanto, não seguiram, ao que parece. — W. Sp.

XXXVI

PROCLAMAÇÃO

Valentes Republicanos! O valor e bravura marcial q'aveis dezem-volvido em todas as crizes esobre tudo na batalha do immortal dia 12 do corr.º, sera em letras indeleveis transmetida amais remota pos-

teridade: derrotada completamente a melhor força que restava aos retrogrados, pouco nos falta avencer para banirmos de nosso sollo os infames satelites da tirania.

Compatriotas! O mais temivel inimigo com que ora temos delutar em nos existe é refrear os excessos de paixões irritadas pela prever-sidade de nossos inimigos: sei vos sobeja arazão de ardente desejo de vingança que vos devora, pelas iniquidades, traições, e emjustiças de que haveis sido victimas, emilhares de Patriotas que ão inermes socumbido as maos de seus verdugos: porem me dital o torbilhao de males a que seremos arrastados se dermos dezemvolvimento a particulares vinganças, esobre tudo que nos trabalhemos para firmar a felicidade de nossa Patria, eos tiranos conhecendo para sempre aperdem, aquerem reduzir arruinas emizerias.

E pois forço que os Patriotas que vencendo mil deficuldades tem sustentado a cauza da Liberdade, tributem mais este sacrificio, no altar da Patria q' altamente a reclama, com o que confundindo nossos debeis inimigos, nos tornaremos respeitados das Nações que em nos tem depositado suas vistas.

Afera anarquia em trodizada nas fileiras dos retrogrados as faz mutuamente delacerar: este patente espelho, eos beneficios que delle nos rezulta, emais e mais nos deve fazer respeitar os actos emmanados das authoridadee constetuidas, deixando=as livremente exercerem amição deque as temos incumbido certos que nao deixarão em punes a os verdadeiros criminozos. Conhecedor de vosso character docil e generoso, já me ufano de serem saptisfeitos os ardentes votos de vosso Patricio amigo e fiel ocmpanheiro.

Viva a Liberdade! Viva o Governo Republicano! E Vivao os sustentadores da Independencia do Continente!

Qel. General avista da Cidade 21 de Agosto d'1337.

Antonio de Souza Netto

(Copia do original arquivado no Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul.)

DOCUMENTO HISTÓRICO

"Eis a integra do officio em que o então Conde de Caxias transmitta ao promotor publico da Comarca de Rio Pardo a amnistia aos bravos revolucionarios de 1835.

"Para sua intelligencia, e execução; remetto a Vm. a inclusa copia do Decreto de 18 de Dezembro de 1844.

Deus Guarde Vm. Palacio do Governo em Porto Alegre, 15 de abril de 1845. Conde de Caxias.

Sr. promotor publico da Comarca da Villa de Rio Pardo. — Recorrendo á Minha Imperial Clemencia aquelles de Meus subditos, que illu-

didos, e desvairados, tem sustentado na Provincia de San Pedro do Rio Grande do Sul, huma causa attentatoria da Constituição Politica do Estado, dos Direitos de Minha Imperial Corôa, firmados na mesma Constituição, e reprovada pela Nação inteira, que leal, e valorosamente se tem empenhado em debella-la; e não sendo compativel com os sentimentos de meu coração o negar lhes a paternal protecção a que os ditos Meus subditos se acolhem arrependidos: Hei por bem conceder a todos, e a cada hum delles, plena e absoluta amnistia, para que nem judicialmente, nem por outra qualquer maneira, possam ser perseguidos, ou de alguma sorte inquietados plos actos que houverem praticados até a publicação deste Decreto nas diversas Povoações da referida Provincia. Manoel Antonio Galvão, de meu Conselho Ministro Secretario do Estado dos Negocios da Justiça o tenha assim entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em 18 de Dezembro de mil oitocentos e quarenta e quatro, vigessimo terceiro da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador, Manoel Antonio Galvão. Está conforme. João Bandeira de Gouvêa. Conforme. Domingos José Gonçalves de Magalhães. — Secretario do governo".

(Copiado do extinto "Jornal do Commercio" de Porto Alegre, n. 164, de 30 de julho de 1890, pelo dr. Manuel Duarte.)

ALGUNS DOCUMENTOS SÔBRE 1835 — A POSSE DO DR. ARAUJO RIBEIRO

OTELLO ROSA

A documentação histórica, no Rio Grande do Sul, anda lamentavelmente esparsa. E dá-se, entre nós, um fato interessante: não existindo um arquivo, um repositório de documentos, onde seja possível um exame completo e total de uma época, ou mesmo de um episódio da evolução gaúcha, por tôda a parte encontrámos dispersos, desarticulados, documentos históricos... Por simples acaso, muitas vezes, um estudioso vai deparar, onde menos esperava, um elemento de estudo, inutilmente procurado aonde deveria estar. E não raro êsse estudioso é forçado á revisão de um ponto de vista, em face de tais surpresas.

A explicação, parece-me, está nisso: o ciume dos particulares de conservarem em seu poder quaisquer papéis que porventura lhes tenham chegado às mãos, por maior que seja o seu interêsse histórico. Ao conselho de os entregarem ao Museu do Estado, do Arquivo Público, ou ao Instituto Histórico recusam-se sempre, preferindo mantê-los nas suas gavetas, fechando a sete chaves, ou então a fazer presentes... a outro particular, que os aferrolhará também, por mais algum tempo.

Os próprios historiadores não se lurtam a essa inania: cada um deseja ardentemente organizar um arquivo próprio, personalissimo, mantendo sôbre êle um silêncio tumular, até que surja a oportunidade de desnortear um confrade com a dramática exibição de uma carta, de um decreto, de um officio, de uma certidão, de que êle, e só êle, tinha conhecimento...

Durante a minha vida, muitos documentos vieram ter às minhas mãos. E eu fiz precisamente o que estou agora increpando aos outros: guardei-os. Invóco, porém, circunstâncias atenuantes: primeira, a de necessitar dêsses documentos para estudo; e, segunda, a de não haver ainda, entre nós, um arquivo histórico em que seja possível encontrar documentos devidamente catalogados, e, portanto, em condições de consulta rápida e segura. De qualquer forma, detenho-os a título precário: a entrega dêsses documentos ao Instituto Histórico oportunamente será feita.

Início hoje, nas páginas da Revista, a publicação de alguns. Di-

zen. respeito à denegação de posse, pela Assembléia Provincial, ao Dr. José de Araujo Ribeiro, presidente do Rio Grande do Sul, nomeado em substituição ao Dr. Antônio Rodrigues Fernandes Braga, que a vitória da revolução de 20 de setembro compelia a deixar o cargo.

Tenho êsse momento como decisivo, de importância culminante, na revolução farroupilha. A denegação de posse ao Dr. Araujo Ribeiro parece-me um movimento político, organizado subterrânea e habilmente, e cuja análise e compreensão não de um dia esclarecer os verdadeiros propósitos dessa "revolução visceralmente republicana", como a chamou Homero Batista.

Há quem sustente ainda que o movimento de 20 de setembro tinha apenas o fim de depôr as autoridades da Província. Renasceu, depois, por circunstâncias imprevistas. Não partilho dessa opinião. E considero a denegação de posse ao Dr. Araujo Ribeiro como o recurso de que se valeram os republicanos para, contornadas certas dificuldades do momento, imprimir continuidade e expansão á luta, na consecução dos seus verdadeiros intentos.

Observe-se a redação dos officios dos juizes de paz, e das representações, que em seguida vão publicadas: a identidade de redação está a denunciar um plano comum, cuidadosamente elaborado, o que é confirmado ainda pelo teor das informações prestadas pelos referidos juizes de paz ao vice-presidente em exercício, Dr. Marciano Ribeiro. E reflita-se, ainda, sobre o texto quase sibilino do officio do Chefe de Polícia, Vicente Ferreira Gomes, ao officio de Araujo Ribeiro, comunicando-lhe que se empossava na cidade do Rio Grande.

O officio do juiz de paz de Sant'Ana, Felisberto José da Silva, tem uma nota de interesse: a referência expressa à existência de um partido republicano, a quem o signatário attribue a responsabilidade da denegação da Assembléia Provincial.

A publicação integral desses documentos trará novos elementos de estudo, creio eu, dessa verdadeira *hora crucial* da revolução farroupilha. E é com êsse fim, apenas, que os publico. As conclusões virão depois. Cumprindo-me assinalar que o officio do Chefe de Polícia e do juiz de paz de Sant'Ana são documentos pertencentes ao Arquivo Público do Estado.

Illmo. Sr.

Agora sei que em todos os destritos desta Cidade se estão reunindo os seus moradores, pedindo aos Juizes de Paz respectivos, que se suste a posse do Dr. José de Araujo Ribeiro, nomeado Presidente da Província, até que o Governo Central approve a Revolução do dia 20 de Setembro do corre. e confirme todas as medidas tomadas depois dela; pr. isso o faço saber a V. S. afim de que a Assembléa Provin-

cial tome as medidas, que julgar convenientes. Deos guarda a V. S.^a
Porto Alegre, 9 de Dezembro de 1835.

Illmo. Sr. Secretário da Assembléa Provincial.

Vicente Ferreira Gomes,
Juiz do Dir.^o e Chefe de Policia interino.

Illmos. Snrs.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. V. Sas. a inclusa Representação que os Cidadãos de meu distrito reunidos me apresentam, a vista da qual V. V. Sas. hajão de deliberar com a sua innata justiça.

Deos guarde a V. V. Sas.

Porto Alegre 9 de dezbro. 1835.

Illmos. Snres. Representantes da Provincia.

Vicente S. da S.^a França,
Juiz de Paz do 1.^o Distro. desta Cide.

Illmo. Sr. Juoz de Paz do 1.^o districto.

Os Cidadãos deste Districto, vem representar a V. Sas. que tendo noticias de que vai dar posse do novo Presidente o Dor. José de Araujo Ribeiro, e não sendo compativel com o estado Politico da Provincia qe. ella se verifique sem que o governo Central approve a revolução de 20 de Setembro, e confirme ás medidas tomadas depois della vem a representar a V. S. pa. q. haja de dirigir-se a Assembléa Provincial afim de a ella tomando ensua Alta Consideração o expellido haja de anuir aos votos dos supes. e de toda a Provincia.

R. Mce.

Illmos. Snres.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vas. Sas. a inclusa Representação qe. os Cidadãos do nosso disricto reunidos me apresentarão, á vista da qual Vas. Sas. hajão de deliberar com a sua inata Justiça. Deos guarde a Vas. Sas.,

Porto Alegre 9 de Dezembro 1835

Illmos. Snres. Representantes da Provincia.

Luiz Ignacio Pereira de Abreu,
Juiz de Paz do 2.^o Distro.

• Ilmo. Snor. Juiz de Paz do Centro

Os Cidadoens que se achão reunidos neste Destrito vem reprezentar a V. Sa. que tendo noticia da q. se vai dar posse ao novo Presidente o Dor. Jozé de Araujo Ribeiro, não sendo compativel com o estado politico da Provincia que ella se verifique sem que o Governo Central approve a revolução de 20 de Septembro, e confirme as medidas tomadas depois d'ella vem reppresentar a V. Sa. p.^a qe. haja de dirigir-se a Assembléa Provincial afim de que ella tomando em sua alta consideração o expendido haja de annuir aos votos dos suppes. e detoda a Provincia.

E R M

Ilmo. Snr.

Tenho ahonra delevar ao conhecimento de Vas. Sas. a incluza Re-
prezentação qe. os cidadãos do meo Destrito reunidos me apresentarão,
á vista da qual Vas. Sas. hajão de deliberar com a sua inata Justiça.
Deus guarde a Vas. Sas.

Porto Alegre 9 de Dezembro 1835

Ilmos. Snres. Representantes da Provincia

Ignacio José de Abreu
Juiz de Paz do 3.^o Destr.^o

Ilmo. Snor. Juiz de Paz de 3.^o Destr.^o.

Os Cidadãos que se achão reunidos neste Destricto vem repre-
zentar a V.^a S.^a que tendo noticia de que se vai dar posse ao novo
Presidente a Dor. J. de Ar.^o Ribeiro, e não sendo compativel com o es-
tado Politico da Provincia qui ella se verifique sem que o Governo
Central approve a Revolução de 20 de Septembro, econfirme as medi-
das tomadas depois d'ella, vem reppresentar a V. S.^a p.^a qui haja de
dirigir-se a Assembléa Provincial, a fim de que ella, tomando em sua
alta consideração o expendido haja de annuir aos votos dos Supes., e de
toda a Provincia.

E. R. Mer.

Ilmo. Snr.

Fiz presente a S. Ex.^a o Snr. Vice Presidente da Provincia o offi-
cio de V. S.^a datado de hoje, e em resposta me ordena o mesmo Exmo.
Snr. envie a V. S.^a a copia do officio do interino Chefe de Policia em
virtude do qual expedio a circular junta por copia aos Juizes de Paz
desta Cidade e que declare outro sim a V. S.^a que logo que elles o in-
formem sobre o que houver occorrido serão remetidas as informações

a V. S.^a para serem presentes a Assembléa Legislativa Provincial. Deos guarde a V. S.^a

Porto Alegre, 9 de dezembro de 1835.

Illmo. Snr. Dor. Francisco de Sá Brito Junior,

José Luiz Vicente da Costa

Illmo. Sr.

De ordem de S. Ex.^a o Sr. Vice Presidente desta Provincia, envio a V. S.^a as copias incluidas dos officios que acabo de receber dos Juizes de Paz desta Cidade, para serem presentes a Assembléa Legislativa Provincial.

Deos guarde a V. S.^a.

Porto Alegre 9 de Dezembro de 1835

Illmo. Doutor Francisco de Sá Brito Junior.

José Luiz Vicente da Costa

Copia

Illmo. e Exmo. Snr. Accuso recebido o officio de V. Ex.^a que exige eu o informe sobre huma reunião de Cidadãos no meu Destricto cuja reunião foi participada a V. Ex.^a pelo Juiz do Direito Chefe de Policia interino desta Cidade; a cujo respeito tenho a honra de informar a V. Ex.^a que hoje pelas nove horas da manhã se reunirão na eza de minha rezidencia muitos Cidadãos do meu Districto dezarmados, e com todo o respeito me entregarão huma Representação para eu levar ao Conhecimento da Assembléa Provincial pedindo se suste a posse ao Doutor José de Araujo Ribeiro nomeado Presidente da Provincia até que o Governo Central approve a Revolução do dia 20 de Setembro e confirme todas as medidas tomadas depois della; cuja Representação logo a levei ao Conhecimento da Assembléa, havendo os Representantes acompanhando-me na melhor Ordem possivel, sem ter havido a menor alteração no succedego Publico, não só neste Districto como em toda a Cidade, porque tendo havido as mesmas Representações nos mais Districtos, e tendo-me reunido com os mais Juiz de Paz seguimos para a eza da Assembléa aonde entregamos os referidos. Representações, e ainda nos achamos a espera da decisão da mesma Assembléa.

Hé o que se me offerece a informar a V. Ex.^a a tal respeito. Deos guarde a V. Ex.^a Porto Alegre nove de Dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco.

Ilmo e Exmo. Snr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro Vice Presidente desta Provincia.

Vicente José da Silva França — Juiz de Paz do 1.º Districto desta Cidade.

Está conforme

No impedimento do Secretario
José Luiz Vicente da Costa

Copia.

Ilmo. e Exm.º Sr. Em resposta ao officio que V. Ex.ª me derigiu hoje acerca de outro que remetteo o chefe de Policia interino sobre a representação dos habitante desta Cidade a fim de que se suste a posse do Doutor José de Araujo Ribeiro nomeado Presidente desta Provincia até que o Governo Central aprove a revolução de 20 de Setembro do corrente, confirme as medidas tomadas depois della; cumpre-me dizer a V. Ex.ª que tudo he verdade, que os moradores do meu districto se me apresentarão desarmados com uma representação sobre isto aqual com um officio meu enderecei ao Secretario da Assembléa Provincial. Quanto as medidas de policia que V. Ex.ª me recomenda posso afirmar a V. Ex.ª que por ora não ha mais do que o que tenho expendido, e que empregarei todo o meu cuidado afim de que se não altera o socego publico. Deos guarde a V. Ex.ª.

Porto Alegre 9 de Dezembro de 1835.

Ilm.º e Exm.º Sr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro, Vice Presidente — Luiz Ignacio Pereira de Abreu, Juiz de Paz do 2.º Districto do Centro.

Está conforme.

No impedimento do Secretarie — *José Luiz Vicente da Costa.*

Copia.

Ilmo. e Exm.º Snr. Em resposta ao officio que V. Ex.ª me dirigio hoje acerca de outro que remetteo o Chefe de Policia Interino sobre a representação dos habitantes desta Cidade, afim de que se suste a posse do Doutor José d'Araujo Ribeiro nomeado Presidente desta Provincia athe que o Governo Central approve a revolução de 20 de Setembro do corrente anno, e confirme as medidas tomadas depois della: cumpre-me dizer a V. Ex.ª que tudo hé verdade, e que os moradores do meu Districto se me apresentarão desarmados com uma representação sobre isto, a qual com officio meu inderecei ao Secretario da Assembléa Provincial. Quanto as medidas de Policia que V. Ex.ª me recomenda, posso afirmar a V. Ex.ª que por ora não á mais do que o que tenho expendido, e que empregarei todo o meu cuidado, afim

de que se não altere a Ordem, e o socego Publico — Deos Guarde á V. Ex.^a

Porto Alegre 9 de Dezembro de 1835.

Illm.^o e Exm.^o Snr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro, Vice Presidente da Provincia — Ignacio Jozé de Abreu, Juiz de Paz do 3.^o Districto.

Está conforme.

No impedimento do Secretario — *José Luiz Vicente da Costa.*

Illmo. Exmo. Snr.

Não podendo ser indifferente á indigna repulça qe. hum infame Partido Republicano existente na Capital de Porto Alegre, fez a V. Ex.^a no dia 10 do mez de Dezembro do anno proximo passao denegando-lhe com injuria das Leis everdadeira indignação dos bons Brasileiros, alegitima posse da Presidencia desta Provincia, etendo este Partido Republicano dado as mais decezivas e incontestaveis demonstrações doseu espirito desorganizador, cumprindo com os deveres domeu cargo, dei na data de ontem as providencias neceçarias para todos os cidadãos domeu Districto debaixo do Comando do Capm. João de Azevedo Souza, marcharem como immediatante vão marchar sobre aquela Capital, afim de combaterem aquele Partido qe. tantos males tem feito desta Provincia e proteger a Posse de V. Ex.^a qe. todos osverdadeiros eonrrados Rio Grandenses dezejão verrefetuada. Deos Guarde a V. Ex.^a Freg.^a de S.^a Anna 10 de Janeiro d' 1836.

Illmo. Exmo. Snr. Doutor José de Araujo Ribeiro.

Muetissimo Prezide. Nomeado pa. esta Provincia.

Felisberto Jozé da Silva
Juiz de Paz Suplente.

Illmo. e Exmo. Snr.

Recebi o officio de V. Ex.^a de 16 do passado, em qe. me participa haver tomado posse da Presidencia no dia 15 e me recomenda a manutenção do socego da Capital; de cujo conteudo fico inteirado. Aproveito a ocasião p.^a participar a V. Ex.^a, qe. apretexo de se dar posse a V. Ex.^a (que já não era disputada) se preparou huma sedição na Freguezia de Sta. Anna tendo o seu desenvolvimento na de S. Leopoldo, onde as cabeças dos facciosos chegarão a Medir os encautos colonos, e persuadirão a alguns a abraçar o seu partido; mas convencidos á tempo dos tramas que se lhes maquirarão, abandonarão o campo, e deixarão os revoltosos entregues a sua realidade. O ex-Vice-Presidente mandou formar o competente processo, e se achão presos

P. isso o Brigadeiro Carneiro, e outros; evadindo-se ao rigor das leis alguns; mas fique certo V. Ex.^a que não me pouparei afadigas para os apprehender. A Capital se acha na mais perfeita tranquillidade, e nada havendo que se possa receiar, eu peço e rogo a V. Ex.^a que quanto antes venha p.^a ella, não só para que se aquietem alguns animos inda desasocegados com a posse emprevista de V. Ex. n'essa Cidade, como para me poupar trabalhos, que são superiores a minha capacidade.

Deos guarde a V. Ex. Porto Alegre 1.^o de Fevereiro de 1836.

Illmo. e Exmo. Sr. Dor. José de Araujo Ribeiro.

Vicente Ferreira Gomes,
Chefe de Policia Interino.

GONÇALVES DIAS E A REVOLUÇÃO DE 1835

OTELLO ROSA

É um fato que eu creio geralmente ignorado: o de que Gonçalves Dias, o grande poeta brasileiro, tenha escrito um hino à pacificação do Rio Grande do Sul, de 1.º de março de 1845.

Entretanto, escreveu-o. Na edição, de 1939, de "**Poesias Americanas**", páginas 124 a 126, encontra-se, integralmente, a poesia de Gonçalves Dias, com a data: "Caxias (Maranhão), 9 de maio de 1845".

Quer pela sua duração, quer pelo perigo em que colocou o Império, em certas fases do seu desenvolvimento, quer ainda pela situação especial do Rio Grande, de Província Fronteiriça, a revolução farroupilha centralisara a atenção de todo o país.

E creou mesmo, algumas vezes, momentos de verdadeiro pânico nacional. A vitória dos farrapos em Rio Pardo, por exemplo, fez desencadear no parlamento brasileiro séria campanha contra o governo imperial. E quando Garibaldi, em seguida à tomada de Santa Catarina, varreu com os seus lanchões as costas do Brasil, abeirando-se do porto de Santos fazendo prêsas de vulto, um arrepio de susto e de revolta agitou perigosamente a capital do Império, determinando providências imediatas e enérgicas do poder público — de que seriam excelentes executores o marechal Soares d Andréa e o almirante Mariath e que teriam como consequência o malogro da efêmera República Juliana, e a retirada dos farroupilhas da Província lindeira.

Eram desses dias de apreensões certas tentativas, quasi desesperadas de pôr termo à luta, como a daquele célebre projeto de Ferreira França, na Câmara dos Deputados, propondo o reconhecimento da República de Piratini e a imediata **federação** do Rio Grande do Sul ao Império...

Lá na sua distante cidade de Caxias, Gonçalves Dias compreendeu a significação da paz, finalmente convencionada, entre farroupilhas e imperiais.

E cantou-a. Em um hino que não estará, talvez, à altura da sua inspiração, do seu gênio, mas em que ele fixou o seu júbilo cívico pelo fim da contenda prolongada e sangrenta — hino que vamos reproduzir nas páginas da nossa **Revista** pela sua curiosidade, pois que estamos nos preparando para comemorar o centenário do fato histó-

rico da pacificação. Nessa reprodução, é bem de vêr, seguimos estrita e rigorosamente a fôrma adotada pelo poeta.

A RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Acorda — acorda — o Vate! Eis que alegria
Do profundo cismar vem distrair-te,
E — cheio de prazer — em meio às turbas
Palpitantes de amor — arremessar-te.
Exulta, ó Vate, exulta! ergue o teu canto,
Esse teu canto recendendo aromas
Serenos — como a brisa, e tão suave,
Como orvalho do céu.

Não vês? — Se a grande enchente arrasa o leito
Do mesquinho regato — as ondas fervem
Contra a riba impotente, e longe cobrem
A esmeraldina côr dos vastos campos!
O terno sabiá desata o canto
Apenas o sentir lhe aperta e oprime
O estreito coração. — Exulta, ó Vate!
E' tempo — acorda — o teu cantar desfere
Como a enchente — profundo; e meigo como
Trinar do sabiá!

Anos e anos padeceu mesquinho
O Rio Grande — uma provincia inteira
Aparelhada de horror — tristeza — e luto —
Involta em maldições — involta em pranto!
Ali — negra discórdia — o facho aceso
Vibrou sanguinolenta; ali sentou-se,
E soberba reinou por longo espaço
A raiva se ateou; quem tinha braço
E espada que vibrar, vibrava a espada —

Quem tinha dores que sofrer — sofreu-as;
Quem olhos tinha que vertessem pranto,
Pranto amargo verteo! — Assim cançou-se
O braço; — e o coração, mais pura a vista,
Por que se adelgaçava o véu das lágrimas,
Quanto pode encherger — descortinava...
O que? — destruição — incendios — mortes!
Ruínas fumegantes... — Com tal vista
Creou a nova dôr lágrimas novas —
Crearam nova fôrça arfados peitos
Que a tantos anos de sofrer viviam!

Então por sôbre os combros derrocados,
Por sôbre os feixes d'armas bi-partidos,
Entre montãos — de extintos insepultos —
Errava o incerto pé da mãe, da espôsa —
Tremendo de encontrar feições queridas
Na face involta em pó — colada ao sangue!
Aqui chorava a filha, e contra o peito
Mil e mil vezes apertava o exangue
Paterno rosto de palor tingido,
Na delirante dôr julgando-o vivo.

E a espada caiu do braço armado,
E o canhão não soou rugir de morte,
Eram todos irmãos — sofriam todos!

Nós, Caxienses, nós — também sofremos,
Do fraterno lidar o fel amargo
Provado hemos também. — Assim mais leda,
— Irmãos na mesma dôr — será nossa alma —
Mais intenso o prazer, mais alto os vivas.

Mas vêde! Como o sol, brilhante e claro
No frescor da manhã — dourando as nuvens,
A prole de Bragança — ei-la que nasce,
E a discórdia civil — raivando ulula,
E o civil batalhar soberbo — infrene
O extremo arranco soluçou raivoso.

Acorda! Acorda! — ó Vate: eis que a alegria
Do profundo cismar vem despertar-te,
E cheio de prazer — em meio às turbas
Palpitantes de amor — arremessar-te.

Caxias, 9 de maio de 1845.

BREVES NOTAS SÔBRE A FUNDAÇÃO DE BAGE'

A. DO PRADO SAMPAIO

O Diretor do Arquivo Público do Estado, A. do Prado Sampaio, em pesquisas na Repartição que proficientemente dirige, encontrou interessantes dados sobre a cidade fronteiriça de Bagé. E, a nosso pedido, organizou o trabalho que se segue, e que, com prazer inserimos nas páginas de nossa Revista.

Como se sabe, a região em que assenta a cidade de Bagé estava, em fins do século XVIII, sob a jurisdição de autoridades espanholas do Rio da Prata.

Em 1801, Portugal, agredido pela Epanha, entra em guerra com esse País.

E a luta que então deflagra, entre os dois povos, na Europa, propaga-se à América, no mesmo ano.

Um punhado de bravos, 40 ao todo, capitaneados por Borges do Canto, invade o território das Missões e, em pouco tempo, conquista-o para a Corôa Portuguesa.

E não é só.

Ao Sul, forças continentinas, transpondo as velhas fronteiras do então território de S. Pedro, acometem o inimigo, levam-no por diante, até Sérro Largo, arrebatando, por essa fórma, ao dominio espanhol extensa região da qual faziam parte os rincões de Santa Tecla e Cavalhada.

Comandou-as o valoroso coronel, mais tarde marechal de campo, Manuel Marques de Souza, avô do Conde de Pôrto Alegre.

Mas a guerra na Europa não iria longe: termina, ainda, em 1801, e a paz é celebrada pelo tratado de Badajoz, sem restituição de territórios conquistados na América.

Eis como os rincões de Santa Tecla e Cavalhada entraram para o dominio da Corôa Lusa.

Anos depois, este último rincão — o da Cavalhada — a Junta da Real Fazenda arrendou a José Francisco Muniz Fagundes.

É o que se vê no respetivo termo de arrendamento:

“Aos vinte e um dias do mês de Agôsto de mil oitocentos e cinco, nesta cidade de Pôrto Alegre, no Tribunal da Junta da Real Fazenda

desta Capitania, estando presentes o Exm.^o Presidente e mais Deputados, mandou a mesma Junta trazer a pregão em praça pública o arrendamento do rincão da Cavalhada, que foi de Sua Majestade Católica e hoje pertence a Sua Alteza Real, immediato ao de Santa Tecla, que terá duas léguas de comprido e légua e quarto de largo, tomado aos espanhóis na próxima passada guerra de mil oitocentos e um, para o efeito de arrendar a quem por êle mais dêsse, tendo andado a lanços em praça mais dos dias da lei, o maior lance que houve foi o que offereceu José Francisco Muniz Fagundes da quantia de quatrocentos mil réis por tempo de seis anos etc.” (1)

Mas, em 1810, êste rincão e o de Santa Tecla passaram ao dominio particular, em virtude de D. João 6.^o os ter concedido ao Vice-Almirante Paulo José da Silva Gama.

A concessão foi feita a título de compensação, por se ter suprimido uma pensão que o mesmo Vice-Almirante, depois Barão de Bagé, recebia do erário real.

Eis o teor dela no decreto que dispõe a respeito:

“Atendendo ao que me representou Paulo José da Silva Gama, Vice-Almirante de minha Real Armada: — Hei por bem e por graça especial que não servirá de exemplo fazer-lhe mercê da propriedade dos dois rincões de Santa Tecla e Cavalhada no Rio Grande de São Pedro do Sul, em compensação da tença de trezentos mil réis anuais que leva na Folha da Casa das Carnes de Lisbôa; cujo vencimento ficará cessando da data dêste em diante. O Conselho da Fazenda o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários mandando passar ao dito Paulo José da Silva Gama os competentes títulos sem embargos de quaisquer Leis, Regulamentos ou disposições em contrário. Palácio do Rio de Janeiro, em 5 de Junho de 1810. Com a rubrica do Principe Regente” (2)

Deu-se, então a posse do concessionário no referido imóvel, sendo-lhe esta transmitida pela citada Junta da Real Fazenda a 12 de Março de 1811.

A situação dos rincões foi posteriormente verificada, no processo de medição promovido pelo coronel Teodoro da Silva Gama, na qualidade de descendente do Barão de Bagé.

Segundo declarações do agrimensor, capitão Hermes Ernesto da Fonseca, mediam eles, cento e setenta e um milhões e quatrocentos e cincoenta mil braças quadradas, conforntando “pelo Norte, com o arroio Piraisinho; pelo Noroeste, com o arroio Pirai Grande, até o Rio

(1) Documento apresentado nos autos de ação de libelo cível proposta por Joaquim do Nascimento Alves Nobrega contra José Joaquim de Quadros e outros.

(2) O decreto foi transcrito em certidão que se encontra nos autos da ação mencionada na nota anterior.

Negro; pelo Sul com o mesmo Rio Negro e Quebrachinho, até o Nordeste, com o sêro de Santa Tecla". (3)

Em 1811 a chama da insurreição começava a arder no Rio da Prata. Era o prelúdio da emancipação das colônias espanholas.

Os acontecimentos inspiraram ao governo da metrópole a providência de se mandarem forças nossas à Banda Oriental.

Para êsse fim, foi organizado um exército denominado "pacificador", que teve por comandante o capitão general D. Diogo de Souza.

A ala esquerda do mesmo, sob o comando do marechal de campo Manuel Marques de Souza, transpôs o Rio Negro, indo acampar no rincão de Santa Tecla, próximo aos sêros de Bagé, nome que deriva de Ibagé, chefe de uma tribo de índios que aí habitava desde fins do século XVII.

Com efeito, em carta de 26 de Janeiro de 1811, do referido marechal, dirigida a D. Diogo de Souza, consta:

"No último do ano, ao poente do Rio Negro, expedi a V. Excia., em direitura para Camaquã a Pôrto Alegre, a carta datada do dito dia em que participava algumas noticias de Montevidéu. Pouco depois tive outras particulares de andar V. Excia. em marcha para Rio Pardo; a qual me fez demorar a participação de haver firmado, a 4 dêste mês, o acampamento na imediação ao nascente dos sêros de Bagé, onde se está procurando, com atividade, reparar as ruínas do Parque, que é maior do que eu cheguei pensar, e ao mesmo tempo, com a mesma diligência, cobrir do rigor da presente estação e, talvez, da futura, se for necessário. Já está feito de madeira o Hospital, e arranjando-se no melhor possível nas comodidades. Vou dar princípio a um armazem e um galpão para recolher o Parque, o qual tenho conservada, alguns dias, dentro d'gua". (4)

Êsse acampamento teve destino providencial: deu lugar à formação de um aglomerado humano que, rápido, se desenvolveu e do qual resultaria, em futuro próximo, a garrida e futura cidade de Bagé.

Entre 1811 e começo de 1812, foi erigida uma capela de palha, sob a invocação de São Sebastião, "no local onde hoje se encontra um dos mais suntuosos templos do Estado, a bela Matriz, construída, em 1863, pelo habil arquiteto sr. José Obino".

Não consta que o proprietário dos rincões de Santa Tecla e Cavalhada haja doado local algum para a fundação de Bagé.

Nem houve desapropriação de qualquer área para êsse fim.

Não obstante isso, o Presidente da Província autorizou a Câmara Municipal dali, por offício de 25 de Abril de 1869, a fazer me-

(3) A medição foi feita em 1856 e a sentença que julgou o processo reconheceu o direito dos herdeiros do Barão de Bagé. Oferecidos embargos pelo tenente-coronel Antonio Lemos de Sampaio e outros, o juiz competente os regeitou em sentença que foi confirmada na instância superior.

(4) Revista do Arquivo Público, sob n.º 3, pags. 7 e 8.

dir e demarcar 4.500.000 braças quadradas para logradouro público da cidade.

Aliás, essa Câmara já havia inscrito, em seu nome, no registro paroquial, para êsse fim, em 1.º de Julho de 1865, os terrenos contíguos à sede da então vila.

“Em virtude do que é disposto pelo Aviso do Ministério do Império de 13 de Janeiro dêste ano, a Câmara Municipal desta Vila de Bagé, por seu procurador abaixo assinado, declara: que tem pedido para logradouros públicos desta Vila, como consta de várias de suas vereações, e de officios dirigidos à Presidencia da Provincia a respeito, como seja entre outros o de 28 de Março de 1848, os terrenos adjacentes a esta mesma Vila, fóra da demarcação para pagamento da décima urbana que tem defendido como tais, e são os seguintes: Ao Norte todo o terreno que se acha desde o limite marcado para o dito pagamento da décima urbana até o extremo Norte da chacara que foi de João Francisco de Rezende, e que está compreendido entre os dois Arroios a Leste e Oeste do mesmo terreno dentro do qual existem encravadas as chacaras que seguem: a sobredita, que foi de João Francisco de Rezende, com oitocentas braças de circunferência, pouco mais ou menos; a de Laurinda Francisca Pereira, constando de um quadrado de cem braças; a da viuva Carlota de Rezende com mil e novecentas braças de circunferência; e a de Sérgio Ignacio de Vasconcellos. — Ao Sul o terreno entre as chacaras de Pedro Rodrigues de Borba, a que foi de João Thomaz Farinha, a de José de Assis Candal, e a de Ismael Soares da Silva, desde a caída dos Sérros de Bagé até o arroio que passa ao Oeste desta mesma Vila —, perto do qual no dito terreno se acha a chacara da viuva do índio José com duzentas e cincoenta braças quadradas. — A Leste e além do arroio de Bagé, o terreno entre as chacaras de Ignacio Batalha e a de João Laureano de Aguiar, e uma sanga que nasce ao Sul desta última chacara e passa por detrás da casa de Bento José Lopes. — Ao Oeste o terreno que se acha sobre êsse lado da Vila, entre o arroio que passa imediatamente a êsse mesmo lado, e as chacaras seguintes: a que foi do Major de Engenheiros José Maria Pereira de Campos, a de Eleutério José Pereira, as que foram do Major Ignacio Peixoto do Prado e de Francisco José dos Reis (esta com duzentas braças de circunvalação, encravada no dito terreno), até enfrentar o limite noroeste da referida chacara do dito Major Ignacio Peixoto do Prado. — Vila de Bagé primeiro de Julho de mil oitocentos e cincoenta e cinco — O Procurador Genuino Cezario Nunes. — Foi apresentada esta declaração a dois de Julho de mil oitocentos e cincoenta e cinco. — O Vigário Lourenço Cazas Novas” —.

Mas, sobrevindo reclamações dos sucessores de Alves Nobrega

(5), resolveu o governo imperial, por aviso de 8 de Agosto de 1887, que não mais se aforassem terrenos ali, ordenando, também, que se depositasse a importância dos forós que fossem sendo arrecadados, até que os interessados liquidassem seus direitos com os ocupantes dos terrenos em questão.

E como em 1898 perdurasse ainda o receio de que os sucessores do concessionário dos rincões de Santa Tecla e Cavalhada intentassem reivindicar a área pretendida, o assunto — terrenos de Bagé — foi examinado por uma comissão que se cumpunha de Tertuliano A. da Silva Machado, Cândido Tavares Bastos e Francisco J. Ferreira Camboim Filho.

Desobrigando-se da incumbência que lhe foi atribuída, essa comissão apresentou ao intendente municipal, José Otávio Gonçalves, um relatório em que firmou a conclusão seguinte:

“Se o governo do Estado não quer ou por enquanto não lhe é possível fazer passar para o patrimônio do município, como é da índole do nosso sistema político, as terras em que se acha assentada esta cidade, deve praticar atos que acentuam e firmem seus direitos dominicais, como sejam, vendendo-os ou aforando-os. Esta medida desassombrará a população e o progresso e o desenvolvimento da cidade será uma consequência imediata. Vendidos ou aforados os terrenos da cidade, é natural que os sucessores dos herdeiros do Barão de Bagé, como já o fizeram no governo do extinto império, reclamem seus direitos à *posse* dos terrenos, mas o Governo do Estado diferentemente daquele, mandará continuar o aforamento ou alienação enquanto eles não provarem por meios judiciais sua propriedade. Colocadas as cousas neste estado e desesperançados os sucessores dos herdeiros do Barão de Bagé de entrar em transação com os possuidores, é provável que façam o sacrificio de intentar ação. Admitindo-se na melhor das hipóteses que os sucessores dos herdeiros do Barão de Bagé saíssem vitoriosos na ação, ainda assim, o Governo do Estado podia dar solução favorável ao assunto, pois o caso é característico da desapropriação por utilidade pública”.

Mas a questão continuou no mesmo estado, não propondo, ainda, os interessados ação judicial alguma.

Capela curada, em 18-5-812; freguezia, em 5-6-846 (Lei n.º 64); vila, na mesma data (Lei n.º 65); cidade, em 15-12-859 — eis os marcos que assinalam, no tempo, a evolução de Bagé.

Foi ocupada pelo exército do general Alvear na campanha da Cisplatina, que durou de 1825 a 1828.

Narra um documento da época (24-1-1827):

“Ontem, ao meio dia, tive o gosto de que aqui chegou o preto

(5) Alves Nobrega (Joaquim do Nascimento) adquiriu de D. Henriqueta, filha do Barão de Bagé, a parte que lhe coube nos rincões de Santa Tecla e Cavalhada.

Antonio que me informou que o inimigo estava acampado em número de 20 só de cavalaria, e gente cisplatina no rincão de Pirai, abaixo do Valente cujos espias só apareciam pelos sêrros de Bagé; e que a Divisão de Barreto se compunha de 2.011, tendo-se-lhe reunido muitos moradores que ocupavam a estancia do Fagundes, que Bento (6) ao amanhecer de ontem se reunia com 300 homens ficando atrás Bonifácio com 200 que também se devia reunir e tinha ficado em comissão. O Marquês com as infantarias, cavalarias da Côrte etc. etc. devia ter decampado ontem do M. Anacleto. Alvear com seus portenhos e seu trem pesado vem marchando rio Negro acima". (7)

Esteve sob a dominação revolucionária na guerra civil de 1835.

Sangrou, em 1893, em rudes recontros que deram fisionomia a um feito militar dos mais famosos de nossa história — o episódio do sitio.

(6) Cel. Bento Gonçalves da Silva.

(7) Carta de M. X. de Paiva e Magalhães inserta nos Anais do Itamarati, fls. 85 e 86, vol. III.

DIOCÉSES RIOGRANDENSES

Mons. dr. JOÃO MARIA BALEM

1) DIOCESE DO RIO DE JANEIRO

O território do Rio Grande do Sul pertenceu antigamente, — *de jure et de facto* — á jurisdição eclesiástica dos Bispos espanhóis, tanto antes como durante o estabelecimento, no atual solo gaúcho, das Reduções dos Padres Jesuitas da Província do Paraguai, cujos limites, conforme indicam os mesmos mapas da Ordem daquela época, chegavam até o rio Paranapanema, hoje, divisa do Estado do Paraná, com o de São Paulo, e estava de acôrdo com a linha do tratado de Tordesillas (7 de Junho de 1494) a qual indo de polo a polo passava pela foz do Amazonas em direção a Paranaguá, deixando à Espanha tudo o que ficasse no Ocidente dessa linha a Portugal o que se continhesse no Oriente.

Porém concomitantemente aos Bandeirantes paulistas, os quais vinham descendo pelo litoral do Brasil dilatando o império português e fundando povoações, também a jurisdição dos Bispos do Rio de Janeiro foi-se estendendo para o sul até o Rio da Prata, o que aliás era conforme a Bula — *Romani Pontificis Pastoralis Sollicitudo* — de 26 de Novembro de 1676, criando o Bispado de S. Sebastião do Rio de Janeiro, a qual dizia — *a Capitania Spiritus Sancti inclusive, usque ad flumen de Plata, per oram maritimam et terras intus pro sua Diocesi* — etc.

Em 6 de Dezembro de 1745 foi criado pelo Papa Bento 14.^o pela Bula — *Candor Lucis Aeternae* o Bispado de S. Paulo e sob sua jurisdição ficaram, os territórios de S. Catarina e do Continente Sul do Rio Grande de S. Pedro até ao Prata, porém a Carta Régia de 9 de Março de 1748 fez que os referidos territórios voltassem a pertencer ao Bispo do Rio de Janeiro.

Assim pois, após a fundação em 1684 de Lágua por Domingos de Brito Peixoto e a criação da Freguezia de Santo Antônio dos Anjos cujo território abrangia grande parte do Rio Grande, os Bispos do Rio de Janeiro fundaram sucessivamente as freguezias de São Pedro do Rio Grande em 1745, de N. Sra. da Conceição nos Campos de Vião em 1747, de N. Sra. da Conceição do Estreito em 1750, de Bom Jesus de Triunfo em 1756, de S. José de Taquari em 1765, de São

Francisco Pôrto dos Casais em 1772 (depois N. Sra. Madre de Deus de Pôrto Alegre), de São Luís de França de Mostardas, de N. Sra. da Conceição do Arroio (hoje de Osório) e de S. Amaro em 1773, de N. Sra. do Rosário do Rio Pardo e de N. Sra. da Conceição de Cachoeira em 1779, e de N. Sra. dos Anjos da Aldeia de Gravataí em 1795 nos Campos de Viamão.

Essas freguezias eram divididas no infeio em comarcas eclesiásticas, cujos vigários da vara ou foraneos, tinham faculdades especiais dos Bispos do Rio de Janeiro afim de resolverem assuntos diversos especialmente os matrimoniais.

De tempos a tempos eram enviados Visitadores com faculdades extraordinárias, afim de solucionar dificuldades, incrementarem a religião ou cortarem abusos, nas incipientes povoações, habitadas na maioria por casais das ilhas dos Açores.

Deve-se resaltar o acrisolado espírito religioso dos povoadores do Rio Grande e de seus descendentes, cuja fé ainda hoje se reflete nas vestutas — Igrejas Matrizes — que edificaram.

A grande distância e as poucas comunicações com o Rio de Janeiro fizeram com que fosse criada em Pôrto Alegre uma Vigararia Geral que fizesse as vezes do Bispo do Rio de Janeiro, afim de atender mais de perto e com eficiência às necessidades espirituais da então Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. O Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coitinho por Provisão de 15 de Dezembro de 1812 criava a Vigararia Geral em Pôrto Alegre e escolhia para ocupar o alto cargo de Vigário Geral o Padre Antônio Vieira da Soledade, lente do Seminário do Rio de Janeiro, ao qual foi dado o título de conêgo honorário.

Em 1815 o próprio Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho veio ao Rio Grande por terra, atravessando S. Paulo e Sta. Catarina, ora a carro, ora a cavalo, ora embarcado, como lhe era possível, afim de fazer a Visita Pastoral desta parte de sua diocese e certificar-se com os próprios olhos das necessidades espirituais do rebanho a ele confiado.

Depois da morte do Conêgo Antônio Vieira da Soledade, foi escolhido Vigário Geral, com residência em Pôrto Alegre, o Padre Tomé Luís de Souza, que também recebeu o título de Cônego honorário e governou espiritualmente a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul até a vinda do primeiro Bispo, D. Feliciano, do qual já fôra mestre e guia espiritual.

Durante os dez anos (1835 — 1845) em que a Revolução de 20 de Setembro conflagrou o Rio Grande, a maior parte da Província ficou isolada da legítima autoridade eclesiástica e o governo republicano proclamado em Piratini criou um assim chamado — Vigário Apostólico — o qual pretendeu administrar religiosamente a região ocupada pelas forças revolucionárias, exercendo atos de jurisdição que não possuía, atos que, após a pacificação de 1845, o bispo do Rio

de Janeiro, D. Manoel do Monte Rodrigues Araujo, sanou para tranquilidade das consciências e absolvendo das censuras os que nelas tinham incorrido.

Após tais fatos, de consequências espirituais tão lamentáveis, onde a maior parte das freguezias tinham seus templos arruinados e os vigários dispersos, vivendo o povo sem o pasto espiritual disseminado por vastos e remotos lugares, appareceu claramente a necessidade da criação de um bispado no Rio Grande do Sul, e em 1847 na Assembléa Geral entrou em discussão um projeto pelo qual o governo era autorisado a impetrar da Santa Sé a Bula de criação, e a 13 de Setembro daquele anno a Câmara dos Deputados recebia um officio do Secretário do Senado participando a comunicação do Ministro da Justiça de que o imperador consentia no pedido a enviar-se a Santa Sé.

2) A DIOCESE DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

Anuindo aos desejos do Governo Brasileiro, S. S. o apa Pio 9.º, pela Bula — *Ad Oves Dominicas rite pascendas* — de 7 de Maio de 1848 elevou á categoria de Bispado a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, desmembrando-a do Bispado do Rio de Janeiro.

Pelo Imperador D. Pedro 2.º foi apresentado então para primeiro Bispo do Rio Grande, o vigário da Freguezia de Santa Barbara da Encruzilhada, Padre Feliciano José Rodrigues Prates, o qual tinha 70 anos de idade.

Nascido a 13 de Julho de 1781 na fazenda de seus pais junto á Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, hoje Gravataí, foi quando menino enviado para o Seminário do Rio, afim de seguir a carreira eclesiástica.

Ordenado sacerdote, a 25 de Julho de 1804 no Rio de Janeiro pelo Bispo de Angola, D. Frei Joaquim de Santa Maria, serviu como capelão do Exército em diversos corpos da Província, tendo sido condecorado com as medalhas do Exército Pacificador das Campanhas do Uruguái.

A nomeação de Bispo o foi encontrar paroquiando zelosamente a freguezia da Encruzilhada para onde fora nomeado após a terminação da guerra civil em 1845.

Sagrado no Rio de Janeiro a 29 de Maio de 1853 pelo Bispo Conde de Irajá, D. Manuel do Monte Rodrigues Araujo tomou posse a 3 de Julho de 1853, e faleceu a 27 de Maio de 1858 tendo regido a diocese 4 anos, 10 meses e 24 dias. Seus restos mortais estão sepultados na Cripta da nova Catedral de Pôrto Alegre. Dera incio a um seminário particular que denominou Seminário S. Feliciano.

Durante a sede vacante foi nomeado Vigário Capitular, pelo Snr. Arcebispo da Baía, D. Romualdo Antônio de Seixas, o Padre Juliano de Faria Lobato.

Após a morte de D. Feliciano foi apresentado para Bispo do Rio

Grande do Sul, por decreto imperial de 7 de agosto de 1858, o Padre Francisco Xavier Augusto da França, Vigário de Catas Altas, Minas, o qual não aceitou a nomeação.

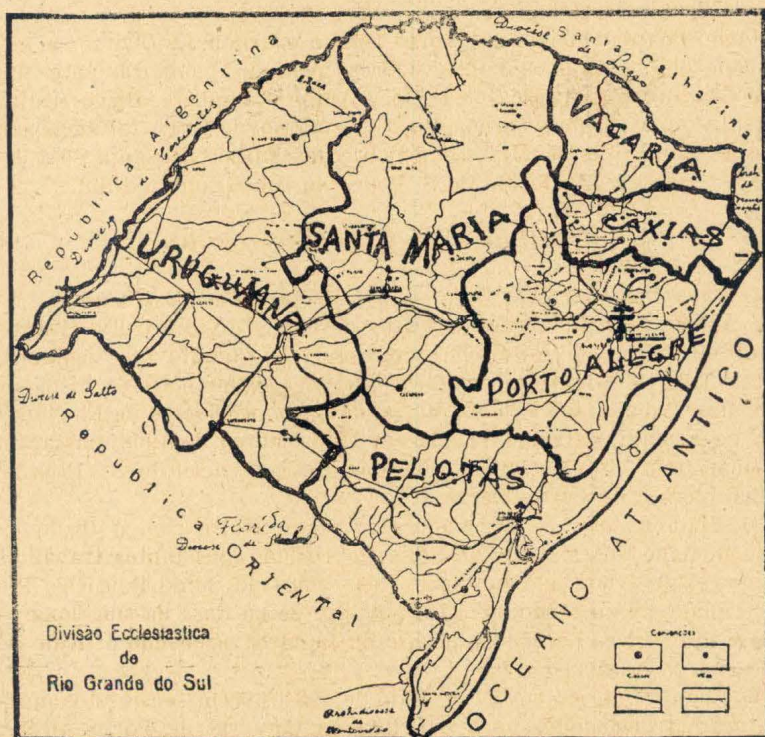
O segundo Bispo do Rio Grande do Sul foi D. Sebastião Dias Laranjeira, natural de N. Sra. Mãe dos Homens da Vila de Monte Alto, então Arcebispoado da Baía, onde nasceu aos 20 de Janeiro de 1820.

Depois de vigário foi aperfeiçoar-se nos estudos em Roma, na Universidade da Sapiência, onde obteve a laurea de doutor em Canones.

Ainda em Roma recebeu sua nomeação de Bispo do Rio Grande do Sul, e pelo próprio Pontífice Pio 9.^o foi sagrado Bispo, no dia 7 de Outubro de 1860, na Capela Sixtina.

Tomou posse da Diocese, por procuração passada ao Vigário Capítular, e ele mesmo fez sua entrada solene em Pôrto Alegre no dia 29 de Junho de 1861.

Erigiu o Cabido da Catedral e construiu o Seminário Episcopal de N. Sra. Madre de Deus, cujas obras foram concluídas dois meses após seu falecimento, ocorrido aos 13 de Agosto de 1888. Regeu a Diocese 27 anos, 6 meses e 1 dia. Seu corpo foi embalsamado e está sepultado na Cripta da nova Catedral.



Na vacância da Sé Episcopal foi eleito Vigário Capitular o Condeogeo teológico Mons. Vicente Ferreira da Costa Pinheiro.

Por decreto Imperial de 13 de Abril de 1889 foi nomeado Bispo do Rio Grande do Sul ao Padre Constantino Gomes de Mattos, o qual porém declinou sua nomeação. Advindo a República e com ela a separação da Igreja do Estado, a Santa Sé nomeou sucessor de D. Sebastião ao Bispo de Santana de Goiás, D. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, natural da cidade de S. Salvador da Baía onde nascêra aos 21 de Fevereiro de 1841.

Fôra sagrado no Rio pelo Internúncio Mons. Angelo Di Pietro no dia 24 de Junho de 1881 e pertencia á Congregação da Missão. Transferido pelo Papa Leão 13.º, para a Diocese do Rio Grande do Sul, tomou dela posse no dia 20 de Setembro de 1890.

Durante o seu episcopado prosperou extraordinariamente a religião, especialmente na região colonial, onde surgiram às centenas, as Igrejas, as freguezias e os colégios católicos e onde foram estabelecer-se a seu convite diversas ordens religiosas. Reorganizou o Seminário Episcopal de N. Sra. Madre de Deus, fazendo florescer as vocações sacerdotais e encarregando de dirigí-lo sucessivamente aos Padres da Companhia de Jesus, aos Padres da Missão e aos Padres Capuchinhos da Província da Sabóia.

Como consequência deste surto religioso achou D. Claudio a necessidade de ter outros colaboradores, pedindo primeiramente um Bispo Coadjutor, na pessoa de D. João Antônio Pimenta, Bispo titular de Pentacomia, o qual porém em 7 de Março de 1911 foi nomeado Bispo de Montes Claros, Minas, e depois, conseguindo da Santa Sé a divisão eclesiástica da diocese de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

3) ARQUIDIOCESE DE PÓRTO ALEGRE

O Papa Pio 10.º, pela Bula — *Praedecessorum Nostrorum* — de 15 de Agosto de 1910, acedeu aos seus desejos e dividiu o Rio Grande do Sul em quatro circunscrições, nomeando D. Claudio José primeiro arcebispo da Arquidiocese de Pôrto Alegre e criou mais os bispados de Pelotas, Uruguaiana e Santa Maria, que, com a Diocese de Florianópolis, no E. de S. Catarina, criada em 19 de Março de 1908, passaram a formar uma nova Província Eclesiástica, com o título de Província Eclesiástica de Pôrto Alegre.

D. Claudio José, já agraciado pelo Santo Padre com o título de Conde Romano e Assistente ao Sólido Pontifício, após tantos trabalhos resignou o governo da Arquidiocese nas mãos do Sumo Pontífice Pio 10.º, o qual aceitou o pedido, e foi recolher-se na Casa de sua Congregação a dos Paçes Lazaristas no Rio de Janeiro, recebendo o título de Arcebispo de Anazarbo.

D. Claudio faleceu aos 27 de Maio de 1924, porém seus restos mortais foram trasladados para a Cripta da Cathedral de Pôrto Alegre,

onde repousam ao lado dos de D. Feliciano e D. Sebastião. Governou durante 22 anos, 2 meses e 12 dias como Bispo do Rio Grande do Sul e como Arcebispo de Porto Alegre.

A 8 de Dezembro de 1912, o novo Arcebispo D. João Becker fez sua entrada solene na Catedral Metropolitana de Porto Alegre recebendo das mãos de D. Claudio José o governo da Arquidiocese para a qual fôra promovido pelo Papa Pio 10.^o, a 2 de Agosto daquele mesmo ano.

Estavam presentes á posse os Bispos de Pelotas, de Uruguaiana e Santa Maria respectivamente, D. Francisco Campos Barreto, D. Hermeto José Pinheiro e D. Miguel de Lima Valverde.

O novo Arcebispo nascido a 24 de Fevereiro de 1870 fez seus estudos no Ginásio de N. Sra. da Conceição de São Leopoldo e no Seminário Episcopal de Porto Alegre, recebendo de D. Claudio todas as ordens, inclusive a sagração episcopal, esta no dia 13 de Setembro de 1908, após sua eleição em data de 3 de Maio para primeiro Bispo de Florianópolis, Santa Catarina. Foram co-sagrantes o Bispo do Paraná, D. João Francisco Braga, e D. João Antônio Pimenta, Bispo titular de Pentacomia.

Ordenado sacerdote a 2 de Agosto de 1896, paroquiou doze anos a freguezia do Menino Deus, até ser elevado á dignidade episcopal. Em data de 20 de Março de 1921 foi nomeado Assistente ao Solio Pontifício e Conde Romano.

Já governa D. João Becker a Arquidiocese Portoalegrense ha 32 anos e durante esses seis lustros remodelou-a compleamente, começando pela transformação do Seminário Episcopal de N. Sra. Madre de Deus de Porto Alegre, tornando-o Seminário Provincial em São Leopoldo (hoje elevado pela Santa Sé a Seminário Central, para as dioceses de Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) — pela nacionalisação das escolas católicas rurais — aumentando a assistência espiritual em Porto Alegre (que então contava apenas 8 paróquias e 9 sacerdotes seculares e hoje conta 27 paróquias com 40 sacerdotes seculares) — pela visita pastoral quinquenal a todas as paróquias da Arquidiocese — pela instalação do Cabido da Sé Metropolitana — pela criação de 50 novas paróquias no interior, das Comarcas Eclesiásticas pela criação da Diocese de Caxias e da Prelazia de Vacaria — pelo novo Seminário Menor Arquidiocesano de São José de Gravataí — pela construção da nova Catedral — pela formação de Ação Católica em todas as paróquias — dos Circulos Operários — das Creches — das novas Ordens Religiosas recebidas na Arquidiocese com suas casas de formação e seminários — pelos vários centenares de novos sacerdotes ordenados — pelo grande número de escolas e de colégios rurais fundados — pelas inúmeras igrejas, capelas e casas canônicas edificadas — pela imprensa católica — pelas Conferências Episcopais — o primeiro Congresso Eucarístico Estadual — os Retiros Anuais do Clero, pelas missões pregadas quinquenalmente nas paróquias — dos

Sínodos Arquidiocesanos — pelas 32 cartas pastorais — pelas Semanas de Ação Católica — pelas Conferências Mensais do Clero — pela Catequese nos Colégios Públicos — com a hora católica dominical pelo rádio — com a Assistência Religiosa aos Militares — com a Pia Obra das Vocações Sacerdotais, etc. etc. Longo seria enumerar as variadas obras de administração do Arcebispo de Pôrto Alegre em uma vasta Arquidiocese de 150 paróquias com uma área de 43.289 Km². e uma população de cerca de 1.500.000 almas, das quais cerca de 300 mil são acatólicas.

O território da Arquidiocese constitui-se presentemente do território dos 28 municípios seguintes: Arroio do Meio — Cai — Candelária — Canóas — Camaquã — Encantado — Encruzilhada — Estrêla — General Câmara — Gravataí — Guafra — Guaporé — Lajeado — Montenegro — Novo Hamburgo — Osório — Pôrto Alegre — Rio Pardo — Santa Cruz — Santo Antônio — S. Jerônimo — S. Leopoldo — Tapes — Taquara — Taquari — Triunfo — Venâncio Aires — Viamão.

A Arquidiocese de Pôrto Alegre tem por limites ao norte as dioceses de Caxias de S. Maria, a oeste a diocese de S. Maria, ao sul a diocese de Pelotas e a leste o oceano Atlântico.

4) DIOCESE DE PELOTAS

Pelotas, erecta freguezia em 7 de Julho de 1812 foi escolhida para séde de um novo Bispado por influência do ilustre filho de Pelotas, Ministro Dr. Bruno Gonçalves Chaves, representante do Brasil junto á Santa Sé, em lugar da cidade do Rio Grande como já tinha sido sugerido á Congregação Romana Consistorial.

A Igreja Matriz de São Francisco de Paula foi elevada á dignidade de Catedral.

A escolha para primeiro Bispo de Pelotas recaiu na pessoa de D. Francisco de Campos Barreto, então Vigário de Campinas o qual recebeu a sagração episcopal no dia 27 de Fevereiro de 1911. Tendo tomado posse em 22 de Outubro de 1911 governou durante 9 anos aquella diocese desdobrando-se em inúmeras obras de assistência social e religiosa até que, em 1920, foi nomeado sucessor de D. João Nery, Bispo de Campinas, sua cidade natal, onde nascêra a 28 de Março de 1877 e faleceu cheio de serviços, com 64 anos de idade aos 24 de Agosto de 1941. Durante a séde vacante — foram nomeados sucessivamente Governadores da Diocese o Padre Antônio Jorge Heckenbleicher, Redentorista e Mons. Costabile Hipolito, Vigário de Bagé.

Sucedeu-lhe no sólio episcopal, o vigário Geral de Fortaleza, D. Joaquim Ferreira de Mello, natural de Crato, no Ceará, onde nasceu a 31 de Agosto de 1873. Foi sagrado Bispo a 18 de Setembro de 1921, tendo tomado posse a 14 de Novembro do ano seguinte.

Seu episcopado foi uma sementeira de obras pias e educacionais, fundando colégios, orfanatos, o Seminário Diocesano, paróquias novas

e reformou a Catedral. Faleceu querido e chorado por todos no dia 22 de Setembro de 1940. Seus restos mortais repousam na Catedral de Pelotas. Durante a — sede vacante — foi eleito governador da Diocese Mons. Francisco Silvano de Souza.

A 9 de Julho de 1942, tomou posse da Diocese de Pelotas o novo Bispo nomeado pelo Papa Pio 12.º, D. Antônio Zattera, antigo vigário da Freguezia de Santa Antônio de Bento Gonçalves, na Diocese de Caxias, o qual fôra sagrado na sede daquela mesma freguezia aos 31 de Maio de 1942, pelo Arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker. Foram co-sagrantes o Bispo de S. Maria D. Antônio Reis, e o Bispo de Caxias D. José Baréa.

Nascido na freguezia de S. Pedro da cidade de Garibaldi aos 25 de Julho de 1889, o terceiro Bispo de Pelotas fez seus estudos nos Seminários de Porto Alegre e de São Leopoldo e servira como coadjutor na paróquia de Caxias e como vigário de S. Lourenço de Villas Bôas, antes de ser nomeado Vigário de Bento Gonçalves. Em diversas excursões pela região colonial angariou mais de 200 contos de réis para a nova Catedral de Porto Alegre.

A diocese de Pelotas possui 20 paróquias com uma população de cerca de 440.000 almas e uma área de 45.000 Km²., constituída pelo território dos 13 seguintes municípios: Arroio Grande — Bagé — Cangussú — Herval — Jaguarão — Lavras — Pelotas — Pinheiro Machado — Piratini — Rio Grande — Santa Vitória — São José do Norte — São Lourenço.

Tem por limites ao norte a Arquidiocese de Porto Alegre e a diocese de S. Maria, a oeste a diocese de Uruguaiana, ao sul a Arquidiocese de Montevidéo e a diocese de Florida y Melo, na República do Uruguai e a leste o oceano Atlântico.

5) DIOCESE DE URUGUAIANA

Elevada á freguezia por lei provincial de 29 de Maio de 1846 a povoação de Santa Ana sobre o rio Uruguai, que passou a denominar-se Uruguaiana, foi ela escolhida para sede de uma nova diocese em data de 15 de Agosto de 1910 e sua Igreja Matriz elevada á dignidade de Catedral.

O seu primeiro Bispo foi D. Hermeto José Pinheiro, natural de Alagôas, nascido a 28 de Agosto de 1870, em Caldeirões, município de Traipú. Foi sagrado Bispo a 17 de Março de 1912 e tomou posse a 19 de Maio de 1912, governando a diocese até o dia 3 de Novembro de 1941, quando entregou a Deus sua bela alma cheia de merecimentos, após uma vida verdadeiramente apostólica. Criou um Seminário Menór em Cerro Azul e iniciou a construção de uma magestosa Catedral, quasi terminada, em cuja cripta foi sepultado.

Tem a diocese de Uruguaiana 25 paróquias com uma população de cerca de 400.000 almas e uma área de 60.000 Km²., e constitue-se

do território de 12 municípios a saber: Alegrete — Livramento — Quaraí — Rosário — Santa Rosa — Santiago — Santo Angelo — São Borja — São Francisco de Assis — São Gabriel — São Luís Gonzaga — São Vicente. Tem como limites ao norte a diocese de Corrientes na República Argentina, ao sul as dioceses Florida e de Salto na República de Uruguái, e a leste as dioceses de Pelotas e de S. Maria.

Durante a sedē vacante foi eleito Governador da diocese Mons. Estanislau Wolski.

O segundo Bispo de Uruguaiana, D. José Newton de Almeida Batista, nasceu em Niterói a 16 de Outubro de 1904, tendo cursado o Seminário Menór de Pirapora em São Paulo e em Roma a Universidade Gregoriana. Na Cidade Eterna recebeu as ordens menores e maiores, sendo ordenado sacerdote a 28 de Outubro de 1928. Desempenhou os cargos de coadjutor da freguezia de S. João da Lagôa, no Rio, e de vigário de Inhauma — de Santa Cruz — de Paquetá e de Oswaldo Cruz. Em 1942 foi nomeado cônego da Catedral do Rio, tendo servido como secretário do Vigário Capitular do Rio — Sede Vacante — e como lente de Apologética e Arte Sacre no Seminário São José.

Eleito pelo Papa Pio 12.^o para Bispo de Uruguaiana, a 20 de Maio de 1944, foi sagrado na Catedral do Rio a 3 de Setembro de 1944, sendo sagrante o Arcebispo D. Jayme de Barros Câmara e co-sagrantes D. Benedito Paulo Alves de Sousa, Bispo titular de Orisa e D. José Pereira Alves, Bispo de Niterói. Tomou posse no dia 7 de Outubro de 1944.

6) DIOCESE DE SANTA MARIA

Santa Maria, antiga Capela do Acampamento, foi inicialmente filial da freguezia de Cachoeira e elevada a Curada a 27 de Julho de 1802. Paróquia a 17 de Novembro de 1837, foi escolhida para séde de nova diocese, também, como Pelotas e Uruguaiana, a 15 de Agosto de 1910, e sua Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora da Conceição, elevada á dignidade de Catedral.

Foi eleito primeiro Bispo a 6 de Fevereiro de 1911, D. Miguel de Lima Valverde, Vigário Geral da Arquidiocese de São Salvador, nascido a 29 de Setembro de 1872 em Santo Amaro, no Estado do Baía.

Sagrado a 29 de Outubro de 1911, tomou posse da diocese a 7 de Janeiro de 1912, sendo promovido para o cargo de Arcebispo de Olinda e Recife a 14 de Fevereiro de 1922, onde a 23 de Julho de 1912 foi solenemente empossado. Durante o seu episcopado erigiu muitas paróquias e fundou o Seminário Menór em Santa Maria de cujo edifício construiu duas alas. Durante a sede vacante foi nomeado Governador da diocese Mons. Guilherme Müller, depois primeiro Bispo de Barra do Pirai, Estado do Rio.

A D. Miguel de Lima Valverde sucedeu o Bispo D. Attico Eusébio

da Rocha, também natural do Estado da Baía, nascido em Inhambupe a 6 de Novembro de 1882.

Eleito pelo Papa Pio 11.º a 27 de Outubro de 1932 para Bispo de Santa Maria foi sagrado a 15 de Abril de 1923, tendo tomado posse da diocese aos 27 de Maio de 1923. Governou até o dia 8 de Abril de 1929 por ter sido transferido para a diocese de Cafelândia, Estado de São Paulo, onde tomou posse a 9 de Junho de 1929. E' ele atualmente, o Arcebispo de Curitiba, para onde foi nomeado por Bula de 16 de Dezembro de 1935, tendo tomado posse aos 7 de Março de 1936. Durante a sede vacante foi governador da Diocese Mons. Luís Scortegagna, hoje Bispo de Espírito Santo.

No sólio episcopal de Santa Maria, sucedeu a D. Attico Eusébio da Rocha, D. Antônio Reis, antigo vigário de N. Sra. da Conceição em Pôrto Alegre, escolhido em data de 31 de Julho de 1931 pelo mesmo Papa Pio 11.º.

Nasceu no município de Santa Cruz a 28 de Outubro de 1885, e fez seus estudos no antigo Seminário Episcopal de N. Sra. Madre de Deus de Pôrto Alegre. Foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo D. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão a 30 de Novembro de 1910, e nomeado sucessivamente coadjutor e vigário de Santo Antônio da Patrulha em 1911, e, em 1912, coadjutor e depois vigário de Gravataí. Em 1913 foi nomeado vigário de Canôas e Capelão do Colégio dos Irmãos da Doutrina Cristã, em 1915 tomou posse do cargo de Vigário do Menino Deus em Pôrto Alegre, e em 1917 Auxiliar do Cônego João Cordeiro da Silva na Pia Obra de Santo Antônio do Pão dos Pobres, e a seguir foi novamente nomeado Vigário de Canôas no ano de 1918. Em 1921, nomeado Vigário de N. Srá. da Conceição em Pôrto Alegre parouquiou aquela freguezia até a sua nomeação para 3.º Bispo de Santa Maria.

Sagrado na Cripa da Catedral de Pôrto Alegre por D. João Becker, Arcebispo Metropolitano, com a assistência do Bispo de Uruguaiana, D. Hermeto José e do Bispo de Pelotas D. Joaquim de Mello a 13 de Dezembro de 1931 tomou posse da diocese aos 3 de Janeiro de 1932.

Desde então desenvolve um profícuo apostolado no seu novo campo de trabalho para a salvação das almas, tendo criado inúmeras paróquias e colégios e desenvolvendo em toda a vasta diocese a Ação Católica e a Congregação da Doutrina Cristã. Está preparando a criação de uma nova diocese com sede em Passo Fundo.

A população da diocese de Santa Maria é de 850.000 almas, com 69 paróquias e uma área de 65.000 Km², constituída dos territórios dos 19 municípios seguintes: Caçapava — Cachoeira — Carasinho — Cruz Alta — Getúlio Vargas — Ijuí — Iraí — Jaguarí — José Bonifácio — Julio de Castilhos — Palmeira — Passo Fundo — Santa Maria — São Pedro — São Sepé — Sarandí — Sobradinho — Soledade — Tupanciretã. Os limites da diocese de S. Maria são: ao nor-

te a Prelasia de Palmas, a diocese de Lages no Estado de S. Catarina, a diocese de Corrientes na República Argentina, ao oeste as dioceses de Uruguaiana e ao sul a diocese de Pelotas, a leste a Arquidiocese de Pôrto Alegre, a diocese de Caxias e a Prelasia de Vacaria.

7) DIOCESE DE CAXIAS

Em data de 8 de Setembro de 1934, o Papa Pio 11.^o com a Bula — *Quae Spirituali Christi Fidelium* — criava a nova diocese de Caxias, com uma área de cerca de 12.100 Km²., constituída pelo território de 10 municípios a saber: Alfredo Chaves — Antônio Prado — Bento Gonçalves — Caxias — parte de Farroupilha — Flôres da Cunha (antiga Nova Trento) — Garibaldi — Prata — São Francisco de Paula de Cima da Serra — Torres, com uma população de cerca de 200.000 almas, as quais estão hoje distribuídas por 37 paróquias.

Para sede da Diocese foi escolhida a cidade de Caxias, situada no planalto da Serra Geral na divisão das águas do Rio das Antas (Taquari) e o rio Caí, na altitude de 800 metros, a 29 grãos de latitude e 51 de longitude, no rumo norte de Pôrto Alegre, e sua Igreja Matriz, cujo orago é Santa Teresa de Jesus, elevada á dignidade de Catedral.

O território da Diocese de Caxias fez parte primeiro da Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, e em 1910 passou a pertencer á Arquidiocese de Pôrto Alegre, com exceção do território do município de São Francisco de Paula, cuja área supera a metade do território da diocese de Caxias e que pertenceu, até o ano de 1919 á diocese de Santa Maria, quando a Santa Sé decretou incorporá-lo á jurisdição arquidiocesana de Pôrto Alegre. Limita-se ao norte com a Arquidiocese de Florianópolis a Prelasia de Vacaria a Diocese de S. Maria, ao sul e oeste com a Arquidiocese de Pôrto Alegre e á leste com o Oceano Atlântico.

Um ano depois da criação da diocese em data de 23 de Setembro de 1935, sua Santidade o Papa Pio 11.^o nomeava o primeiro Bispo de Caxias, na pessoa do Vigário de N. Sra. do Rosário de Pôrto Alegre, Mons. José Baréa, o qual recebia a sagração episcopal no dia 19 de Janeiro de 1936 na Cripta da Catedral de Pôrto Alegre. Foi sagrante o Arcebispo Metropolitano D. João Becker e co-sagrantes o Bispo de Pelotas D. Joaquim Ferreira de Mello e o Bispo de Santa Maria D. Antônio Reis.

Nasceu D. José Baréa, em data de 19 de Janeiro de 1893 em Novo Treviso, Município de Antônio Prado, tendo feito seus estudos no Colégio de São José do Parecí Novo, e os de filosofia e teologia no Seminário Provincial de São Leopoldo.

Recebeu o sacerdócio em data de 2 de Abril de 1918, e desde o ano de 1919 até 1927 exerceu o cargo de secretário particular do Arcebispo D. João Becker, tendo sido em data de 6 de Julho de 1928 no-

meado Vigário da Paróquia de N. Sra. do Rosário, onde o foi encontrar a nomeação episcopal.

Entre as numerosas obras apostólicas desenvolvidas pelo primeiro Bispo de Caxias, figura em primeiro lugar a fundação do florescente Seminário Menór de N. Sra. Aparecida.

8) PRELAZIA DE VACARIA

A Prelazia de N. Sra. da Oliveira de Vacaria foi criada pelo Papa Pio 11.^o na mesma data que a diocese de Caxias a 8 de Setembro de 1934, pela Bula — *Dominici Gregis Regimini* — e seu território foi desanexado também da Arquidiocese de Pôrto Alegre, á qual pertencia desde 1919, tendo feito parte anteriormente da Diocese de Santa Maria, quando a diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul foi dividida em quatro circunscrições eclesiásticas em 15 de Agôsto de 1910. E' sufragânea da Arquidiocese de Pôrto Alegre.

A Prelazia de Vacaria é formada pelo complexo territorial de três municípios: Bom Jesus, Lagôa Vermelha e Vacaria, com uma área de 15.800 Km²., e uma população de cerca de 100.000 almas distribuídas por 13 paróquias. Ao norte e oeste tem por limites a Arquidiocese de Florianopolis, e ao norte a Diocese de Lages, no Estado de S. Catarina, a leste a Diocese de S. Maria e ao sul a de Caxias.

É titular da Prelazia de N. Sra. da Oliveira de Vacaria D. Frei Cândido de Caxias, Capuchinho, no século Julio Bampi, Bispo titular de Tlós. Natural do município de Caxias onde nasceu aos 25 de Janeiro de 1889 fez seus estudos no Colégio Seráfico de Garibaldi e em Roma, onde recebeu a ordenação sacerdotal a 10 de Agôsto de 1914.

Ocupou diversos cargos na Ordem neste Estado, sendo eleito Prelado de Vacaria e Bispo Titular de Tlós pelo Papa Pio 11.^o a 27 de Junho de 1935.

Recebeu a sagração episcopal a 4 de Outubro de 1936 na Cripta da Catedral de Pôrto Alegre, sendo sagrante o Arcebispo Metropolitano D. João Becker e co-sagrantes D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, e D. José Baréa, Bispo de Caxias. Tomou posse a 4 de Novembro de 1936.

Eis em linhas gerais, esboçado o desenvolvimento bisecular da jurisdição eclesiastica no Rio Grande do Sul iniciada com o povoamento do vasto território conquistado pelos tratados e pelas armas aos espanhóis em várias épocas.

Quasi no centenário da criação da primeira diocese, (1848-1948) o Rio Grande do Sul apresenta uma Província Eclesiástica que compreende seis circunscrições episcopais, autônomas, fatores eficientísimos de progresso social e religioso em pleno florescimento.

A CONQUISTA DA TERRA E A INICIAÇÃO PASTORÍCIA NO PLANALTO E NOS FUNDOS DE BAQUERIA DE LOS PIÑARES

DR. MANUEL DUARTE

Ao grato prazer de vos esplanar, nesta hora de vivência afetiva, a iniciação da conquista e povoamento lusitano, nos históricos “Campos de baqueria de los Piñares” e “Fundos de Baqueria”, — atribulame a inquietação da síntese expositiva, joeirada no confuso e opulento material recolhido, sem o prejuízo da substância intrínseca, necessária, à diáfana clareza e brevidade, na dissertação que me propus.

Já hoje, ponto é pacífico e líquido, este: — só no primeiro decênio da centúria XVIII, esboçar-se-ia a frustrânea tentativa de posseção pastorícia das missões loiolanas, no Planalto nordestino, até então literalmente afestado de féra carniceira e do nomádico gentio intratável.

Certo, o imponente chapadão montano constituía antiquíssima verêda conhecida dos imortais bandeirantes, em periódicas marchas épicas para as Missões longinquoas, ao longo do século XVII. Atravessavam-no aquêles indômitos dianteiros da expansão territorial da brasilidade, no Nascente para o Ocaso, e mergulhavam na inóspita serrania divizória. Cruzavam o Campo do Meio, ou, indefinidamente, o território de ninguém, e se adentravam nos confins missioneiros...

Entretanto, sobrevive ainda leve controvérsia, quanto à data precisa em que se cooperaria essa penetração jesuítica, exclusivamente pastoril, sobre as vizindades de Laguna. Desfere a primeira luz na espessa obscuridade do tema debatido, o depoimento do insígne sertanista reinícola, Sargento-Mór Francisco de Souza e Faria, na sua “Notícia Prática”, de 21 de fevereiro de 1738.

De feito, incumbido de abrir caminho entre Curitiba e a Colônia do Sacramento, pelo Governador e General de S. Paulo, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, assoma o intrépido Souza e Faria, em 1729, no tôpo dos “Aparados”, e assim descreve o sucedimento ao Padre Diogo Soares, sobre o gigantêso empreendimento que lhe fôra cometido:

“... Subida a Serra dei logo em campos e pastos admiraveis, e nelles imensidade de gado, tirado das Campanhas da nova Colonia, e

lançado naquele sitio pelos Tapes das aldeias dos P. P. Jesuitas no ano de 1712”.

A-pesar, porém, da auteridade dêste depoimento contemporâneo, cumpre fixar o ano de 1709 por época do grande evento, conforme se infere da Sécula Jesuítica do Padre Burriel, o qual assim registra a entrada de Francisco de Sauzo e Faria, no Planalto revelado:

“Na Costa que corre quase desde Santa Catarina até a Lagôa dos Patos e Rio Grande, cercada de asperas montanhas que chamam Pinhais, puseram os Indios Guaranis, no ano de 1709, umas Baquerias de 100 mil cabeças soltas, sem temor de Portugueses, como em terras proprias; porém no ano de 1729 entraram os Portugueses, abriram caminhos, saquearam as baquerias, deixando em um pau este letreiro: Viva el Rei de Portugal, a 10 de julho de 1729; pelo mesmo caminho hão sacado milhões de cabeças de todo gado, e cavalos, e mulas...”.

Por outro lado, graças às inestimáveis “Noticias Praticas” de Souza e Faria e do grande Cristóvão de Abreu, que descrevêra a incomparável região desconhecida, já se tinha forte referência destes acontecimentos culminantes, que providencialmente decidiriam da conquista, deslocamento populativo, fixação portugueza e, pois, do próprio destino do imenso Planalto serrano, onde se iniciaria, davante, o famoso “ciclo do couro” e da pastorícia, com a apropriação dos rebanhos guaraníticos.

Ainda por êsses preciosos relatos dos dois insígnies sertanistas lusitanos é que se ficaria sabendo a origem dos bovinos, com os quais povoaram os jesuitas a sua nova e última Baqueria, já agora diferenciada das antigas fundações missioneiras, pelo acrescentamento do atributivo específico de “los Piñares”, para caracterizar a sobêrba região coberta de pinheiros e, juntamente, situar o domínio dos errantes índios Piñares, que a infestavam. Assim que — escreve Souza e Faria — ... “gado tirado das Campanhas da nova Colonia, e lançado naquele sitio pelos Tapes das aldeias dos P. P. Jezuitas...”. Ou, mais explicitamente, como depõe o imortal Cristóvão de Abreu:

terras das aldeias dos P. P. da Companhia a qual Serra fez uma quebrada com matos mui espessos, e é por onde os ditos P. P. ha poucos anos, com muito trabalho, e força de braço, e machado, abrirão caminho para passar os primeiros gados...”. (Ora, tais matos mui espessos seriam os futuros Matos Castelhana e o Portuguez).

Para mais disto ainda, remontam estas duas narrativas aos mais remotos episódios da formação pastoril do Rio grande:

“...gado tirado das Campanhas da nova Colonia...” Distendiam-se essas imensas campanhas entre o rio Uruguái, o Oceano Atlantico e a Lagôa dos Patos, povoadas de semoventes, pelos Jesuitas, desde o primeiro quarto da centúria XVII.

Aí, exatamente, a primitiva “Baqueria da Costa do Mar”.

Sobreveio em 1680 a fundação da nova Colônia, (Colônia do Sacramento) ao mesmo tempo que se iniciava intensa travessia de

expedições, pela órla marinha. Por éla se tangiam grandes tropas de semoventes, em demanda de Lágua. De modo que cedo se fôram desfalcando infinitos rebanhos de bovinos, cavalaes e muares, adquiridos aos índios, ou arrebanhados à vestuta “Baqueria da Costa do Mar”, cujo território continentino abrangia a superfície da República do Uruguái e parte do futuro Riogrande do Sul. Foi, pois, desta “Baqueria jesuítica que, em 1709, os incansáveis missionários inacianos retiraram bovinos, em número de 100 mil cabêças, e, transpostos “matos mui espessos”, os soltaram na amplidão sertenêja, à qual deram o sugestivo topônimo de “Baqueria de los Piñares”, cujos domínios geográficos compreendiam o Nordêste serrano riograndense e o Planalto meridional de Santa Catarina, — Lagôa Vermelha, Vacaria, Bom Jesus, Cima da Serra; S. Joaquim, Lages, Canoinhas, Campos Novos, Curitiba... sem contar numerosos Municípios, formados na zôna das matas.

Certo, a abertura da memorável estrada S. Paulo-Riogrande atrairia milhares forasteiros e afoitos negociastas, empenhados na rendosa aquisição e transporte das grandes tropas, principalmente, de cavalgaduras. De ora avante, a babilônica região de “Baqueria de los Piñares”, cuja vastêza inculta só era conhecida dos indômitos bandeirantes, em trânsito para Missões, começou a ser frequentada de vanguardas paulistano-lagunenses, destinadas a prear gados à preparação de charque, courama, cêbo, língua... A pouco e pouco se esboçaria o “eíclo dos Tropeiros” cuja aparição providencial foi fator preponderante no desbravamento e apropriação do sólo riograndense. Contudo, eram flutuações meteóricas, sem intuito de fixação solarenga, — estava ainda longe o início da fundação da Estância. Cruzavam a imensidade sertanôa e, céleres, desapareciam. De retôrno, tangeriam distensos rebanhos cavalaes, muares, ou bovinos. De longe em longe, iriam ensaiando incipiente esbôço da futura possessão: — lançavam, esporadicamente, através de simples sítios, de reponte, poisio e freguesia, onde encostavam as alimárias estrompadas, os mais remotos fundamentos à temerária expropriação possessiva, em pleno relento do implacável deserto.

De maneira que, até 1738, no Planalto, da Serra-Geral à margem do Pelotas, “mais não se via que campos e gados” — na categórica afirmação de Cristóvão de Abreu.

Em verdade, só a partir de 1740 iria assomando, nas bandas orientais do magestoso Planalto e às fraldas da Serra-Geral, tênue corrente migratória, pontuada de audazes sertanistas e veteranos tropeiros do insulamento. Integravam-na desabalados adventícios, que desciam de Curitiba, galgavam das planuras de Laguna, vinham das Ilhas oceânicas ou de Portugal longínquo. Encontroavam-se no vasto escampo maravilhoso, e, aí se iam acantonando.

Quem se familiarizar na beneditina paciência do penoso deslinde sôbre as origens dos pioneiros ocupantes territoriais, semi-sedentários,

no Planalto nordestano, ha de se deter nesta revelação significativa: — as levas migrantistas dos primitivos expropriadores da solidão dere-lita, inteiramente se formavam de famílias, parentes ou vizinhos, solidariamente associados na resoluta investida contra o sertão ignóto, ericado de imprestos e hediondos perigos. Eram velhos batotores intemoratos da solidão agressiva e destemerosos tropeiros, afeitos às encruzilhadas da rude campanha e ao tétrico negrume das ínvias florestas virgens, que iam espancando. Assim que, na defluência da dezena 40^a de centúria XVIII, avultariam numerosos fazendeiros, parcialmente fixados às ilhargas da Serra-Geral e á jusante da mediterrânea serra das Antas, e cujas posses haviam povoado de gadaria, preada na babilônica “Baqueria de los Piñares” guaranítica. Já eram possesores estabelecidos, naquêla grandiosa imensidade rústica, — Manuel de Barros Pereira, Pedro da Silva Chaves, Cristóvão de Abreu, José Antonio Cardoso, Antonio Corrêia Pinto de Macedo, o fundador de Lages, Francisco Carvalho da Cunha, Francisco Corrêia de Carvalho, Carlos Gonçalves Braga, Rodrigo Antonio da Silva, Frutuoso de Araújo e Silva, Francisco Pereira Gomes, Francisco Pinto Bandeira, José da Silva, Antonio Rodrigues, José Pinheiro de Mélo, Tomé Rodrigues de Lara, Antonio Gonçalves dos Reis, Miguel Félix, José de Barros Pereira, já definitivamente identificados: — quase todos, lusitanos e afamados Fronteiros, os quais seriam, posteriormente, abastados semeiros sedentários, nas ábas dos “Aparados” e à margem das Serras Geral e das Antas.

Desenganadamente esta antiga onda de precusores estancieiros se lançára no desbravamento da terra selvagem, mas se delivera ainda nas bandas oriental e sul da serra, posto já se estendesse até à encosta esquêrda da aspérrima serra das Antas, que se lhe oferecia como intransponível ante-mural entre aquêles recém-posseiros invazores e os defensivos guaranís vigilantes, refluídos para as vizindades do Ocaso missioneiro. Em verdade, no curso do decênio de 1750, era ainda devoluto o centro da vastíssima “Baqueria de los Peñares” das Missões, cujos índios aldeados mantinham patrulhas volantes nas proximidades das fronteiras invadidas e defendiam com destemor e intransigência seus já minúsculos rebanhos bovinos.

De feição que só no decorrer de 1760-1770 é que espontaria, no Planalto, novo núcleo de pretensores estancieiros, composto dos irmãos Manoel, Francisco e Joaquim Rodrigues de Jesus, lagunenses; seu cunhado Antonio Borges Vieira, de Lisbôa, e José de Campos Bandenburg, paulista, sogro de Manoel Rodrigues de Jesus, e, talvez, alguns mais, porém, ainda não conferidos. Extrapassados os limites das glebas já possuídas por aquêles primieros povoantistas planaltenses, esteirou-se no sertão bravio êsse histórico nódulo sessentista, que elegeriam suas posses contíguas, entre si, dispostas em fórmula de ciclópico leque aberto cujas extremidades se fundiam, respectivamente, na sserras dos profundos vales do Pelotas e das Antas, e cujo vértice atingia as pla-

núcleos centrais, onde, pouco depois, se erguia a primitiva Capela votiva à N. S. da Oliveira, “nos campos de Vacaria”.

Dêstes noviços campeadores da solidão, Francisco e José Rodrigues de Jesus, em 1779, transaram suas possessões latifundiárias e retornaram para Laguna. Radicar-se-iam, porém, no Planalto: Antonio Borges Vieira, c/c Teresa Rodrigues de Jesus, o cunhado Manoel Rodrigues de Jesus, c/c Clara Jorge da Silva, filha única de José de Campos Bandenburg, e este. Aí deixariam ambos aquêles predestinados povoadores planalteanos numerosa prole, que praticamente constituiria a imensa árvore genealógica da região e se perpetuaria pelo Riogrande e Estados lindeiros.

Pordavante, iriam aparecendo contínuos povoantistas, destinados a lançar troncos de largas e conhecidas descendências planaltinas. Assim que avultariam: — João Telo Xavier de Souza, (origem do grande ramo Teles de Souza e dos Correias de Almeida) Julio da Costa Ribeiro, (fundador da linhagem Ribeiro) Pedro de Barros Leite, (avoengo das linhas — Lourenço de Lima e Andrade) Antonio Pinto Ribeiro, cuja descendência se fundiria na genealogia Borges Vieira; Domingos Lemes de Souza, (ascendente das famílias — Fernandes, Fonseca e Xavier) Luiz Antonio da Rocha, cujo genro retirante, Salvador Boeno da Fonseca é avô do general farroupilha Antonio Neto; Aniceto Lemes de Souza, de quem provém a família Paixão; Antonio Lopes Gonçalves, (de quem procede a família Fernandes dos Reis) A maioria dêstes fundadores se fixaria do centro do Planalto para o Poente indefinido...

As mesmo tempo iriam surgindo oficiais da Cavalaria Ligeira e Milicianos, que tinham a missão precípua de vigiar as fronteiras ocidentais, onde permanecia o gentio guaranítico, e, principalmente, a incumbência de repressão do contrabando de semoventes, transportados para S. Paulo, pelo memorável Registo de Santa Vitória. Dessa época o aparecimento, na rechiã nordestina, de Joaquim José Pereira, Antonio Pinto Carneiro, Manuel da Fonseca Páis, Cipriano da Costa Monteiro, José Carneiro Gerales, Apolinario de Almeida Roriz, os quais, à guisa de oficiais encarregados do policiamento no vasto “Destrito dos Pinhaes”, eram, em verdade, insaciáveis negociastas de terras e, de caminho, grandes estancieiros planalteanos.

A pouco e pouco ia avançando essa maré de pretendentes fazendeiros, até a extrema linha com os índios missioneiros. Tal apelativo era simbólico e importava a significação de limfte aleatório, naquêlê rude entrementes longínquo: — Extrema era a raia vedada à penetração portugueêse, e êsse topônimo culminante ficaria para sempre a assinalar decisivo relêvo panorâmico daquêlê vigoroso ciclo histórico.

Invariáveis e sumários, os processos de improvisação da Estância, em voga, *manumilitari*: — esmada, a troixe-moixe, a área cobçada à ambição do fazendista, expropriavam-se, na redondêze acessível, os semoventes aos guaranis aldeados. Estabelecido o novo titular; costeados os bovinos ageirados, — estava constituída a nascente

Estância pastorícia. Restava a súplica da concessão de sesmaria. Entretanto, nessas temerárias práticas do arbítrio impúne, avançava-se demais, contra o desconhecido, confiante na prestêza da Cavalaria Ligeira...

Foi o que sucedeu, em 1779, quando da violenta irrupção do genfio missioneiro, o qual, à medida que se adentravam no ignóto militares e paisanos recém-vindas, à sôfrega procura de terras baldias, em satisfação de apetites territoriais, cautamente se retirava para os "Fundos de Baqueria de los Peñares", ao mesmo tempo que ratraía seus rebanhos. Tácitamente, pois, se delimitavam supositícios limites dominiais a cada qual dos dois setores irreconciliavelmente adversos: esmou-se, lentolento, a extrema divisória, na massiça altitude mediterrânea ou divisor orográfico de águas, que eternamente rolam para as duas grandes bacias fluviais: Uruguái e Taquarí, — para o Norte, pelo Lageado Raso, (do Frande) para o Sul, o rio de Santa Rita. Para o Poente, jasía, confuso e indefinido ainda, o distrito dos "Fundos de Baqueria de los Piñares", literalmente, a superfície do atual Município de Lagôa Vermelha, povoado, até 1800, pelos índios de Missões e seus armentos, bravamente defendidos. Já para o Nascente desbravado, aglutinavam-se habitantes portugueses, em "Cima da Serra do Continente de Viamão", em cujas provisórias fronteiras ocidentais (Extrema, Santa Rita, Lageado Raso) avisadamente, longamente estacariam.

Dessenganadamente, dois militares afrontariam o perigo da mais ousada vizindade indígena: — Cipriano da Costa Monteiro, que ultrapassaria o vale do rio de Santa Rita, em cuja margem direita se alojaria com habitação residencial e gadaria na posse escolhida; e o comandante Manoel da Fonseca Páís, que se acantonára sôbre a Extrema, na sesmaria de Bom Sucesso, que fundára, em 1774, e em cujo imóvel até hoje vivem descendentes (Pereira e Fonseca) dêsse insígne povoador.

Por ocasião da fera desafronta guaranítica, fôram estas duas propriedades cruelmente depredadas, incendiados os respectivos prédios, dizimados os rebanhos bovinos e mortos escravos e mais pessoas residentes, que não lograram escaparse à hedionda sanha assassina e arrasadora.

Veemente e desumana, a réplica lusa: — o capitão Joaquim José Pereira reúne a sua Companhia de Cavalaria Ligeira, composta da fina flôr da população planaltense, e avança, resoluto, contra os agressores missioneiros. Cercados num capão e, prisioneiros, fôram sumariamente executados, segundo alguns cronistas, 78 bugres indefesos. Ao passo que segundo reclamações do vice-reino do Rio da Prata, de 400 foi o número de "suditos da Côrôa de Espanha", imolados nessa impiedosa refréga, de bárbo ajuste de contas, conforme enérgica correspondencia dos govêrnos das Colônias luso-ispânicas.

Porque em verdade, aquêlê recontro era fatal e inevitável: — representava a explosão repentina, de longo, recíproco ódio fidagal-

mente irreconciliável. Tinha a significação de ressonância à eterna rivalidade, campeante entre as duas poderosas corôas ibéricas...

Para mais disto, a fim de prevenir qualquer facilidade de contrabando, ou evitar a passagem de indivíduos suspeitos, para o lado dos índios missioneiros (espionagem, diríamos, hoje), mas, em verdade, para impedir qualquer laço de aproximação, entendimento e cordialidade, entre elementos das duas nações coloniais, — ordens severas se reiteravam às autoridades do "Continente dos Pinhais".

Entretanto, espontariam efeitos imprevistos, daquêle encontro decisivo. Em razão da extrema dificuldade de meios de transporte, aquisição de sal e gêneros alimentícios indispensáveis; proibição do fabrico de charque, espantosa desvalia dos campos, que assaz constituiriam invencíveis fatores de pasmoso desânimo entre os estancieiros, — operava-se na escassa população planaltense, sub-reptício comêço-de êxodo contínuo, a caminho do litoral distante. Tal fenômeno se vinha verificando, antes e durante a cruenta invasão do aborígene de Missões, para cendobrar, após o rude acontecimento fronteirista, que expunha a situação de absoluta insegurança em que jasiavam aquêles povoadores. Porisso tudo, ao contrário de atrair subitânea corrente de pretensores latifundiários, a feroz limpeza recente, nos desertos "Fundos de Baqueria de los Piñares" lololanos, precipitaria a fuga, quase em massa, dos estancieiros nos campos pacificamente desbravados e possuídos. Só a energia do grande governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara atalharia se despovoassem "os mais aprazíveis campos de um dos mais importantes Destritos da Fronteira do Rio Grande", — como se expressa o insigne militar e estadista, que, por essa ocasião, visitou o distrito ameaçado de abandono coletivo.

Quando da terrível agressão missioneira, o mais desgarrado ocupante solarengo, adentro nos "Fundos de Baqueria de los Peñares", era Cipriano da Costa Monteiro, cuja tapera ainda hoje se identifica, à margem direita do rio de Santa Rita. Aí, a futura sesmaria "Conceição", tradicional domínio das famílias Propício e Cordeiro. Aquêla, de origem litorânea; esta, formada no Planalto, donde se deslocára.

Oportuno é registrar, neste passo, a origem toponímica do assinalado rio divizório. Em remotíssima Carta Geográfica da grandiosa Mapotêca jesuítica, lê-se a designação sugestiva: — Estância de Santa Rita", — a qual iniludivelmente se sitúa na posterior sesmaria da Conceição^a de propriedade de José Inácio Leite de Godóis, mais tarde, vendida pelo filho, Florencio Leite de Godóis, a José Antonio de Oliveira, tronco dos Propícios, justamente à margem direita do rio de Santa Rita, cujo topônimo, é, pois, o mais venerando apelativo histórico de Lagôa Vermelha.

Incredível e longamente continuaria sem povoadores a esplêndida

campanha dos “Fundos de Baqueria de los Piñares”, de área superior à superfície de Lagôa Vermelha, cuja vizinidade com as Missões e a sua imponente serra circular, inçada de índios vingativos, ofereceriam obstáculos e adversidade sem conto à mais ousada tentativa de conquista e povoamento destas admiráveis e férteis terras, tão propícias à fecunda atividade agrícola-pecuária.

Em verdade, no precioso Recenseamento sobre fazendas e população bovina, a que se procedeu, em 1785, o mais desapoderado estabelecimento pastoril, nas contiguidades dos “Fundos de Baqueria”, era a Estância de Bom Sucesso, semi-abandonada ainda, fundada pelo comandante Manuel da Fonseca Páis, e destruída pelo gentio, em 1779. Além da raia sinistra, nada, nada, ainda português se tentara mais. Nesse inestimável cadastro territorial, figuram no rol de “Campos abandonados” os domínios de Cipriano da Costa Monteiro, no lugar-Santa-Rita, juntamente com as Estâncias do grande Rafael Pinto Bandeira, e dos seguintes oficiais: — Bernardo José Pereira, seu cunhado, João da Costa Moreira, José Carneiro Geraldês, José Alvares de Gusmão, todas estas, porém, sediadas nas bandas orientais do Planalto. Já na importantíssima descrição da “Fuga dos Moradores que se mudaram antes e depois da invasão dos Bugres feita”, do próprio punho do alferes da Companhia Auxiliar, Manuel da Fonseca Páis, no ano, de 1781, encontra-se esta observação dilucidativa:

“Cipriano da Costa (Monteiro), homem, Casado, mudou-se para as partes de Curitiba, vendendo a sua Fazenda ao Tenente Apolinário de Almeida Roriz”. E, na linha seguinte, a informação complementar:

“O Tenente Apolinário de Almeida Roriz, da sua Fazenda dos Fundos (de Baqueria) retirou a gente, deixando todos os animaes”.

Finalmente, posposta foi no Recenseamento a que procedeu Silva Chaves, 1785) esta nota explicativa: — “Os Campos que se dão por de Valutos e despovoados na Vacaria, já houverem Nelles Fazendas estabelecidas cujos senhores as desampararam umas por não crearem animaes por serem os campos agrestes e outras por serem sujeitos as continuadas irrupções que por aquella parte fazem os índios Bugres das Missoens por cujo motivo já não ha quem queira habitar nellas nem conservar estabelecimento algum”.

Só mui depois da conquista e incorporação dos Sete Povos e de se estabelecerem crescentes comunicações e assíduo comércio com a região missioneira, através das ridentes campinas de “los Piñarês”, principalmente sobre negócio de compra e condução de tropas de alimárias para S. Paulo, é que se esboçaria minúscula iniciativa de apropriação dos mais próximos sertões baldios e consequente fundação da Estância pastoril, nos magníficos campos de Lagôa Vermelha.

Certo, durante aquélla impetuosa hibernação possessoria no Planalto, operára-se profundo caldeamento sociogênico, no intimismo do improvisto amálgama populacional do pastoreio planaltense. Por igual, já se havia reduzido o imenso rebanho pecuário dos fundeãos pastores

indígenas, — refluído para Missões, ou ageirado às Estâncias de povoadores levantinos acantonados.

Humildava-se, batido e desassitado, o índio retirante.

Já, em verdade, decorridos quase 80 anos de hibernação forçada, detido nas ráias invioláveis, o surto de deslocamento e penetração povoantista da gente planaltina, sobre a interdita campanha dos "Fundos de Vacaria", — o ciclo fazendista, estacado no interior do Planalto, se foi esteirando por todos os ângulos da região conquistada. Assim que se irradiavam possosores destemerosos, até às divisas inacessíveis do futuro distrito de Lagôa Vermelha, na indecisa decorrência da centúria XVIII. De fôrma que às ribas dos asiagos limites da Extrêma se acontanavam, definitivamente, Antonio Borges Vieira, filho, Manoel Rodrigues de Jesus, os Borges do Rêgo, Costa Ribeiro, Maria do Sacramento, comandante Manuel da Fonseca Páis, os Lageanos. Esses tradicionais fundadores de árvores genealógicas nordestinas povoaram as vizinhanças da linha divizória-Santa Rita, Extrêma, Lageado Raso, com babilônicos latifúndios.

Em cabo, forjar-se-ia tímida corrente migratória, cujos vanguardeiros esporadicamente iriam transpondo imaginárias fronteiras, aleatoriamente impostas pelo imperativo trepidante das circunstâncias. A final se prossegueria, lentolento, na marcha interrompida para o Poente indeciso e malmal acessível, a propelir para a floresta o silvícola sobre-restante e a deslindar cobizados contêrminos territoriais do quadrante derelito, integrado, enfim, nos destinos da brasílica nacionalidade seformante.

Cumpria-se, à justa, o determinismo cósmico da lei sociológica, enunciada por Ferri, segundo a qual, a transmigração cíclica da civilização invariavelmente se processa, do Oriente para o Ocidente e, em suma, do Equador para os pólos.

Descontínuo e esporádico, o re-início desse deslocamento povoantista, esmado sobre a perigosa amplidão dos missioneiros "Fundos de Baqueria de los Piñares". O mais audaz desses episódicos adentramentos, porém, se verificaria do centro para o Norte, em plena região das duas fronteiras adversas. Realizou-o, cêrca de 1800, o intrépido paulista, José Inacio Leite de Godóis, que se apropriaria de largo domínio guaranítico-loiolano, à margem direita do rio Santa Rita, precisamente no amplo descampado onde se arranchára o miliciano Cipriano da Costa Monteiro, cujo estabelecimento foi impiedosamente destruído pelos índios missioneiros, quando da irrupção de 1779.

Aí se fixára José Inacio. Fundára grande Estância, "que conquistou em lugar até então habitação dos gentios, onde com risco da propria vida se defendeu durante alguns anos", — como declararia o filho, Florencio Leite de Godóis, em 1833, na súplica ao Juiz de Paz, perante o qual procedeu à justificação contra os intrusos Clemente Ribeiro, José Joaquim Batista e Marcelino Cordeiro. Este, na contestação e artigos de conciliação proposta, escreveu que "Florencio era homem

rico e poderoso, e que os Juizes daquele Distrito eram ignorantes e medrosos dos poderosos”.

De feito, seria cioso demais Florencio Leite de Godói: — alegaria, em sua petição inicial, que dos três intrusos, “Clemente Ribeiro e José Joaquim Batista se haviam colocado umas três leguas distante de seus domínios ameaçados”, e que “Marcelino Cordeiro se eestava arranchando apenas a meia legua de distância da antiga fundação do pái, José Inacio Leite de Godóis”.

Sem embargo, seria procedente a conciliação dêste réu, ou, talvez, houvesse influido no ânimo do Juiz de Paz a terrível premuni-tória, pois que Marcelino foi mantido na posse: — o Juiz suplicado não seria “ignorante nem medroso dos poderosos”. De modo que Marcelino Cordeiro se tornaria pacífico senhor dos campos denominados “Tapera do Cipriano”, onde vivem descendentes seus, até hoje. Ao passo que Florencio tivéra reclusa para o Nascente a colossalidade territorial que lhe herdára do pái.

Entretanto, não se deteria o inquieto povoador desabalado, na Estância que primeiro conquistára à gentildade retirante, em Santa Rita, “onde com risco da propria vida, se defendeu durante alguns anos”, na consolidação do incipiente fundação possessória, limpa, enfim, do errático silvícola intratável.

Em verdade, dêsse memorável pórtico da tenacissima dominação gentilício-missioneira, baferia José Inacio para o Norte, a desbravar novas terras sertanêjas e a fincar posse latifundiária, seguido de afeitos aventureiros e devassadores impúnes do deserto. De chôfre, extrapassaria a sinistra ráia da Extrêma. Desceria até ao vale do caudaloso rio Bernardo José, cujo antiquissimo toponímico, de origem ignorada, de repelir não é a hipótese de que se relacione a alguma tentativa de aposseamento frustrado, de Bernardo José Pereira, pois que tal cunhado de Rafael Pinto Bandeira foi famoso “descobridor” e negociista de terra inculta.

José Inacio exploraria a região mesopotâmica, entre os rios de Pelotas e o de Bernardo José, a partir das vertentes dêste, na Extrêma. Nêsse ciclópico semi-círculo fluvial, modelou José Inacio seus imensos domínios fazendistas, cuja superficie abrange, atualmente, dois distritos planaltenses. Entestam aquêles, pelo Nascente, com Lageado Raso, ou do Frade, e penetram chão vermelhano, além de Bernardo José.

Foi José Inacio Leite de Godóis o mais antigo precursor, definitivamente identificado, da conquista e povoamento do sólo vermelhense, em cujas divizas originariamente se adentrára a fundo e, em cabo, victoriosamente se radicára.

Posteriormente, no segundo decênio da centúria XIX, desprender-se-ia da formação social planaltense a primeira partida migratória, que retomaria a tradição avoênga, a irradiar-se no seu glorioso destino povoantista. Ladearia para o Sul e ao longo da Serra Geral, para abicar nas cabeceiras do Turvo e Rio da Prata, cujo magnífico sólo

mediterrâneo desbravaria. Pontearia êsse movimento de iniciativa propulsora, brilhante núcleo de ardentes idealistas, recém-casados, no Planalto, na predestinada família Borges Vieira, com filhas de João Borges Vieira, segundo rebento do fundador da genealogia — Antonio Borges Vieira —. Eram eles: — Eduardo José de Almeida, c/c Rita Borges Vieira, o qual se acantonaria no babilônico latifúndio “Quilombo”, à sombra daquela serra; José Luiz Teixeira, c/c Rosa Borges Vieira, grande vulto político, o qual seria opulento fazendeiro no Turvo e no Prata; João Mariano Pimentel, c/c Bárbara Borges Vieira, com Fazenda nas vizindades da Freguesia, que depois permutaria por valiosa parte nos domínios do cunhado José Luiz, em Lagôa Vermelha, onde constituiria grande Estância no “Chimarrão” e rio da Prata; e José Nunes da Silva, c/c Donaciana Borges Vieira, que se apropriaria de larga extensão de terras, onde firmou posse e senhorio, limítrofe com as propriedades do cunhado José Luiz.

Esses, os assinalados dianteiros da profunda penetração migrante na região missioneiro-guaraníca da primitiva Lagôa Vermelha, em adentramento oriente-ocidente. Perto perto, porém, lhes seguiriam as peugadas vigorosas, na solidão desbravada, inumeráveis pretendores planalteanos, em busca de campanha devoluta. Ilustram e caracterizam essa corrente subitânea, diversos esgalhos da importante família Teles de Souza, de que é tronco o vestuto povoador — João Telo Xavier de Souza, natural de Santos. Finalmente, sobreviriam os Cordeiros, Costa Ribeiro, e sucessivos descendentes da linhagem planalteana.

E bem. Até aqui exemplifiquei os primeiros ensaios de adentramento possessivo na maravilhosa região dos “Fundos de Baqueria de los Piñares”, em marcha colonizadora, do Oriente para o Ocidente, diretamente, através das fronteiras do planalto central, para as vizindades vermelhenses, em cujo interior baldio se acantonariam.

Visei, assim, esboçar o ciclo histórico, de conquista e povoamento das campinas ocidentais do Nordeste serrano riograndense, indefinidamente afastadas de índio missioneiro e nômade da terra.

Certo, partiu, e natural é que houvesse partido, da miscigênea população aclimada no centro da rechã pastorícia, durante 70 anos de vivência em sociedade e posse efetiva, êsse ob-reptício transbordamento colonista, à procura de latifúndio reiúno, a caminho do Poente recém-acessível.

Em verdade, a remota iniciação de fixação povoantista no magestoso toporama destas paragens ondulantes, constitui simples prolongamento expansionista, desprendido daquela vigorosa comunhão heterogênea, vinculada na enseio agreste dos panorâmicos horizontes planaltinos.

Ademais disto, naquêlê entrementes culminante, lograra solu-

ção positiva, mediante concessões recíprocas, o severo problêma das fronteiras com o Rio de Prata, ou eterno pomo de discórdia entre ambas as corôas solares da Península.

Devolvido o territorio de Missões à suberania lusitana, de ora avante se abria à cobiça e apossamento do migrantismo bandeirante, intensamente evolvido, enfim, para a fecunda idade da Estância, a mais ridente perspectiva de gigantêsko domínios e riqueza rurícola: formava-se o ciclo patriarcal do rude pastoreio.

Para logo assomaria, transposto o rio de Pelotas, progressiva caravana de pretensores fazendistas, decampada da longínqua Paulicéia.

Galgado, porém, o Planalto riograndense, cujo vasto quadrante, dos Aparados e Serra Geral às ribanceiras dos rios do Turvo, Bernardo José e Prata, já se achava integralmente desbravado e subdividido entre veteranos posseiros sedentários,— parte dessa mole migratória se foi albergando no escampado devoluta, do interior à encosta da serrania impenetrável. Por essa amplidão imponente se iria disseminando. Ao passo que a grande massa dêsse deslocamento populativo transpunha as duas serras mediterrâneas (Matos Português e Castelhano) e se afundia no imenso intervalo deserto, onde se distributivamente acantonaria, na fundação da Estância babilônica.

Dêsse brilhante alvorecer de brasilidade propulsora, a pedra fundamental de futuras cidades missioneiras, — Passo Fundo, Palmeira, Cruz Alta, S. Francisco de Assis, Vila-Rica, Soledade, Povinho, sem falar nas aldeias históricas, que seriam continuadas.

Já agora, a bem da realidade histórica, oportuno é encarecer, aqui, leve engano do insigne Oliveira Viana, para quem, — “Dos campos de Viamão, os colonizadores paulistas passam, tomando o rumo do oeste, para a região das Missões, onde se fixam com Estâncias em Passa-Fundo, em Cruz-Alta, em Palmeira, em Santo-Angelo, em Nonoái, em São-Borja, já nas margens do Uruguái. Todo o povoamento inicial da região serrana do Riogrande, desde os campos de Vacaria às Missões, é obra dos sertanistas de São-Paulo...”

Se membargo da assersão da grande autoridade, o que a fundo nos esclarece a substrução da genealogia riograndense, é que o formidável periodo migrantista dos sertanêjos, no grande movimentô colonizador, que se distendeu para além do Guaíba e subiu pelo vale do Jacuí até às ábas da Coxilha-Grande, se compunha precipuamente de sangue açorita e lagunense, sem excluir apreciável miscibilidade com o sangue paulistano. Daquêlas alturas, parte minúscula extrapassaria Botucaraí e a Serra de São Martinho, e foi sair em plena região serrano-missioneira. Já aí, porém, se encontraria com o migrante paulista, veterano ocupante de possessão desbravada. Veio, todavia, de S. Paulo, através do Planalto. Desabalou-se por todos os ângulos da antiga região inaciana, desde o Mato Castelhano e os contérminos

da Serra-Geral, até às planícies do Uruguái. Certo, fracções da continentina “Baqueria de los Piñares”, tais como: — Lages e “Fundos de Baqueria” (a metade lagoana) fôram efetivamente colonizadas pelos paulistas.

Foi-o, também, o território de Missões, mas, por povoadores que transitaram diretamente pelo Planalto e, em linha vertical, desceram para a região missioneira, sem a desnecessária parábola pelas magníficas planuras litorâneas de Viamão, glorioso bêrço avoengo do Rio-grande do Sul.

Por igual, a parte oriente-centro do Planalto foi principalmente povoada por lagunistas, com frágil mészcla de paulistanos e portugueses.

Esboçada a pre-formação do cerne sócio-demográfico de Lagoa-Vermelha, cujo substrato específico centrifugamente se transplantára do Planalto; delineados os antecedentes históricos do advento povoantista paulistano, em trânsito invariável pelos passos de Santa Vitória e Barracão; — sinto que me falta espaço e laser, para, na brevidade desta palestra evocativa, desmiuçar o desdobramento genealógico dos indômitos plasmadores da aristocracia estancieira, neste deserto ensão agreste e merencório, de antanho. Entrementes, desfilariam as descendências de troncos venerandos: — dos Ferreiras, Albuquerque, Chaves, Luz, Lopes Estelita, Lima, Souza, Serafim, Dias de Moraes, Gonçalves Vieira, Boeno, Oliveira, Costa, Rodrigues, Carvalho, Barreto, etc., dentre os povoadores componentes da primitiva bandeira migratória, fundidos, pelo cruzamento, com os esgalhos Teles de Sauzo, Leite de Godói, Matos, Pimentel, Nunes, vanguardieiros da penetração planaltense nos enseios desconhecidos; plasmados, finalmente, nos renovos trazidos pelos Barros, Moraes Branco, Guimarães, Moojen...

Ha, no drama da conquista, radicação populacional e formação social do Nordeste do Rio-grande do Sul, estranhas fulgurações e trepidantes matizes de grandeza epopéica, definidos no secular insulamento e destêrro espontâneo, em que viveram e dominaram a própria adversidade sem conto, os colonizadores serranos, dos Aparados ao Mato Português. Sem vias de comunicação com o litoral, nem meios regulares de transporte e escambo, intimoratamente afrontavam e confundiam o próprio destino, na ingente parábola de cem léguas batidas, durante as longas viagens das tropas de cargueiros, tangidas através de ínvios caminhos e inóspitas serranias infestadas de silvícola e da féra carniceira.

Sem embargo, triunfariam de milhentas hostilidades semostrantes.

De feito, edifica a pasteridade aquéla pasmosa coragem, aquéla tenacidade indefessa, aquéle espírito de sacrifício, aquéla impassível

audácia na arremetida dos sertões e bravura na defesa dos domínios conquistados.

Predestinados dianteiros do ignóto. Fundadores inconcientes de civilização, qu e esgalhavam para o Sul, nas incultas paragens planaltenses, lentolento desbravecidas e incorporadas no estrelário territorial da futura nacionalidade.

Na severa ambiência moral que forjaram, formar-se-ia o saudável climax da mais autera simplicidade, rude franqueza, diáfana lealdade, cavalheirismo acolhedor, intransigência e formosura de caráter. Êsse, o feitio aparente das qualidades e virtudes de nossos antepassados imortais. E tão alto conceituavam o desígnio da própria missão nacionalista, de que eram desabaladas sentinelas vigilantes, que a êles lhes bastaria a detenção da posse escolhida, a ponto de se desinteressarem da concessão de sesmaria. Em verdade, a grande maioria dos colonizadores do giganteo *Distrito de los Peñares* conservaria, por título de senhorio, *erga omnes*, a singela permissão do capitão-mór, para que "ali se arranhe e nella continue enquanto assim convier ao serviço del-Rey". Tal a genérica origem jurídica da propriedade na portentosa região serrana do Nordeste riograndense. Volvidos já duzentos anos, mas, perenemente vinculados ao solarengo da estância desfeita, as gerações que perpetuam o sangue avoengo(manteriam inviolável amor do pago nativo, como estigma celular da propria brasilidade em miniatura. Defendem os tesouros da tradição regionalista: exalçam-nos. Mantêm o patrimônio vocabular que lhes ensinaram os páis, sem mescla nem intromissões peregrinas. Em cabo, cercadas de intênsos gânglios alienígenas, assimilam-nos, desnacionalizam-nos e transmitem-lhes rudimentos da língua autóctona em que se exprimem e se fazem compreender. Incutem-lhes seus hábitos caraterísticos de agilidade inconcussa e garboso desempenho, de consumados cavaleiros, sua atividade pastorícia, seu viver austero, mas afetivo. Todavia, vetam-lhes curso e tolerância ao patuá que ateiam prolongar na terra adotiva, de modo que nem-uma palavra ou têrmo estranho logra prazme na gíria corrente, no Planalto gaúcho.

Gente sóbria, cavalheirêscas e lhana de Lagôa Vermelha, originária e indefinidamente, "Fundos de Baqueria de los Piñares", antigo 4.º Distrito de Santo Antonio da Patrulha, — aquêlê que de ti só quiere reciprocidade na estima, devia-te esta homenagem de reconhecimento e comovida admiração sem alardes.

Joerei-te êste preâmbulo, tirado à genuína comunhão, contigo, da história do bérço meu natalício, de que és prolongamento ilustre e irmão excelso.

Em verdade, a separação autonônica, entre ambos, mais e mais os aproxima na identidade incontrastável e na unidade intrínseca da propria origem.

SESMARIAS MEMORÁVEIS (SANTO ANTÔNIO DAS LOMBAS)

DR. MANOEL DUARTE

Consigna o precioso Relato, do Alferes da Companhia Auxiliar, Manuel da Fonseca Páis, de 23 de março de 1781, que o capitão José Carneiro Geraldês, após a violenta irrupção gentílica, em 1779, "Retirou Sua gente e Animaes p.^a as Partes de viamão, deixando os Campos de Valutos".

Data de 1770 a ocupação possessória dêsse antigo forasteiro retirante, que operou na primeira fase de conquista e iniciação pastorícia da propriedade solar, no Planalto. A sesmaria do famoso negociasta de terras localiza-se entre as ribanceiras do Lageado Grande (Saltinho) e Santa Rita. Tange pelo sinuoso curso daquêlê, abaixo, até à embocadura, em frente a Muitos Capões do afluente seu principal na margem direita. Sobe, então, por êste, à respectiva nascente. Corta brevíssima linha sêca e vai cair no leito do rio Santa Rita, cuja origem busca, no soláis do Môrro do Leão, que é o ponto culminante do ocidente nordestino. Desce, daí, a rumo do oriente, à procura da cabeceira do rio que se orige no Capão do Leão. Segue-o, depois, à jusante, até ao minúsculo tributário que brota do Capão do Cedro. Galga por êste ribeiro, a montante, de cujas pontas lodosas frecha para o sul, a atingir a vertente que gera o Saltinho.

Dêsqe larga o rio do Leão, para tangenciar o respectivo afluente levantino, e desce pelo rio Saltinho, que deixa, para, da defrontura de Muitos Capões, subir, afinal, pelo confluente da margem direita, — a possessão de Santo Antonio das Lômbas, de Geraldês, divide-se com os domínios latifundiários do patriárca Manuel Rodrigues de Jesus. Ao passo que, das bandas oêste e norte, confina em terras reiúnas, em cuja contiguidade, já nas sinistras vizinhanças da "Extrema de Baqueria de los Piñares" loiolana, fundaria posse, pouco depois, o Alferes da Companhia Auxiliar, Manuel da Fonseca Páis a qual seria destruída pelos silvícolas, na invazão de 1779.

De caminho, merece referida interessante singularidade corográfica, formada pelos rios Saltinho e Santa Rita, tão intensamente un-

gidos de mística evocatividade, na história das lutas de predomínio e constituição territorial do latifúndio, no escampado nordestino. Espontam ambos precisamente do vértice meridional da assinalada Coxilha Grande, distantes, cêrea de vinte quilômetros, entre si. Descorgam à direção do ocaso e, depois de traçar amplo semi-círculo, em que ladeiam montanhas escarpadas, de origem tipicamente vulcânica, contorneiam paralelamente para o sul. Insulam, de passagem, a cordilheira orográfica de Entre Rios e, descrita magnífica parábola de doze leguas de giro oriente-poente-sul, vão a confluir-se, já em plena Serra Geral, onde, com o Turvo e o Têlha, formam o rio da Prata.

A grandiosa distensão topográfica da campanha planaltense apresenta imprevistos de beleza toporâmica, no aspecto multiforme e sobêrbo, do conjunto. Tal, o mirífico panorama tumultuário e formidável da paisagem, que se desdobra. Relêvos de colinas e coxilhas ondulantes; môrros e espigões verdecentes; vales e chapadões gigantescos, atufados na perêne viçosidade estonteadora da vegetação luxuriante. Na planície, ora, a morta estagnação aluviana dos banhadaís; ora, a sonarenta quietude merencórea das lagôas; ora, o sulco raso por onde se despenham límpidas caudais murmurantes, escondidas no seio florente e espêso das restingas. De ora em quando, o silente negrume pinturêso dos capões, dos quais se altana o vulto esguio, preguiçosamente bracejante, dos pinheiros...

Em verdade se perde no infinito desfile de milhentos contrastes de encantamento vertiginoso a travessia do Planalto estupêndo, do centro para o ocaso, por de sôbre a curvilínea estrada bissecular dos missionários inacianos. Invariavelmente se assenta esta nas abas históricas da Coxilha Grande, ou impassível divizor das águas. Primeiro, o varzêdo indefinido e ridente, da vetusta sesmaria da Chapada. Depois, o maciço quadrante, frígido e úmido, do Tijuco Preto, com aquela impressiva camada mosáica de terra rôxo-nêgra, inteiramente permeada de areia, a testificar a remota origem marinha donde provém, ou, tlvez, a revelar, na escura gordurosidade de autênticos resíduos pulverulentos, encontradiços ao rés do sólo, algum próximo veio subterrâneo de carvão... Ao diante, o lento assômo da rechã, na contínua elevação da terra, em montes caprichosamente proteiformes, fraldejados de aprazíveis campinas sucessivas, até ao descampado dominante, na Várzea dos Antunes.

Ora, ao sopé desta altitude sobreanceira se distendem as lômbas inteiriças de tres magestosos promontórios, paralêlos e equidistantes, de

fôrma grosseiramente cilíndrica, os quais avultam, norte-sul, a cavaleiro do estendal culminante, nos longes risônhos do horizonte. Imprimem, vistos à distância, a monstruosa feição de sonambúlicos espectros prometêuticos, debruçados na imobilidade eterna da planura, cujos enseios minútos os separam, distributivamente. Abrangem, regularmente, a extensão de dois quilômetros de comprimento e um, de largura. Desaparecem, de inopino, ao sul, nas caídas montanas do Saltinho, que serpeia em longa curva nascente-oéste. Esmaecem, ao norte, em suave ladeira decrescente, que se funde, lentolento, no nível monótono da Várzea, mansamente inclinada para a bacía do Uruguái.

E bem: tão incisiva originalidade geográfica acudira à inspirada imaginação dos povoadores planaltinos, ante a representação toponomástica daquela sugestiva tonalidade pitorresca. De feito, vem da era longinqua das primeiras cruzadas possessivas, no Planalto, o batismo toponímico de "Santo Antonio das Lômbas", ao belíssimo latifúndio.

Após a violenta irrupção gentílica de 1779, o capitão José Carneiro Geraldês "Retirou Sua gente e Animaes p.ª as Partes de viamão, deixando os Campos deValutos", — informa a singela narrativa oficial do comandante Manuel da Fonseca Páís, na grafia sua arrevesada.

Entretanto, Carneiro Geraldês manteve possessão nominal naqueles campos imponentes, os quais, por morte dèste primitivo expropriador absentista, couberam ao genro, Hermenegildo Pereira Marques. Mais tarde, por falecimento dèste último, herdou a posse daquelas terras o respectivo genro, Joaquim da Costa Chaves, que, em 1845, vendeu a parte oriental da Fazenda a Francisco de Paula Carvalhais, e, em 1847, transferiu o restante de sua propriedade ao lagunense, Joaquim Francisco Pereira. Este veio a residir nos domínios adquiridos, onde exerceria posse pacífica, até 1850, quando Manoel Bento da Costa, genro de Joaquim José de Almeida Proença, pai do barão de Nonoái e fundador da Fazenda da Estrêla, (antigo domínio apelidado de Campos Lageanos) transou ao paulista, João Antunes Maciel, a porção sul dessa Estância, na qual lhe transferiu posse violenta, pois que primeiro destruiu casa e tódas as benfeitorias daquele comprador e legítimo possuidor sedentário.

Nada conseguiria, em Juízo, o esbulhado. Em cabo, o decurso do tempo, a escritura de transação do intruso e a posse efetiva, posto que precária, do adquirente, sancionariam a situação jurídica daquela sorte valiosa de sólo, em benefício de Maciel, na antiquíssima sesmaria de Santo Antonio das Lômbas.

Operou-se, pois, a consumação do esbulho. Não é, aliás, exemplo

único. Porque, em verdade, o início da propriedade imobiliária, no Planalto, como adúnia, provém, em regra generalizada, da violência originária e triunfante, do mais forte...

Naquele estratificado latifúndio planaltino, permanece tranquilamente a descendência de João Antunes Maciel, parcialmente fundida nos próprios esgalhos do vetusto tronco rival, origido do mesmíssimo Joaquim Francisco Pereira, vicinal e amistosamente entrecruzados, através de cem anos de vivência e esquecimento recíprocos.

LANÇE DE VISTA SÔBRE AS ESPÉCIES EXTINTAS DE MAMÍFEROS DO BRASIL

PETER WILHELM LUND — Introdução de CARLOS DE PAULA COUTO

(Extrato de algumas memórias apresentadas à
Real Academia de Ciências de Copenhague).

Introdução

“Desde que cheguei ao Brasil, há cinco anos, não cessei de me ocupar, dum modo especial, ao estudo dos animais vertebrados fósseis que abundam nas cavernas. Tereis uma idéia a seu respeito quando eu vos dissor que, sômente na classe dos mamíferos, já reuni mais de setenta e cinco espécies distintas, pertencentes a quarenta e três gêneros, isto é, um número igual em espécies e superior em gêneros aos animais que habitam atualmente as mesmas regiões”.

“Tendo a Academia Real de Ciências de Copenhague resolvido ajudar-me em minhas pesquisas, julguei-me no dever de endereçar primeiro àquela sábia sociedade os resultados que obtive, mas, como minhas memórias serão publicadas em dinamarques, língua pouco conhecida dos naturalistas franceses, e como êsses escritos não aparecerão talvez muito prontamente, remeto-vos um extrato dêles, que vos peço comunicar à vossa academia e inserir em vossos anais”.

“A primeira memória que enviei à Academia de Copenhague contém Notas sôbre a vegetação do planalto central do Brasil, principalmente em relação à história das plantas. Após ter dado uma descrição detalhada desta vegetação, segundo sua fisionomia e sua composição botânica, procurei mostrar que ela se acha hoje, na maior parte, num estado secundário, muito diferente do estado primitivo, do qual derivou. Segui gradualmente as modificações e as alterações do estado primitivo, durante os tempos históricos, e procurei desenvolver-lhe as causas. Sei que minha maneira de ver parecerá estranha à maioria dos naturalistas; mas contento-me em convidá-los à verificação dos fatos, de que minhas conclusões não me parecem senão a expressão generalizada”.

“As outras memórias têm tôdas por objeto as ossadas fósseis desta região. A segunda é dedicada à descrição duma caverna, Lapa nova

de Maquiné, tão notável por sua beleza como pelos restos orgânicos que encerra. A terceira trata duma outra caverna, igualmente notável, sob o último ponto de vista, chamada Lapa da cerca grande”.

“As memórias seguintes formam uma série a parte, sob o título: *Lance de vista sobre o mundo animal do Brasil, antes da última revolução da superfície do globo*. A primeira desta série ou a quarta da série geral contém as generalidades, a saber: a descrição geológica da região, a exposição das circunstâncias a que se acham submetidas as ossadas fósseis, enfim notas sobre as espécies vivas do mamíferos desta região. A quinta e a sexta enumeram as espécies perdidas desta classe, que conseguí restabelecer até agora, e são terminadas por observações sobre as relações que existem entre os animais dessas duas criações, assim como sobre a natureza da grande catástrofe que vem descerrar a cortina entre uma e outro”.

“É dessas três últimas memórias o resumo que aqui vos dou, para ser inserido em vosso precioso jornal”.

— Com estas palavras, extraídas duma carta datada de Lagôa Santa, Brsail, em 5 de Novembro de 1838, apresentou Lund ao Sr. Audouin, para a devida publicação nos “*Annales des Sciences Naturelles*”, o artigo que a seguir transcrevemos, devidamente traduzido.

Muitos dos nomes genéricos citados por Lund, no presente artigo, não são aceitos atualmente, alguns, por terem caído na sinonímia de nomes já usados anteriormente (*Hoplophorus* = *Sclerocalyptus*; *Coelodon* = *Nothotherium*; *Dicotyles* = *Tagassu*; *Eirara* = *Tayra*; *Myopotamus* = *Myocastor*), outros, por terem sido interpretados erroneamente (*Megalonyx*, em vez de *Scelidotherium*; *Hyaena*, em vez de *Smilodon*; *Antilope*, *Cynaelurus*, *Ursus*), outros, por terem sido posteriormente dissociados em gêneros diversos (*Mastondon* corresponde aqui a *Cuvieronius*; *Lepus* a *Sylvilagus*) e, enfim, outros, por não terem sido confirmados (*Euryodon*; *Heterodon*, *Pachytherium*, *Sphenodon*, *Leptotherium*, *Thylacotherium*). Algumas das espécies de Lund também não são aceitas hoje, por diversas razões. Entretanto, a despeito do anacronismo de muitos dos nomes de grupos citados por Lund, alguns dos quais não figuram entre os que mencionamos acima, colhidos por alto, o presente artigo é de muita importância, sob diversos pontos de vista, principalmente por conter a descrição original de diversos gêneros da fauna extinta e da fauna atual do Brasil.

— As três primeiras memórias, supra-mencionadas por Lund, foram publicadas em “*Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskabs Naturvidenskabelige og Mathematiske Afhandlinger*” (Memórias de ciências naturais e matemáticas da Real Sociedade Dinamarquesa de Ciências), VI.^a parte, Copenhague, 1837.

A primeira, intitulada “*Bemaekringer over Vegetationem paa De Indre Høisletter af Brasilien Isaer i Plantehistorish Henseende*” (Notas sobre a vegetação do planalto central do Brasil, principalmente

em relação à história das plantas), datada de 1834-1835, ocupa as páginas 145-188 daquela publicação.

A segunda, intitulada "*Om Huler i Kalksteen i det Indre af Brasilien, der Tildeels Indeholde Fossil Knokler — Første Afhandling — Lappa nova de Maquiné*" (Cavernas em rocha calcárea no interior do Brasil, algumas das quais contêm ossos fósseis — 1.^a memória: Lapa nova de Maquiné), com 2 planchas, datada de 1835, ocupa as páginas 207-248.

A terceiro, com o título "*Om Huler i Kalksteen i det Indre af Brasilien, der Tildeels Indeholde Fossile Knokler — Anden Afhandling — Lappa da Cêrca Garnde*" (Cavernas em rocha calcárea no interior do Brasil, algumas das quais contêm ossos fósseis — 2.^a memória: Lapa da Cêrca Grande), com 3 planchas, datada de 1836, ocupa as páginas 307-332.

— As últimas três memórias, mencionadas por Lund, na mesma carta, as quais formam uma série a parte, sob o título geral de "*Blik paa Brasiliens Dyreverden før Sidste Jordomvaeltning* (Lance de vista sobre o mundo animal do Brasil, antes da última revolução da superfície do globo), cujo resumo foi feito por Lund, no artigo que aqui traduzimos, foram publicadas também em "*De Kongelige Danske Videnskabernes Selskabs Naturvidenskabelige og Mathematiske Afhandlinger*" (Memórias de ciência naturais e mathemáticas da Real Sociedade Dinamarquesa de Ciências), de Copenhague, a saber:

a primeira delas (a 4.^a da série geral), que é uma introdução (*Indledning*), datada de Lagôa Santa, em 14 de Fevereiro de 1837, ocupa as páginas 27-60, do volume VIII — Copenhague, 1841;

a segunda (a 5.^a série geral), que inicia o estudo dos mamíferos (*Pattedyrene*), datada de Lagôo Santa, em 16 de Novembro de 1837, ocupa as páginas 61-144, do volume VIII, sendo acompanhada de 13 planchas (Tab. I-XIII) — Copenhague, 1841;

a terceiro, enfim (ou a 6.^a série geral), que continua o estudo dos mamíferos (*Fortsættelse af Pattedyrene*), datada de Lagôo Santa, em 12 de Setembro de 1838, ocupa as páginas 217-272, do volume VIII, sendo acompanhada de 11 planchas (Tab. XIV-XXIV) — Copenhague, 1841.

— Também em "*Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskabs Naturvidenskabelige og Mathematisk Afhandlinger*" VIII.^a parte, pgs. 58-60, Copenhague, 1841, foram publicados "*Rettelser og Tilføeg til Dr. Lunds tre første Afhandlinger i Videnskabernes Selskabs naturv. og mathem. Aft. 6te. Deel, meddelte af Forfatteren* (Emendas e aditamentos às três primeiras memórias do Dr. Lund — nos. 1-3 — pelo autor):

1. Til Afhandlingen om Vegetationen paa Høisletterne af Brasilien.
2. Til Afhandlingen om Maquinéhulen.
3. Til Afhandlingen om Lappa da cerca grande.

Ainda na VIII.^a parte, pgs. 273-296, com 3 estampas (Tab. XXV-XXVIII), Copenhagen, 1841, foi publicado um suplemento às duas últimas memórias — 5.^a e 6.^a da série geral — sobre o mundo animal do Brasil, antes da última revolução do globo (“Tillaeg til de to Sidste Afhandlinger over Brasiliens Dyreverden för Sidste Jordomvaeltning”), datado de Lagôa Santa, em 4 de Abril de 1839.

Na IX.^a parte, pgs. 1-6, Copenhagen, 1842, “Fortsatte Bemaerkninger over Brasiliens Uddöde Dyrkabning (Continuação das considerações sobre os animais extintos do Brasil), datado de Lagôa Santa, em 27 de Março de 1840.

Na XI.^a parte, pgs. 1-3, com 1 estampa, Copenhagen, 1845, “Tillaeg J. W. Lund Blik paa Brasiliens Dyreverden för Sidste Jordomvaeltning. Fjerde Afhandling: Vaessentling Berigtigelse til Beskrivelsen af Haandbygningen hos Platyony (Suplemento à 4.^a memória: Correção importante da descrição da estrutura da mão de *Platyonyx*), datado de Lagôa Santa, em 27 de Fevereiro de 1842.

— Além desses, publicou Lund diversos outros trabalhos sobre os mamíferos fósseis do Brasil, todos, infelizmente, em dinamarquês

— Algumas dessas memórias foram traduzidas para o francês, por ordem e a expensas do imperador D. Pedro II e por êle oferecidas ao prof. Henri Gorceix, para ser publicada, em português, nos Anais da Escola de Minas de Ouro Preto.

A tradução das mesmas para o vernáculo, porém somente foi feita em 1900, pelo Dr. Leonidas Damásio, e publicada, então, na revista do Archivo Público Mineiro.

Uma reedição daquelas memórias, baseada na tradução do Dr. Leonidas Damásio, foi feita, em 1935, pela Bibliotéca Mineira de Cultura, patrocinada pela Academia Mineira de Letras, de Belo Horizonte (Edições Apollo), sob o título “Memórias Scientificas”.

— O artigo que aqui traduzimos foi publicado em “Annales des Sciences Naturelles”, sécondo série, tome onzième — Zoologie, pgs. 214-234, Paris, 1839, sob o título “COUP-D’OEIL sur les espèces éteintes de Mammifères du Brésil, extrait de quelques mémoires présentés à l’Académie royale des Sciences de Copenhagen”.

— Traduzimos, a seguir, num apêndice, novas observações sobre a fauna fossil do Brasil, extraídas duma carta endereçada por Lund aos redatores dos “Annales des Sciences Naturelles”, datada de Lagôa Santa, em 20 de Abril de 1839, e publicadas no número seguinte daquêles anais, séconde série, tome douzième — Zoologie, págs. 205-208, Paris, 1839, sob o título “NOUVELLES OBSERVATIONS sur la Faune fossile du Brésil, extraites d’une lettre adressée aux rédacteurs par M. Lund”. Essas novas observações são adicionais ao primeiro resumo feito por Lund, aqui traduzido.

— Rio de Janeiro, 24 de Outubro de 1944.

Carlos de Paulo Couto

A parte do Brasil cujas cavernas estudei, com todo o cuidado de que sou capaz, é compreendida entre o Rio das Velhas, um dos confluente do rio São Francisco, e o rio Paraopeba. Essa região forma um planalto cuja altitude é de 2.000 pés acima do nível do mar; é percorrida, em sua parte média, por uma cadeia de montanhas cuja altitude é sómente de 300 a 700 pés. Esta cadeia é formada por um calcáreo mesozóico, estratificado em camadas horizontais, cujos caracteres são idênticos aos do "zechstein" (calcáreo conchífero) e do "hohlenkalkstein" dos alemães (calcáreo de cavernas). É completamente crivado de cavernas e atravessado, em todas as direções, por fendas cujo interior é mais ou menos cheio de uma terra vermelha, idêntica com a terra vermelha que forma a camada superior da região.

Esta camada, que varia de 10 a 50 pés de espessura, cobre indistintamente e sem interrupção as planícies, vales, colinas e mesmo os declives suaves das altas montanhas. Consiste principalmente de argila que encerra camadas subordinadas de síbri e calhaos de quartzo. As vezes, esta camada é de tal modo ferruginosa que as partículas de ferro se transformam num mineral de ferro pisolítico, semelhante ao que enche as fendas do Jura.

A terra que cobre mais especialmente essas cavernas sofreu algumas modificações, em consequência de sua introdução e de sua permanência nesses redutos: 1.º encerra fragmentos angulosos ou rolados da rocha calcárea; 2.º tornou-se mais dura, em virtude da deposição de partículas de cal em seu meio, efetuada pelas águas que, carregadas desta substância, se infiltram através das fendas da rocha; 3.º, enfim, é impregnada de salitre, substância que provocou sua exploração, pelos habitantes da região.

É nesta terra que jazem as ossadas fósseis, que ali se depositaram em confusão. Essas ossadas são muito frágeis, muito brancas em sua fratura e aderem fortemente à língua. Às vezes, são petrificadas, mais frequentemente transformadas em espato calcáreo. Ordinariamente são quebradas, esmagadas ou mutiladas de diversos modos; enfim, apresentam, muito frequentemente, sinais de dentes que não nos permitem duvidar de que os animais a que perteceram foram arrastados por animais ferozes que habitavam outrora essas cavernas. As ossadas dos animais maiores foram ali introduzidas por diferentes mamíferos carnívoros; as dos animais menores, por uma espécie de ave diurna de que vos falarei, em seguida.

Hoje, pelo contrário, nenhum dos animais ferozes da classe dos mamíferos, que habitam a região, tem sua moradia nas cavernas, nenhum acumula ali montões de ossos, comparáveis aos que se vêem nos terrenos diluvianos; o que se acha, no máximo, nas escavações feitas em terrenos modernos, são ossadas de pequenos animais, que juncam sua superfície e que serviram de preza a uma ave noturna, o môcho do rasil (*Strix perlata* Licht).

Até hoje, consegui, como já disse, restabelecer 75 espécies distintas, de mamíferos fósseis. Esse número parecer-vos-á considerável, sobretudo se não tiverdes, como suponho, nenhum conhecimento de minhas pesquisas. Não dei, até agora, notícia a seu respeito senão à Academia real de Ciências de Copenhague; mas considerar-me-ei muito lisonjeado se quizerdes dizer algumas palavras a seu respeito à vossa illustre academia.

Eis a lista das espécies de mamíferos, que consegui restabelecer até hoje.

MYRMECOPHAGA. Uma espécie ainda pouco determinada, do tamanho do boi (*Myrm. gigas*).

DASYPUS Wagl.. Uma espécie vizinha do *D. octocinctus*, mas de focinho mais curto, e uma outra espécie do mesmo gênero, duas vezes maior que as espécies vivas, cuja couraça era composta de placas profundamente pontilhadas, *D. punctatus*.

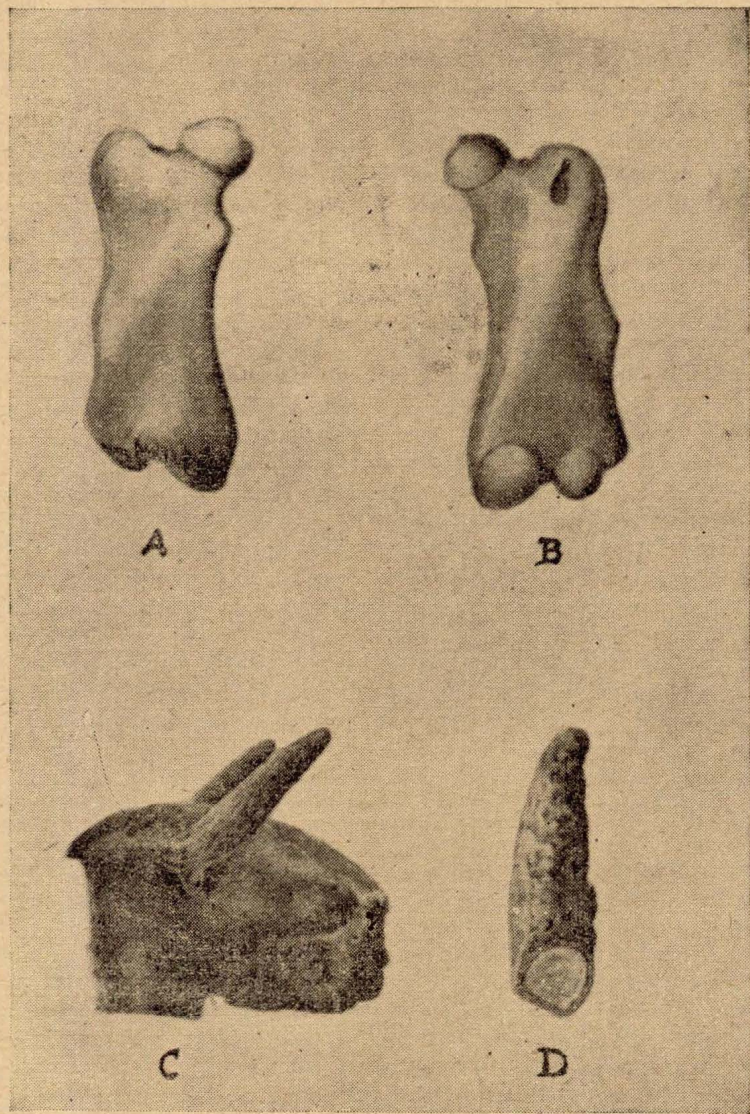
XENURUS Wagl.. Uma espécie vizinha do *X. nudicaudus*. Mihi.

EURYODON Lund. Gênero extinto de tatús, caracterizado por seus dentes comprimidos transversalmente. Não conheço senão uma espécie, do tamanho dum pequeno porco.

HETERODON, M. Outro gênero extinto, da mesma família, que se distingue de todos os tatús vivos pela grande desigualdade de seus dentes, tanto pela forma como pelo tamanho. Os anteriores, assim como os posteriores, apresentam a forma de cilindros muito delgados; os dois que precedem o último são muito grandes, oferecendo, o anterior, um corte transversal em forma oval e, o posterior, em forma de coração. A espécie que serviu para o estabelecimento d'este gênero é do tamanho dum coelho.

CHLAMYDOTHERIUM, M. Esse gênero, pertencente ainda à família dos tatús, é um dos melhor conhecidos e muito interessante, em virtude dos vínculos que estabelece entre diversos grupos ainda vivos, da mesma família, assim como pelos primeiros sinais de afinidade que apresenta com a família das preguiças, sinais que veremos aumentarem gradualmente nos gêneros seguintes, ao ponto de tornar a linha de separação entre essas duas famílias muito incerta.

O *Chlamydotherium* representa o gênero *Euphroctus* Wagl. (o Encoberto, Buff.) em ponto maior. Sua couraça é muito semelhante à do último e sua osteologia, exceto a das extremidades, apresenta grande analogia com a do *Euphraetus gilvipes* III.. A estrutura das mãos e dos pés é a dos *Cachicames*, em proporções maiores; este animal não tem, igualmente, senão quatro dedos nas mãos. O sistema dentário aproxima-se ainda mais do Encoberto, por ser munido de dentes incisivos (quatro superiores, seis inferiores), mas os molares afastam-se muito, por sua forma, dos de todos os tatús vivos, pois são muito grandes, muito comprimidos lateralmente e oferecem uma grande superfície chata ou afundada em seu meio, pela trituração; esta estrutura apro-



FIGS. — A e B — Fêmur direito de *Megatherium*, visto de trás (A) e de frente (B). Muito reduzido. C — Parte do crânio dum suposto antilope (*Antilope maquinensis* Lund). 1/6. D, — Corno do mesmo. 2/3. (Desenhos de Lund, feito sobre fósseis coletados na Lapa nova de Maquiné)

xima-os dos dentes das preguiças e particularmente do gênero *Megalonyx*.

A espécie mais comum desse gênero (*C. humboldtii*) era do tamanho dum tapir; mas existia uma outra espécie do mesmo gênero (*C. giganteum*), que igualava os rinocerontes. *HOPLOPHORUS*, um dos mais extraordinários desta família, pelas proporções pesadas de suas espécies, por seu tamanho gigantesco, assim como pela singular combinação de diferentes organizações que apresenta, aproxima-nos ainda da família das preguiças. Esses animais eram armados, como os tatús, duma couraça que cobria todas as partes superiores do corpo e que era composta de pequenas placas hexagonais, exceto no meio do corpo, onde essas placas apresentavam a forma quadrada e se dispunham em faixas transversais imóveis. Os ossos do tronco, assim como os grandes ossos das extremidades, são ainda muito semelhantes aos dos tatús, e particularmente aos dos *Cachicames*; mas os ossos que compõem os pés apresentam um tal encurtamento e um tal achatamento das faces articulares, que diferem, sob esses pontos de vista, de tudo o que se conhece fora deste grupo, de modo que não se concebe como tais pés puderam servir para escavar a terra. A forma dos dentes também mostra que esses animais se nutriam exclusivamente de substâncias vegetais e provavelmente pastavam à maneira dos grandes paquidermes. Os molares assemelham-se, pela forma, aos da capivara, dos quais se distinguem por sua estrutura simples. Uma particularidade muito notável que oferece a osteologia desses animais é de ser sua arcada zigomática munida de um ramo descendente, caracter considerado até hoje como exclusivamente próprio das preguiças.

Este gênero extraordinário ofereceu-me até hoje duas espécies, ambas do tamanho do boi (*H. euphractus* e *H. Selloi*). Fred. Sello achou na república do Uruguai fragmentos dum esqueleto desta última espécie, que foram descritos por Weiss e Dalton, em Berlim.

Alguns ossos das extremidades mostraram-se a existência, naquêles tempos, dum outro gênero, hoje extinto, de proporções ainda mais pesadas que as do precedente, que reunião a um tal ponto os caracteres dos tatús aos da preguiças, que devemos proceder a um exame mais aprofundado, para poder decidir a qual das duas famílias êle pertence. O animal de que provêm esses ossos, ao qual aplicarei provisoriamente o nome genérico de *Pachytherium*, ultrapassava um pouco, por seu tamanho, as espécies do gênero precedente.

Atingimos, assim, gradativamente, a família das PREGUIÇAS, que neste mundo antigo tinha um papel muito importante, pelo número e pela variedade de suas formas, assim como pelo grande tamanho que atingiam suas espécies.

O primeiro gênero de que nos ocuparemos, o *Megalonyx*, liga-se ainda aos tatús, pelas placas ósseas que guarnece uma parte de seu corpo; mas essas placas, embora sejam muitíssimo grossas, estão lon-

ge de formar uma couraça contínua, como a dos tatús, pois eram separadas umas das outras por grandes intervalos.

O *Megalonyx* mostra as maiores relações com o *Megatherium*, principalmente na estrutura e composição dos pés; mas os posteriores apresentam a mesma torsão que os pés do *Bradypus tridactylus*, embora resultante duma causa diferente. No "Aí", essa torsão é produzida pelo modo particular da articulação da perna com o astrágalo; no *Megalonyx*, essa articulação faz-se do modo ordinário e é a face tarsiana dêsse último osso que, por sua conformação anômala, acarreta a contorsão do plano de todo o resto do pé.

Os molares, em números de cinco superiores e de quatro inferiores, são desprovidos de raízes, como os de todos os outros animais da ordem dos Brutos (Desdentados B.) e diferem consequentemente dos do *Megatherium*, que são descritos como tendo duas raízes (x).

Os *Megalonyx* eram providos duma cauda excessivamente forte e provavelmente preênsil (xx), o que, junto com a contorsão do plano dos pés e com o enorme comprimento de suas unhas, deve fazer crêr em que êsses animais, a despeito do enorme pêso de seu corpo, eram destinados a trepar nas árvores, como seus análogos na criação atual (x).

Êsse gênero parece ter sido muito rico em espécies, pois já se distinguem cinco delas entre os numerosos restos que se encontram nas cavernas. Uma delas parece idêntica com a espécie achada na Virgínia e descrita por Jefferson (*M. Jeffersoni*). Uma outra (*M. Bucklandii*), do mesmo tamanho da precedente, é notavel pelo excessivo volume de seus ossos. Uma terceira (*M. Cuvieri*), um pouco menor que as espécies precedentes, é do tamanho de um boi muito grande.

O *M. gracilis*, do tamanho do precedente, distingue-se das outras espécies, por suas proporções mais delicadas; enfim, o *M. minutus* não ultrapassa as dimensões do porco.

Possuo o maxilar superior dum animal cujos dentes mostram bastante analogia com os do *Megalonyx*, mas que dêles se distinguem, por um caracter muito particular. Em vez de formarem cilindros, como os dentes de todos os outros gêneros da ordem dos Brutos, êles são em forma de cônes, cuja base é digida para o fundo do alvéolo, de modo que êles ali se apresentam encravados como cunhas. Essa conformação particular deu-me ensejo de denominar êsse gênero de *Sphenodon*. O maxilar parece indicar um animal do tamanho de um porco.

O gênero designado sob o nome de *Coelodon* conduz-nos às Preguiças vivas e parece ligar estas aos *Megalonyx*. O *Coelodon* tem quatro molares de cada lado, tanto no maxilar como na mandíbula, muito semelhantes, em sua forma, aos da preguiça tridáctila. Tem ainda,

(x) O que não é exato (nota do tradutor).

(xx) Hipótese inexata (nota do tradutor).

(x) Suposição hoje inaceitável (nota do tradutor).

como esta, todas as garras muito comprimidas, mas os dedos são escurtados e as dimensões são muito desiguais, como nos *Megalonyx*. O plano dos pés é voltado para dentro, como num e noutro desses dois gêneros, mas o mecanismo dessa torsão é idêntica ao de *Megalonyx*. Enfim, elle tinha, como o último, a cauda muito possante e provavelmente preênsil (xx). A única espécie que conheço, d'este gênero, (*C. maquinense*) attingia o tamanho do tapir (Memória sobre a caverna de Maquiné).

Se lançarmos uma vista d'olhos sobre os animais que já enume-rei, todos compreendidos na ordem dos Brutos (Desdentados C.), veremos:

1.º que as famílias dos tamanduás propriamente ditos, dos tatús e das preguiças, que na época atual são próprios da América, ali vi-viam também na época que precedeu a nossa;

2.º como nenhum animal das três famílias mencionadas acima foi achado até hoje nos terrenos diluvianos das outras partes do mundo, devemos admitir que, naquela época, essas famílias eram próprias daquela parte do mundo, como ainda o são;

3.º a ordem dos Brutos era então mais rica, tanto em gêneros como em espécies, do que hoje (os gêneros, na razão de 11 para 5; as espécies, de 18 para 7);

4.º a maioria dos antigos gêneros desta ordem desapareceu (de 11 gêneros, 8 desapareceram e 3 existem ainda);

5.º todas as espécies desta época geológica extinguiram-se (entre 18 espécies fósseis, não se encontram senão 2, que apresentam afinidade com espécies vivas, mas não estou seguro de que existam diferenças específicas, pelo menos para uma delas);

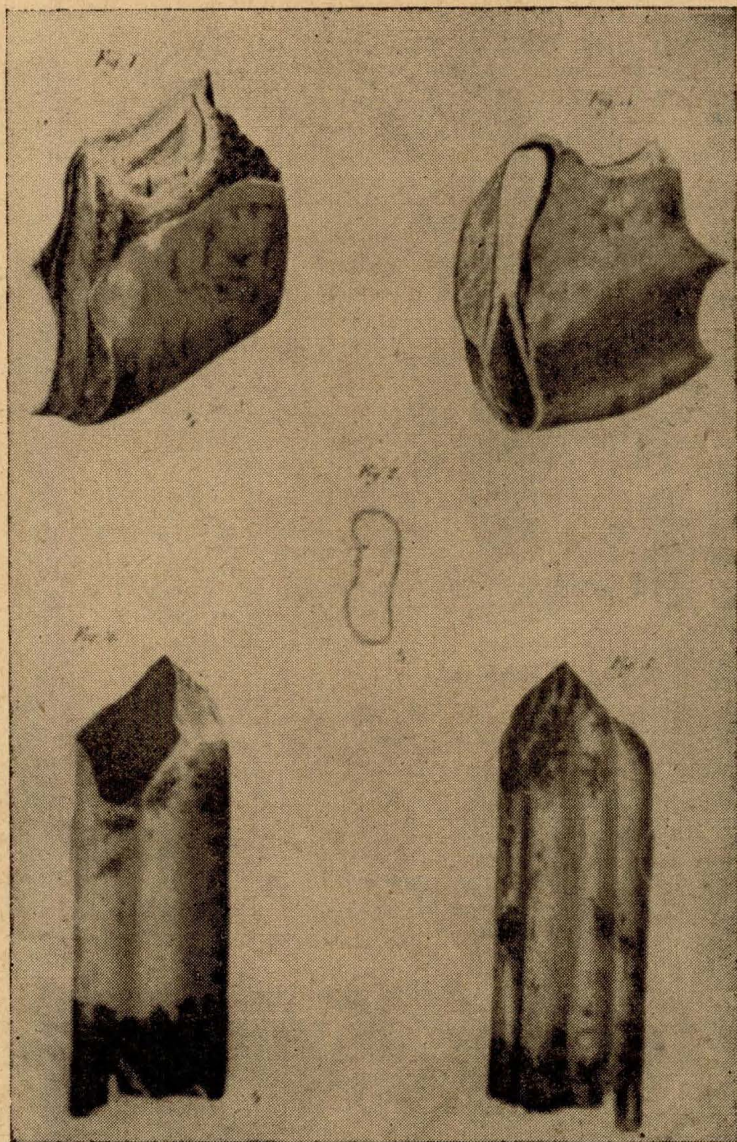
6.º os animais desta ordem atingiram naquella época geológica dimensões muito mais consideráveis que as dos animais modernos.

A família das Preguiças é hoje completamente ausente do vale do Rio das Velhas, o que se explica pela ausência de florestas virgens, pois toda essa região é atualmente ocupada pelo forma de vegetação que os brasileiros chamam de "campos". É provavel que, na época quando viviam os grandes animais desta família, isso fôsse diferente e que toda essa região fôsse então coberta de florestas imensas, pois vimos, como tudo nos faz crêr, que esses animais levavam o mesmo gênero de vida que seus análogos da criação atual, isto é, que procuravam seu alimento nas árvores.

A família dos *PACHYDERMES* acha-se hoje reduzida aqui a dois gêneros, o do Tapir e o do Pecari, o primeiro com uma espécie, o segundo, com duas.

Esses dois gêneros deixaram numerosos restos nos depósitos de terra das cavernas e, entre os do último gênero, cheguei a distinguir

(xx) Vide nota anterior.



FIGS. 1 e 3: *Chlamydotherium Humboldti*. Fragmento de mandíbula, visto de duas posições (1 e 3) e corte transversal dum dente (2).
Figs. 4 e 5: *C. giganteum*. Dente molar. (Tab. II da 5.^a memória de Lund). 3/5.

quatro espécies muito distintas, tanto entre si como em relação com as espécies vivas, uma das quais se fazia notavel por seu grande tamanho que excede quasi no dobro o das espécies vivas.

Além dêsses dois gêneros atuais, essas paragens eram então habitadas por um grande animal desta família, cujo gênero não mais existe, o Mastodon. Achei ossadas dêsse gênero, que revelam um animal do tamanho do elefante, sem que eu possa determinar a espécie, em virtude da falta dos dentes molares.

Vemos, pois, que a família dos paquidermes era mais numerosa naquêles tempos do que hoje, nesta região, tanto no que diz respeito aos gêneros, como às espécies; vemos, naquela época geológica, um gênero próprio da América meridional, como ainda hoje, o dos pecarís; enfim, vemos que, a despeito desta correspondência entre as duas faunas, elas conservam sempre uma diversidade constante quanto às espécies.

A família dos RUMINANTES é representada hoje nesta região pelo único gênero dos Cervus; mas, na época de que falamos, ela nos offerecia, além dêste, ainda três outros, dos quais um, o ANTILOPE, não se acha hoje senão no antigo mundo, o outro, a LAMA, habita as regiões alpinas das cordilheiras, a terceira, enfim, desapareceu completamente.

O ANTILOPE DO BRASIL (*Antilope maquinensis*) era do tamanho da cabra, de cornos curtos, simlesmente arqueados e curvados para trás; parece que vivia em tropas (Vide a memória sobre a caverna de Maquiné, pl. 2, f. 6-7) (x).

O gênero AUCHENIA offereceu-me duas espécies, uma maior do que o cavalo, enquanto que a outra era de proporções médias.

Os animais que me forneceram os caracteres para estabelecer o gênero LEPTOTHERIUM são notáveis, por suas formas esbeltas e elegantes. Como não possuo as partes mais características, tais como os dentes, limito-me a observar que êsses animais se aproximam mais dos cervos, dos quais diferem, entretanto, mais do que todos os ruminantes hoje vivos defirem entre si. Conheço duas espécies dêsse gênero, uma do tamanho do cabrito montez, a outra tão grande quanto as maiores espécies de cervos.

A família dos ruminantes era, pois, também mais numerosa então do que hoje, nesta mesma região. A maioria dêsses antigos gêneros desapareceu daqui e alguns não se acham, na criação atual, senão longe de sua pátria antediluviana ou estão completamente extintos.

A família dos CARNÍVOROS não era nem menos numerosa, nem menos variada, então, do que a dos ruminantes, fato que poderíamos

(x) Essa memória appareceu nas atas da Academia de Copenhague. As figuras supra-mencionadas por Lund são as figs. 1C e 1D desta tradução, retiradas da memória sobre a caverna da Maquiné, a que nos referimos na introdução.

presumir como sendo uma condição indispensavel para a manutenção do equilibrio da natureza. Todos os gêneros desta familia, que hoje habitam a região, ali viviam também naquêlo tempo (x); mas, além dêsses, numerosos outros animais ferozes, que hoje desapareceram daqui, espalhavam então o terror e a morte entre os sêres mais fracos desta criação extinta.

Começo pelo gênero dos GATOS, como o tipo da familia. Achei os restos fósseis de três espécies dêsse gênero, uma maior que o jaguar, outra um pouco menor que o puma; enfim, uma terceira espécie, do tamanho do gato-tigre de cauda longa (*F. macroura* Pr. Max.).

Além dessas, acho ainda uma pequena espécie, menor que o gato doméstico, que se distingue das outras, pela ausência total do talon interno do dente carniceiro superior. Esse caracter não se acha senão nas duas espécies do antigo mundo, confundidas, durante muito tempo, sob o nome de Guepardo e separadas, com razão, pelos naturalistas modernos, do resto do gênero, por causa de numerosas feições particuuares, tanto em sua organização como em seus costumes (*Felis jubata* Sohr. e *Felis guttata* Herm., formando o gênero *Cynailurus* de Walg. ou Guepardo de Duvern.). Descobrimos então que uma forma, hoje particular ao antigo mundo, habitavel, nequela época, o novo mundo, fato que vai ser demonstrado novamente, pelo gênero de que trataremos a seguir.

O gênero dos CÃES deixou, nas cavernas desta região, restos pertencentes a duas espécies; uma (*Canis troglodytes*, o lobo das cavernas do Brasil), maior, mais robusta, mas de membros muito mais curtos que o lobo vivo, habitante dos campos elevados do Brasil (o "Guará", *Canis jubatus* C.); a outra (*C. protalopex*, a rapôza das cavernas do Brasil) pertencente ao sub-gênero das rapozas e é muito semelhante à espécie viva do Brasil (*C. azzarae* Pr. Max.).

Além dessas duas espécies, existia uma terceira, do sub-gênero dos Chacais, de tamanho medíocre, mas melhor armada e mais feroz do que as outras. Difere, além disso, pela ausência do último dente tuberculado inferior, de modo que essa espécie não tem senão um molar tuberculado inferior, após o carniceiro. Essa espécie pode, portanto, ser separada do resto do gênero dos cães, pela mesma razão por que se tem separado os guepardos dos outros gatos, para formar um pequeno grupo a parte, grupo para o qual propuz o nome de *Speothos*, do mesmo modo como propuz, para a espécie fossil do Brasil, o nome de *Speothos pacivorus*, nome especifico derivado do animal que lhe servia de alimento principal (*Coelogenys laticeps*). Mas muito notavel é o fato de se ter achado o mesmo sistema dentário numa es-

(x) Sómente a lontra, faz exceção, o que se explica facilmente com o gênero de vida particular dêste animal, que o subtraía das perseguições dos grandes carnívoros, habitantes das cavernas.

pécie viva de chagal das índias, o "Buançu", ou "Colsun" (*Canis primaevus* Hodg., *C. dukhunensis* Sykl.), que se distingue de todos os outros chacais, por sua ferocidade indomável. Vemos assim confirmar-se a singular relação geográfica que acabamos de indicar.

O chagal e o lobo das cavernas foram os principais autores da introdução das ossadas nestas paragens; mas vamos conhecer outros animais que servirão para confirmar, também, o fato notável que acabamos de estabelecer, isto é, a existência de formas asiáticas e africanas na América do Sul, naquela época (x).

O primeiro desses gêneros é a HIENA cujos restos achei, com grande pasmo, misturados com os das pacas, cotias, pecarís, *Megalonyx* e outras formas americanas. A espécie de que procedem esses restos (*H. neogaea*) iguala às maiores espécies vivas desse gênero, embora seja inferior à famosa espécie que outrora habitava as cavernas da Europa (*H. fossilis* C.).

O gênero dos URSOS não faltava também na lista dos grandes carnívoros que desolavam esta região, naquêles tempos pretéritos; entretanto, a espécie que deixou seus restos nas cavernas do Brasil (*Ursus brasiliensis*) não podem comparar-se, pelo tamanho, com as espécies gigantesas que encheram as cavernas da Europa com suas ossadas; é igual, sob este ponto de vista, às que vivem ainda nos Andes.

Para completar a lista das espécies desta família, acrescentarei o fato de ter achado, em estado fossil, ossadas duma espécie de COATI (*Nasua*), assim como duma espécie "Eirara" (nome comum que os brasileiros dão para o "Grison" (*Mustela vittata* L.) e a "Taira" (*Mustela barbara* L.), animais que formam um sub-gênero particular entre os glutões e as doninhas.

A família dos MARSUPIAIS não conta aqui, hoje, senão com um gênero, o das sariguêias (*Didelphis* L.), de que conheço sete espécies.

Os depósitos diluvianos das cavernas são plenos de restos desse gênero, entre os quais distingo o mesmo número de espécies, sendo cinco dessas espécies mais ou menos análogas com espécies vivas nesta região, enquanto que as duas outras não acham, entre estas, nenhuma análoga.

Além dessas espécies, parece que existia também, naquêles tempo, um grande animal da família dos marsupiais, pois possuo um dente que não pode ser comparado a nenhum dente de qualquer animal de outro grupo e que representa, em ponto maior, um molar de sariguêia ou de *Dasyurus*. Este dente anuncia um animal do tamanho do jaguar, que parece ter representado aqui as grandes espécies de *dasyurus* da Nova Holanda.

A família dos ROEDORES não era menos notável do que as fa-

(x) Fato que, mais tarde, foi demonstrado como carecente de autenticidade (nota do tradutor).

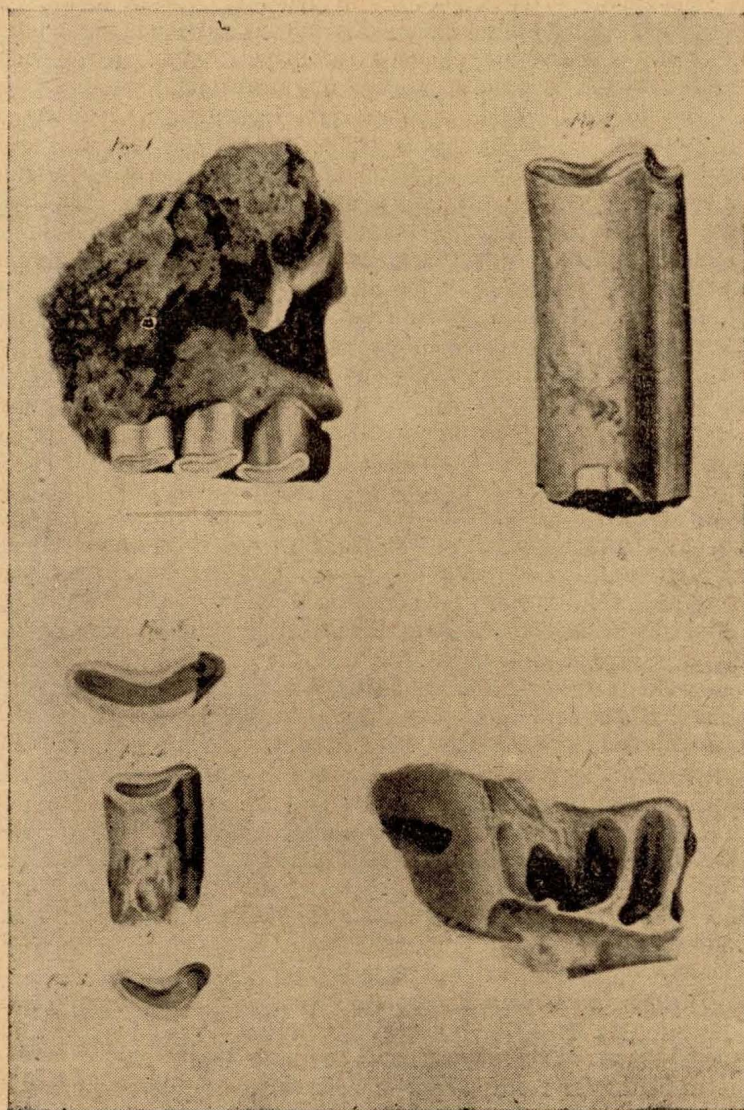


FIG. 1: *Megalonyx minutus*. Fragmento de maxilar, com três molares. Figs. 2 — 6: *M. Cavieiri*. Dentes molares, visto de perfil e de superfície de mastigação (2 e 3; 4 e 5) e fragmento mandibular, visto de cima. Figs. 1 — 5, reduzidas a $\frac{4}{7}$; fig. 6, a $\frac{3}{10}$ (Tab. III da 5.^a memória de Lund).

mílias precedentes, pela abundância e variedade de suas formas, assim como pelo grande tamanho de muitas de suas espécies.

O gênero dos RATOS era muito numeroso, o que demonstra a imensa quantidade de ossadas desse gênero, enterrada nos depósitos de terra das cavernas. Tive, até agora, apenas tempo de passar rapidamente à vista sobre esta massa de objetos e distingui já, entre esses despojos, os restos de cinco espécies diferentes. Esse número é ainda pouco considerável, se o compararmos com o das espécies vivas, mas devido de que pesquisas ulteriores aumentem consideravelmente esse número, conclusão a que cheguei, na continuação de minhas pesquisas sobre as ossadas modernas desse gênero, que participam dos montões de ossos, formados pelos restos da rapina da coruja aljofarada, em que não distingui primeiro senão duas ou três espécies.

Os RATOS ESPINHOSOS formam aqui o gênero mais numeroso, depois do dos ratos propriamente ditos. Como esses animais apresentam diferenças muito grandes, entre eles, tanto no que diz respeito ao porte, em geral, como à forma dos dentes, convém dividi-los em numerosos gêneros que formam um grupo muito natural e bem caracterizado, na família dos roedores. Têm todos um caráter muito particular, na estrutura do crânio, a saber: o occipital, descendo lateralmente para a região auditiva, bifurca-se, de modo a incluir a parte montante da bula timpânica e do rochedo e a formar, por si só, os dois tubérculos, entre os quais o anterior pertence ordinariamente ao temporal. Sua escápula é notável pelo extremo encurtamento da crista e pelo prolongamento filiforme da apófise que sustenta o acrômio. A primeira vértebra dorsal apresenta de particular o fato de que sua apófise neural se bifurca, em sua extremidade, e apresenta ali duas facetas articulares que recebem os dois braços dum pequeno osso em forma de V, semelhante aos ossos da mesma forma que se acham sob as primeiras vértebras caudais de muitos animais de cauda forte (chevrons). Eles têm, todos, quatro molares de cada lado, tanto no maxilar como na mandíbula. As espécies que vivem aqui podem relacionar-se a três gêneros: *Phyllomys* M., *Nelomys* Jourd. e *Loncheres* Ill.

Os *Phyllomys* têm os maxilares superiores compostos de quatro lâminas transversais simples. Não conheço esse gênero senão por alguns fragmentos de esqueleto, achados nos montões de ossadas modernas de algumas cavernas situadas ao norte de 18.º L. M., enquanto que se acham os restos duma espécie fóssil do mesmo gênero nas cavernas situadas ao sul deste limite.

Nos *Loncheres* (x), os maxilares superiores são compostos de duas

(x) Reservamos o nome genérico de *Echimy*s para as espécies mais antigamente conhecidas, que têm os maxilares superiores compostos de duas lâminas, ambas em forma de V simples. *E. cayennensis* Geoff., *E. chrysurus* Schreb., *E. dactylinus* Geoff., *E. spinosus* Desm., *E. longicaudus* Reng.

lâminas, a anterior simples, a posterior em forma de W. São belos animais de formas elegantes, pés alongados e cauda de ratos; os espinhos são fracos. Existem aqui duas espécies vivas d'este gênero: *L. laticeps* M. e *L. elegans* M., a última das quais, que é a mais comum, é notavel pelo fato de que os depósitos das cavernas contêm numerosos restos duma espécie fossil, que parece idêntica a ela e que me forneceu o primeiro exemplo duma espécie fossil que, segundo comparações completas, se mostrou semelhantes, em todos os pontos, a uma espécie viva.

Os *Nelomys* têm os maxilares superiores compostos de duas lâminas, a anterior simples, a posterior em forma de V simples. São animais pesados, horríveis, de focinho grosso, orêlhas e pés curtos, cauda peluda; os pêlos são duros, mas não picantes. Vivem nas cavernas e entram nas casas, onde fazem grandes estragos. Duas espécies d'esse gênero são muito abundantes nestas paragens, *N. antricola* M. e *N. sulcidens* M.. Achei, em estado fossil, duas espécies que parecem aproximar-se muito das duas espécies vivas.

Do gênero *SYNOETHERES* aparecem aqui duas espécies, *S. insidiosa* Licht., do tamanho do coelho, e *S. prehensilis* L., do tamanho da lebre. As cavernas contêm os restos duma espécie extinta, cujo tamanho ultrapassava em muito o das espécies vivas, pois igualava o do Pecari (*S. magna* M.).

O *QUIYA* de Azzara (*Myopotamus bonariensis*) representa, no hemisfério merodional, o castor dos países nórdicos; é, como este, restrito à zona temperada e não ultrapassa, em nenhuma parte, o trópico do Capricórnio. O mesmo não acontecia na época de que tratamos aqui, pois achamos ossadas duma espécie d'esse gênero nas cavernas situadas até o 18.º L. M.. Esse fato vem colocar-se em seguida aos que as pesquisas realizadas no antigo mundo nos deram a conhecer, isto é, a existência, naquela época, renas, glutões e de outras boreais, nos países do sul da Europa, misturadas com as formas tropicais dos elefantes, rinocerontes, etc..

Uma espécie de *LEBRE*, muito semelhante à espécie viva (*Lepus brasiliensis* L.), acha-se abundantemente, em estado fossil, nas cavernas.

Passamos ao grupo de animais compreendidos por Linnaeus em seu gênero *CAVIA*. Esses animais são todos exclusivamente próprios das partes quentes da América, onde têm um papel importante, por sua abundância, seu tamanho e pela excelência de sua carne. Vamos ver que esses animais não faltavam tampouco na fauna antiga d'este país, parecendo mesmo que ali desempenhavam então um papel mais importante que na de nossos dias.

O gênero *CAVIA* Ill. apresenta aqui duas espécies: a *Perea* G., *Aperea* L. e o "Mocó" (*C. rupestris* Pr. Max.). Esses dois animais apresentam uma pequena diferença na estrutura dos dentes molares: as duas lâminas transversais de que são compostos apresentam, na

última espécie, a forma oval simples e, na primeira, uma delas, a forma oval e, a outra, a forma de coração. Para os naturalistas que separam genericamente o "Mocó" e a "Preá" (Fr. Cuv.), esta última espécie fóssil oferecerá o tipo dum novo gênero, mas a grande semelhança no resto de sua organização leva-me a considerar esses três animais, no máximo, como tipos de outros tantos sub-gêneros.

Os gêneros *DASYPROCTA*, *COELOGENYS* e *HYDROCHOERUS* apresentam uma particularidade muito notável, pois, não contando hoje senão uma espécie, cada qual, possuíam então duas espécies, cada um, sendo que uma delas se assemelha mais ou menos à espécie viva do mesmo gênero, enquanto a outra se afasta mais da espécie moderna, de que se distingue particularmente, por seu tamanho muito maior.

Quanto às espécies fósseis desses três gêneros, que se assemelham às espécies vivas, apenas uma, a do gênero *COELOGENYS*, é por nós suficientemente conhecida, para poder decidir até que ponto vai esta afinidade. Efetivamente, convenci-me, pela comparação de esqueletos de mais de cem indivíduos de todas as idades, da espécie fóssil, com esqueletos da espécie viva, de que, a despeito de sua grande semelhança, elas são decididamente distintas, como espécies. Denomino a espécie fóssil *C. laticeps*, por causa do alargamento posterior de suas arcadas zigomáticas, um dos caracteres mais notáveis que a distinguem da espécie viva.

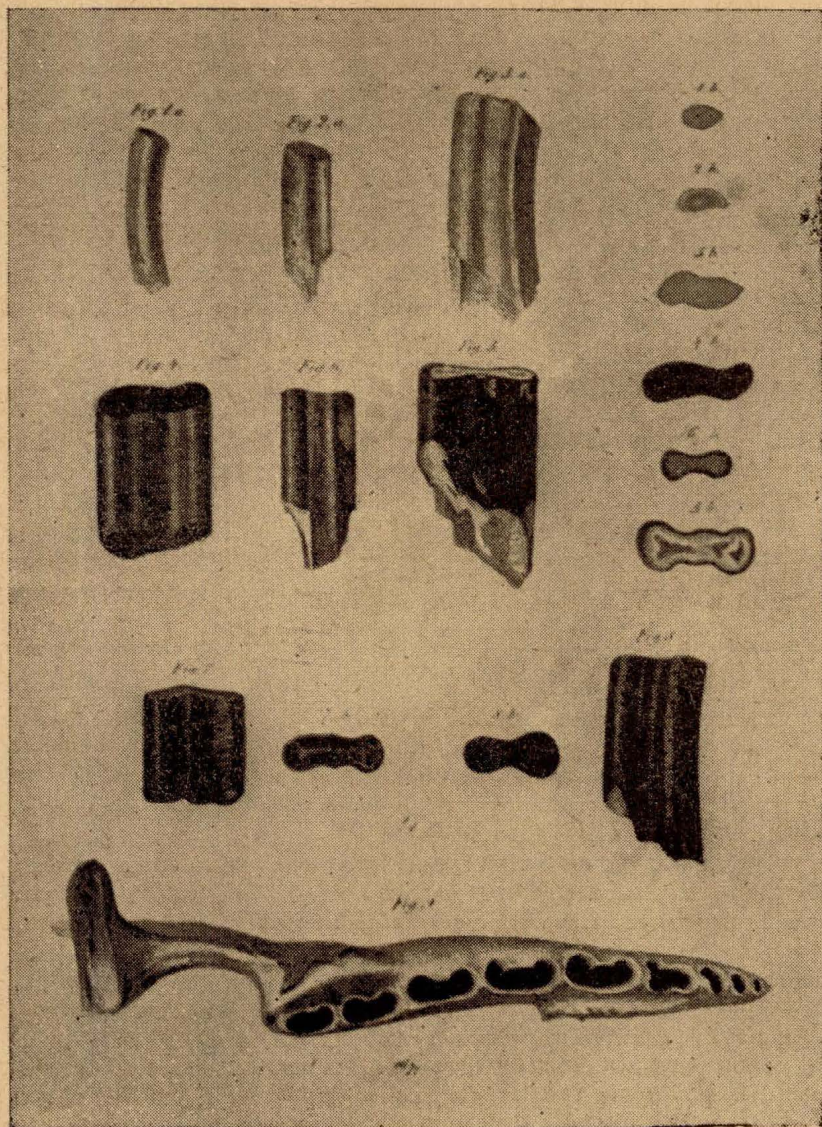
A outra espécie fóssil desse gênero, *C. major*, aproximava-se da capivara, pelo tamanho, e não se confunde, no detalhe de sua osteologia, com a espécie viva.

Denomino a grande espécie extinta do gênero *DASYPROCTA*, *D. capreolus*, pois os grandes ossos de suas extremidades posteriores lembram, pelas suas dimensões, os do cabrito montez, o que me levou com efeito, a procurar, no começo, o animal a que eles deviam pertencer, na família dos ruminantes.

Aplico o nome de *Hydrochoerus sulcidens* à grande espécie fóssil do gênero da capivara, por ter a face anterior de seus dentes incisivos profundamente sulcada, enquanto que, na outra espécie fóssil, assim como na espécie viva, ela é liza. Seu tamanho era intermediário entre o da espécie viva e o do tapir.

Todas as famílias que mencionamos até aqui mostram-nos que o número de espécies e sobretudo o número de gêneros foi superior ao atual, na época passada. Essa superioridade cessa aqui, pois as duas famílias de que nos resta tratar, a dos *Chiroptera* e a dos *Símios*, não nos ofereceram até hoje senão um número bem inferior ao que apresentam atualmente.

Quanto aos *CHIROPTERA*, não foi mesmo senão a partir de muito pouco tempo que vim a descobrir raros restos seus, entre as milhares de ossadas de pequenos animais, encerradas nos depósitos de algumas cavernas. Os montões de ossos modernos que se acham fre-



Figs. 1 — 8: *Chlamydotherium Humboldtii*. Dentes molares, em diversas posições. 1/2. Fig. 9: *Ch. Humboldtii*. Ramo mandibular esquerdo, visto de cima. 27/85. (Tab. XXXIV, da série geral de Lund).

quentemente nas cavernas e que derivam, como já observamos acima, dos restos de animais transportados pelo môcho (*Strix perlata*), contém os ossos de quirópteros, em número maior, fato que nos inclinaria a acreditar em que esta família era realmente menos numerosa, naquêles tempos, do que hoje. Entretanto, como muitas circunstâncias nos fazem acreditar em que o autor dos montões de pequenas ossadas fósseis era uma ave de rapina diurna, isso explica porque as ossadas dos animais da família de que tratamos são ali mais raras do que nos montões de ossos modernos.

A existência dos Símios em épocas anteriores à ordem atual das coisas era um fato ainda novo para a ciência, quando descobrimos, no mês de julho de 1836, os primeiros restos fósseis dum animal desta família. Desde então, soubemos que se constatou sua presença, tanto na Europa como na Ásia. Possuo ossadas fósseis de duas espécies desta família, das quais uma, que não pode entrar em nenhum dos gêneros vivos, attingia a altura de quatro pés (*Protopithecus brasiliensis*), aproximando-se a outra do gênero *Callithrix* cujas espécies atuais não chegam a atingir a metade do tamanho da espécie extinta (*C. primaevus*).

Termino, observando que não achei até agora nenhum vestígio da existência do homem, naquela época.

Este rápido apanhado mostra-nos que a zona tórrida de nosso globo, longe de ter sido desabitada, durante a época que precedeu a ordem atual das coisas, oferecia, pelo contrário, uma criação animal mais abundante, mais variada e mais gigantêscia do que a que nutre atualmente (Vide a táboa).

Vemos logo que a América do Sul possuía então as mesmas formas animais que a caracterizam hoje, os tamanduás, os tatús, os pecarís, os coatís, as sariguêias, os ratos espinhosos, os coendús, as piás, as cotias, as pacás, as capivaras e outras.

Mas, a despeito desta analogia no tipo geral, parece que as espécies dessas duas épocas são diferentes; pelo menos não conheço até agora senão uma só exceção a esta regra (*Loncheres elegans*).

Se combinarmos êsse fato com os fatos geológicos exposto acima, se nos lembramos de que toda a região que exploramos, situada a 2.000 pés acima do nível do mar, é coberta por uma camada contínua e muito possante de terrenos móveis, que se estende indiferentemente e sem nenhuma interrupção sobre as planícies, vales e colinas e que não falta, mesmo, sobre os planaltos e declives suaves das mais altas montanhas (5.00 — 6.000 pés), se considerarmos que êsse terreno contém camadas subordinadas de cascalho e de calhaos, que êle enche todas as fendas e cavernas das rochas calcáreas e que, enfim, encerra numerosos restos de animais diferentes dos que hoje povoam a superfície desta região, se — dizemos — combinarmos êsses fatos, não poderemos nos recusar a vêr nêles as provas mais irrefutá-

veis duma grande irrupção das Águas que, cobrindo toda esta vasta parte do globo, exterminou os seres que a povoavam.

LISTA DOS MAMÍFEROS DA BACIA DO RIO DAS VELHAS

Edentata

Vivos		Fósseis	
1. Myrmecophaga jubata L.	1	1. Myrmecophaga gigante A.	1
" tamandua	.		
C.	2		

Effodientia

2. Dasypus octocinctus L.	3	2. Dasypus aff. octocincto	2
" sp. (Tatu mirim)	4	" punctatus	3
3. Xenurus nudicaudus M.	5	3. Xenurus foss.	4
4. Priodon giganteus C.	6	4. Euryodon	5
5. Euphractus gilvipes Ill.	7	5. Heterodon	6
		6. Chlamydothorium hum-	
		boldtii	7
		Chl. gigas	8
		7. Hoplophorus euphractus	9
		" Selloi	10
		8. Pachytherium magnum	11

Bradypoda

9. Coelodon maquinense	12
10. Megalonyx Jeffersoni	13
" Cuvieri	14
" Bucklandii	15
" gracilis	16
" minutus	17
11. Sphenodon	18

Pachydermata

6. Tapirus americanus L.	8	12. Mastondon sp.	19
7. Dicotyles labiatus C.	9	13. Tapirus foss.	20
" torquatus C.	10	14. Dicotyles sp.	21
		" sp.	22
		" sp.	23
		" sp.	24

Ruminantia

8. <i>Cervus paludosos Desm.</i>	11	15. <i>Cervus sp.</i>	25
" <i>rufus Ill.</i>	12	" <i>sp.</i>	26
" <i>Campestris F. C.</i>	13	16. <i>Antilope maquinensis</i>	27
" <i>simplicicornis Ill.</i>	14	17. <i>Auchenia sp.</i>	28
" <i>nanus M.</i>	15	" <i>sp.</i>	29
		18. <i>Leptotherium majus</i>	30
		" <i>minus</i>	31

Ferae

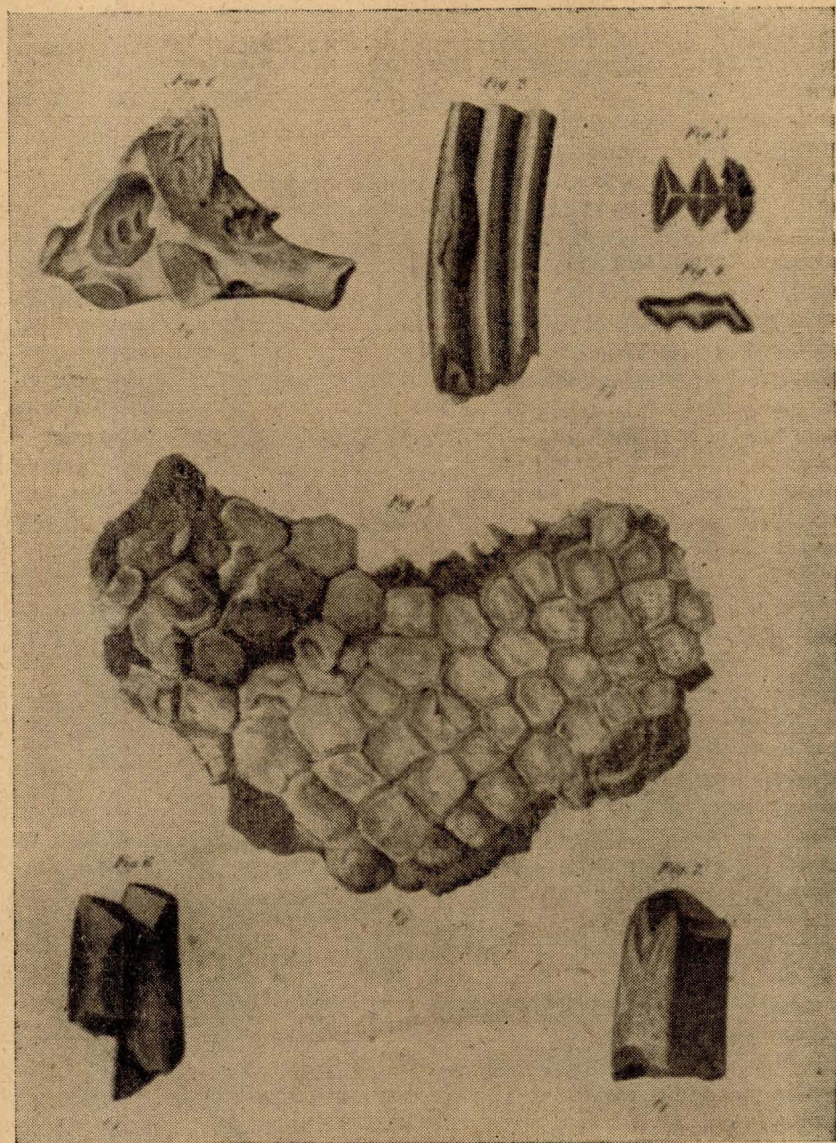
9. <i>Felis onca L.</i>	16	19. <i>Felis sp.</i>	32
" <i>concolor L.</i>	17	" <i>sp.</i>	33
" <i>pardalis L.</i>	18	" <i>sp.</i>	34
" <i>macroura Pr. Max</i>	19	20. <i>Cynailurus minutus</i>	35
" <i>yaguaroundi Desm.</i>	20	21. <i>Hyaena neogoea</i>	36
10. <i>Eirara barbara L.</i>	21	22. <i>Eirara sp.</i>	37
" <i>vittata L.</i>	22	23. <i>Canis troglodytes</i>	38
11. <i>Canis jubatus C.</i>	23	" <i>protalopex</i>	39
" <i>azara Pr. Max</i>	24	24. <i>Speothos pacivorus</i>	40
12. <i>Lutra brasiliensis L.</i>	25	25. <i>Nasua sp.</i>	41
13. <i>Nasua solitaria Pr. Max</i>	26	26. <i>Ursus brasiliensis</i>	42
" <i>socialis Pr. Max</i>	27		

Marsupialia

14. <i>Didelphis aurita Pr. Max</i>	28	27. <i>Didelphis aff. auritae</i>	43
" <i>albiventris M.</i>	29	" <i>aff. albiventre</i>	44
" <i>incana M.</i>	30	" <i>aff. incanae</i>	45
" <i>murina L.</i>	31	" <i>aff. murinae</i>	46
" <i>pusilla Desm.</i>	32	" <i>aff. pusillae</i>	47
" <i>tricolor Geof.</i>	33	" <i>aff. myosurae</i>	48
" <i>trilineata Mus.</i>		" <i>sp.</i>	49
" <i>B.</i>	34	28. <i>Thylacotherium ferox</i>	50

Glîres

15. <i>Mus aquaticus M.</i>	35	29. <i>Mus sp.</i>	51
" <i>mastacalis M.</i>	36	" <i>sp.</i>	52
" <i>laticeps M.</i>	37	" <i>sp.</i>	53
" <i>vulpinus M.</i>	38	" <i>sp.</i>	54
" <i>lasiurus M.</i>	39	" <i>sp.</i>	55
" <i>expulsus M.</i>	40		
" <i>longicaudis M.</i>	41		
" <i>lasiotis M.</i>	42		



FIGS. 1 — 4: *Hplophorus euphractus*. Fragmento de vértebra (1) e dentes molares, em diversas posições (2 — 4). **Fig. 5** — Fragmento de couraça de *Chlamydothérium Humboldtii*. **Figs. 6 e 7:** dentes de *Megatherium Laurillardii*. Reduções: **Fig. 1** — 1/4; **figs. 2, 3, 4, 6 e 7** — 1/2; **fig. 5** — 1/6. (Tab. XXXV, da série geral de Lund)

16. <i>Nelomys antricola</i> M.	43	30. <i>Nelomys aff. antricolae</i>	56
" <i>sulcidens</i> M.	44	" <i>aff. sulcidens</i>	57
17. <i>Loncheres elegans</i> M.	45	31. <i>Loncheres elegans</i>	58
" <i>laticeps</i> M.	46	32. <i>Phyllomys</i> sp.	59
18. <i>Phyllomys</i> M. sp.	47	33. <i>Synoetheres magna</i>	60
19. <i>Synoetheres prehensilis</i> L.	48		
" <i>insidiosa</i> Li-		34. <i>Myopotamus antiquus</i>	61
<i>cht.</i>	49	35. <i>Lepus aff. brasiliensis</i>	62
20. <i>Sciurus aestuans</i> L.	50	36. <i>Cavia aff. apereae</i>	63
21. <i>Lepus brasiliensis</i> L.	51	" <i>aff. rupestri</i>	64
22. <i>Cavia aperea</i> L.	52	" <i>bilobidens</i>	65
" <i>rupestris</i> Pr. Max.	53	37. <i>Dasyprocta aff. aguti</i>	66
23. <i>Dasyprocta aguti</i> L.	54	" <i>capreolus</i>	67
24. <i>Coelogenys paca</i> L.	54	38. <i>Coelogenys laticeps</i>	68
25. <i>Hydrochoerus capibara</i> L.	55	" <i>major</i>	69
		39. <i>Hydrochoerus aff. capi-</i>	
		<i>barae</i>	70
		" <i>sulcidens</i>	71
		40. Genus incertum	72

Cheiroptera

26 } <i>Cheiroptera</i> : genera 5 } { 56	41. <i>Cheiroptera</i> L.	73
30 } species 16 } { 71		

Simiae

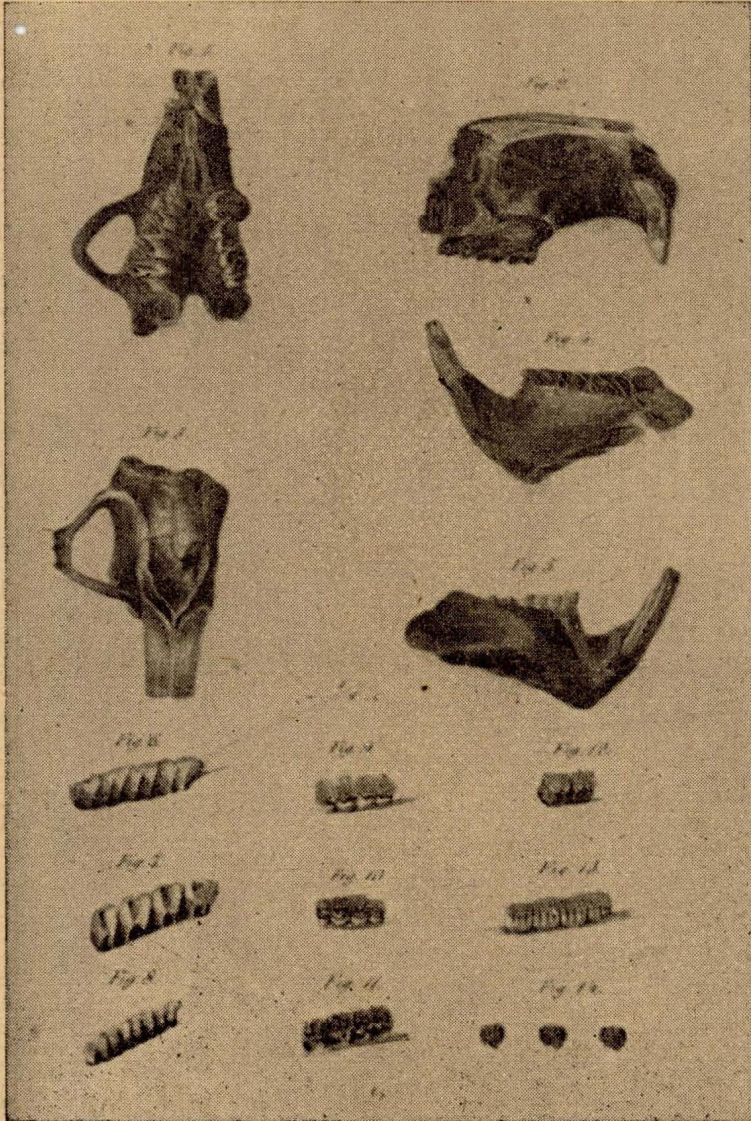
31. <i>Jacchus penicillatus</i> Géof.	72		
32. <i>Cebus cirrhifer</i> Géof.	73		
33. <i>Callithrix</i> sp.	74	42. <i>Callithrix primaevus</i>	74
34. <i>Mycetes ursinus</i> Humb.	75	43. <i>Protopithecus brasiliensis</i>	75

APENDICE

NOVAS OBSERVAÇÕES SOBRE A FAUNA FOSSIL DO BRASIL

Esta nota contém algumas adições a numerosas famílias, principalmente à dos Roedores, família que eu tinha tratado com menos detalho que as outras, tanto por causa da inumeravel quantidade de ossadas que possuo, da animais dêste grupo, como por que não tinha então materiais de comparação bastante completos.

A família dos Roedores, no meu primeiro resumo, estava entre o pequeno número daquelas que ofereciam, no estado fossil, uma quantidade de espécies menos consideravel que no estado vivo; hoje,



FIGS. 1 — 5: *Myopotamus antiquus*. Crânio e mandíbula (fragmentos). 1/2. Figs. 6 — 14: dentes molares de diversos roedores, visto da superfície de mastigação (1/1). Fig. 6: *Cavia bilobidens*; fig. 7: *Cavia aperea*; fig. 8: *Cavia rupestris*; Fig. 9: *Loncheres elegans*; fig. 10: *Nelomys sulcidens*; fig. 11: *Nelomys antricola*; figs. 12 e 13: *Phyllommys*; fig. 14: *Loncheres* (Tab. XXI da 6.^a memória da série geral de Lund).

ela entra na regra geral, isto é, apresenta maior abundância e maior variedade de formas pertencentes à época passada do que de formas atuais. O gênero dos Ratos é o que recebeu maior acréscimo. Conheço hoje dōze espécies de ratos que aqui vivem, todas bem determinadas, tanto sob o ponto de vista de seus caracteres exteriores, como de sua osteologia. Entre esse número, ha dois ratos que me parecem introduzidos de fora, um (*Mus setosus*) da Índia, o outro (*Mus musculus*?) da Europa. Das dez espécies restantes, oito mostram maior ou menor analogia com outras tantas espécies fósseis, sem que me seja ainda possível determinar se esta semelhança vai até uma identidade específica; as duas outras não me mostram até agora nenhuma análoga entre as espécies fósseis. Em contraposição, estas me ofereceram quatro formas que se afastam bastante de todas as espécies vivas que conhecia até hoje. Os nomes de todas essas espécies estão citados na relação anexa.

O grupo dos Ratos espinhosos ficou aumentado de uma nova forma fossil, que estabeleci como um sub-gênero, sob o nome de *Lonchophorus*. Reune ela os gêneros *Loncheres* e *Echimys* (no sentido em que adotei esses dois gêneros), tendo os maxilares superiores formados como no primeiro e a mandíbula como no último dos dois gêneros citados.

Entre os animais que os brasileiros denominam *Preá*, acabo de distinguir duas espécies diversas, uma das quais maior, fusca; a outra menor, avermelhada. Elas diferem entre si, por numerosos caracteres, muito essenciais, do esqueleto. Para a primeira, que é a verdadeira *Aperea de Margraaf* (sic), reservo o nome de *Cavia aperea*; à outra, aplico o de *Cavia rufescens*. As ossadas fósseis que eu atribuiria, até agora, a uma espécie vizinha de *C. aperea* derivam também de duas espécies diferentes, que, sem embargo, se distinguem sensivelmente das duas espécies vivas.

Mas a aquisição mais notável que fiz nesta família, depois de meus primeiro resumo, é o da mandíbula e dum dente molar que demonstram a existência, então, na parte tropical do Brasil, de uma espécie de Vizcacha (*Lagostomus*), gênero que hoje é confinado nas regiões temperadas da América meridional e que vem assim colocar-se sob as mesmas referências geográficas que já mencionei para o gênero *Myopotamus*.

Os restos fósseis que possuo da família dos Quirópteros foram submetidos a um exame detalhado, que demonstrou pertencerem êles a quatro espécies diferentes, todas do gênero *Phyllostoma*, duas das quais assemelham-se bastante a espécies vivas, enquanto que as duas outras se afastam bastante das que conheço até hoje.

A família dos Macacos foi aumentada duma terceira espécie, pertencente ao gênero *Jacchus*, ou pelo menos mais aproximada desse gênero, embora ultrapasse em mais do dobro as espécies que o compõem atualmente.

Entre as outras espécies fósseis que vieram juntar-se posterior-

mente à primeira lista, enumerarei ainda uma espécie de Tapir, notável por sua pequenez, pois iguala apenas um porco de tamanho médio; quanto às outras, contento-me em cita-las na lista anexa, que contém o número total de todas as espécies que consegui restabelecer até o momento e que ultrapassa já, como veremos, o das espécies atualmente vivas nesta região. Assim, o resulta que eu já previra como muito provável, ache-se hoje estabelecido de fato, isto é: que a criação animal da última época da terra era (pelo menos nesta parte do globo e quanto à classe dos mamíferos) mais abundante e mais variada que a fauna atual da mesma região. Quanto aos outros resultados estabelecidos em meu primeiro resumo, nada tenho a lhes acrescentar; direi somente que a probabilidade duma diferença específica constante entre as espécies análogas dessas duas épocas ganhou força, pelo exame das espécies do gênero *Cavia*.

ADIÇÕES À LISTA DOS MAMÍFEROS DA BACIA DO RIO DAS VELHAS

Vivos

Fósseis

Effodientia

Hoplophorus minor.

Pachydermata

Tapirus aff. *americano*.

" *suinus*.

Ferae

Felis *protopanther*.

" aff. *concolori*.

" aff. *macrocerae*.

" *exilis*.

Glires

Mus *principalis* M.

" *fossorius*.

Mus aff. *principalis*.

" aff. *aquatico*.

" aff. *mastacali*.

" aff. *laticipiti*.

" aff. *vulpino*.

" aff. *fossorio*.

" aff. *lasiuro*.

" aff. *expulso*.

" *robustus*.

" *debilis*.

" *orycter*.

" *talpinus*.

Lonchophorus fossilis.

Phyllomys aff. *brasiliensi*.

Synoetheres dubia.

Cavia gracilis.

" aff. *saxatili*.

" aff. *bilobidens*.

Phyllomys brasiliensis.

Cavia rufescens.

" *saxatilis* (sic).

Cheiroptera

Phyllostoma sp. 9.

Vespertilio sp. 3.

Glossophaga sp. 2.

Plecotus sp. 1.

Desmodus sp. 1.

Phyllostoma sp. 4.

Simia

Jacchus grandis.

Total das espécies vivas, 79.

Total das espécies fósseis, 91.

MUNICÍPIO DE ARROIO GRANDE

Alvaro Caetano

HISTÓRIA

A cidade foi iniciada no ano de 1803, por Manuel Jerônimo (provavelmente Manuel Jerônimo de Sousa, avô do B. de Mauá). Em 1812, foi o terreno sobre o qual está edificada, doado à Nossa Senhora da Graça por Manuel de Sousa Gusmão e sua esposa, D. Maria Pereira das Neves. O movimento de doação se deu espontaneamente, sendo que o terreno era de criação de gado.

Diz a tradição que, algum tempo antes da fundação do povoado, entre os habitantes de destaque, deu-se certa divergência quanto ao lugar em que, definitivamente, deveria ser fundada a povoação. Opinavam alguns que fôsse à margem direita do arroio "Grande"; outros na margem esquerda, no lugar em que hoje se demora a cidade. A contenda foi vencida pelos partidários da esquerda, que assim procederam: A distância de 7 quilômetros, mais ou menos, mandaram construir um rancho, com paredes de pau-a-pique, o qual, sendo cuidadosamente colocado sobre quatro rodas, à noite, puxado por bois, foi conduzido ao local, em que mais tarde deveria ser construída a igreja Matriz e aí cravado. Os habitantes da margem direita, que já haviam começado as obras de uma igreja de material, templo que não foi terminado, e do qual ainda existem as ruínas, foram surpreendidos, ao amanhecer, pelo alegre repicar dos sinos, anunciando que, na esquerda, um padre, de antemão prevenido, dizia a primeira missa, no curato de Nossa Senhora da Graça de Arroio Grande. Em 1832, foi este incluído no termo de Jaguarão.

A capela de Nossa Senhora da Graça de Arroio Grande foi constituída por provisão de 14 de dezembro de 1815, e confirmada por D. João VI, a 15 de abril de 1821.

Por lei n.º 54, de 25 de maio de 1846, foi elevada à categoria de freguesia e curado de Nossa Senhora da Graça de Arroio Grande. A lei n.º 596, de 2 de janeiro de 1867, dividiu o município de Jaguarão em 5 distritos dos quais o quarto era constituído pela freguesia de Arroio Grande.

Por lei de 24 de março de 1872, foi elevada à categoria de vila com a mesma invocação e nome.

Por lei n.º 590, de 5 de novembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade com a denominação de — *Federação*, sendo depois, por lei n.º 522, de 6 de julho de 1891, restabelecida a antiga denominação de *Arróio Grande*.

Erigida em municipalidade, procedeu-se à eleição da câmara dos vereadores, que se reuniu, em 22 de dezembro de 1873, lavrando dos seus trabalhos circunstanciada ata, abaixo transcrita:

ATO DE INSTALAÇÃO

Presidência do Sr. comendador doutor José Maria de Azevedo.

“Ao vigésimo segundo dia do mês de dezembro do ano de nascimento de NOSSO SENHOR JESUS CRISTO de mil oitocentos e setenta e três, quinquagésimo segundo da independência e do império, pelas onze horas do dia, no edifício do possessor da viuva dona Joaquina Caetano de Freitas, sita à rua do Comércio, esquina para do general Delfim, e destinado a servir de paço da Câmara Municipal da nova vila da *Nossa Senhora da Graça do Arróio Grande*, Comarca de Jaguarão, província de São Pedro do Rio Grande do Sul, depois de ter lugar um TEDEUM, que cantado o ceremonial religioso e civil ouviu-se na igreja matriz da referida vila, entoado com assistência do pároco Inácio Esmerats pelo presbítero secular do hábito de São Pedro, Geraldo Flório, vigário da freguezia de São João atistá do Herval, compareceu o senhor presidente da Câmara municipal da cidade de Jaguarão, comendador doutor José Maria de Azevedo, acompanhado de mim Alferes Frederico Adolfo da Silva Canibal, secretário interino da mesma câmara, e reunidos os cidadãos doutor Agostinho da Silva Campos, *Tomaz Bento da Silva*, José Maria Batista, Clarimunde José Gonçalves, Anibal José de Sousa e Manuel José Ferreira, faltando, com causa participada, o cidadão Vicente Inácio Ferreira, este e aquêles elevados aos cargos o primeiro de presidente da Câmara, e os mais de vereadores na eleição que, em vinte e quatro de maio preterito, se procedeu nesta nova vila, onde na presente ocasião numerososo auditório, composto de autoridades, empregados públicos, pessoas gradas, e povo, enchia a futura sala das sessões do dito paço municipal, decentemente preparada para a solenidade do ato; foi pelo mencionado senhor presidente da Câmara municipal da cidade de Jaguarão, em um discurso análogo ao assunto da sua missão, motivando que achando-se antecedentemente cumpridas tôdas as formalidades da lei, viéra hoje instalar vila,

com a mesma invocação e nome, a outrora freguezia de *Nossa Senhora da Graça de Arrôio Grande*, deferir juramento, e dar posse aos votados e eleitos para os cargos já especificados seguindo o recomendado pelo excelentíssimo senhor presidente da província, comendador doutor João Pedro Carvalho de Moraes, em portaria n.º dois mil quinhentos e quarenta e seis (2.546) de treze (13) de novembro do vigente ano, e resolvido pelo Câmara Municipal da cidade de Jaguarão, em sessão extraordinária de dez (10) de dezembro corrente, ata número novecentos e setenta e cinco (975), e o disposto no artigo terceiro (3) do decreto de treze (13) de novembro de mil oitocentos e trinta e dois (1832). O que concluído, ordenou que fosse feita a leitura da lei provincial, que elevava à categoria de vila esta antiga freguezia. Executada a sua ordem, proclamou que se achava instalada a vila de *Nossa Senhora da Graça do Arrôio Grande*. Após, convidou os eleitos, presidente e vereadores da Câmara da vila instalada, a prestarem juramento, procedendo á verificação dos seus diplomas, que se encontraram conformes pela confrontação com uma cópia autêntica da ata da apuração geral dos votos da respectiva eleição. Aproximaram-se então da mesa os eleitos e pondo suas mãos direitas sobre o livro dos Santos Evangelhos, pronunciaram o juramento expresso no artigo dezessete da lei de primeiro de outubro de mil oitocentos e vinte e oito (1828), jurando, em primeiro lugar, o doutor Agostinho da Silva Campos, que entre os eleitos obtivera a maioria de votos, e, como tal, legítimo presidente. Na continuação do ato solene, o senhor presidente da Câmara Municipal da cidade de Jaguarão declarou, que estavam reconhecidos presidentes e vereadores da Câmara Municipal da nova vila de *Nossa Senhora da Graça do Arrôio Grande* os sete cidadãos, que de juramentar acabava. Em seguida determinou que no auto de instalação se transcrevesse três pessoas oficiais, que eram a lei provincial da criação da vila instalada, a designação dos seus limites, e a ata da apuração geral de votos na eleição para a nova municipalidade, que passava a entrar no exercício de suas funções; bem como que se extraísse do mesmo auto de instalação uma cópia autêntica, afim de ser apresentada à Câmara Municipal de que fazia parte e representava, anunciando-se o dito auto por editais publicados pela imprensa, e afixados na porta principal do edifício da Câmara, há pouco, investida e nos lugares de maior notoriedade da recém instituída vila. Dadas assim as suas determinações, empossou os juramentados, outorgando-lhes os competentes assentos”.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O município do *Arrôio Grande* fica situado na parte meridional do Rio Grande do Sul. A sua posição está compreendido entre 31° 45, e 32° 30' e entre 9° 20' 10" e 10'.

Limitada, ao norte, com o município de Piratini, servindo de linha divisória o arrôio Pasílio, antigo Santa Maria ou Santa Maria da Orqueta, afluente do rio Piratini, ainda com os municípios de Canguçu e Pelotas, pelo rio Piratini, até a sua fôz, no canal de São Gonçalo; ao leste, com o município de Rio Grande, dividido por este canal e lagôa Mirim; ao sul com o município de Jaguarão, pelo arrôio Brentanhas e linhas secas; a oeste com o município do Herval, por uma linha seca e os arrôios Divisa e Arambaré, antigo Lageado.

O seu território que compreende uma área de 3.072 kms2. é bastante ondulado para o norte e oeste, principalmente até 25 kms. da lagôa Mirim.

A superfície física, é fortemente acidentada para oeste e norte, cortada por ligeiras ramificações da serra do Herval, sendo que a parte leste, da costa da lagôa Mirim, forma uma bela, fértil e vasta planície.

A zona do arrôio Parapó, das nascentes até a metade do seu curso, mais ou menos, é uma região riquíssima em calcáreo chamada — *PE-DREIRA*. Nas várzeas, prepondera o elemento argilo-silicoso, com regular proporção de humus, e, na zona da costa da lagôa Mirim, o terreno é de aluvião.

Possue um bom sistema hidrográfico, contando o canal de São Gonçalo, rio Piratini, e os arrôios Basílio, Grande, Parapó, Chasqueiro, Arambaré, Arachañes, Cruz, Teapui e Pedras; a lagôa Mirim, a leste.

No interior ficam as lagôas — Formosa, no 3.º distrito, próxima do canal de São Gonçalo; e dos Jacarés, na 2.ª zona, próxima à lagôa Mirim.

Quase todos os arrôios que existem no município pertencem à grande bacia da Lagôa Mirim, que em si reúne as águas do Atlântico, na parte sul do Estado.

CIDADE

A cidade de *Arrôio Grande*, séde do município, está situada na margem esquerda do arrôio do mesmo nome, aos 32° 18' 10" de latitude sul, e aos 53° 6, 21" de longitude oeste de Gw.

Conta 440 prédios e 4.145 habitantes. Possui ruas largas, algumas arborizadas; praça cuidadosamente ajardinada; correio diário, telégrafo e telefônio; luz elétrica, praça de esporte; a igreja matriz de Nossa Senhora da Graça; hospital de caridade, grupo escolar; um clube recreativo, funcionando em idfício próprio; e, em geral, bons ediff-

cios; estando já em comêço as obras do campo de aviação, que a ligará, por via aérea, a Pelotas — Jaguarão, e a 25 minutos de automovel da estação ferroviária, Herculanô de Freitas. Fica a 500 kms. da capital do Estado.

OROGRAFIA

O relêvo do sólo apresenta, a leste, uma extensa planície de recente formação geogênica, enquanto que, ao oeste, é constituida por terras elevadas, ramificações que se desprendem da serra do Herval.

A estrada geral *Pelotas-Jaguarão*, que corta o município, no sentido norte-sul, mais ou menos ao meio, constitue a linha divisória entre a planície e o planalto montanhoso. Assim, o maciço toma as denominações locais de: serra da Maria da Cunha, das Asperesas, do Mauá, da Lage, da Bocanha etc., tôdas elas cobertas de intensa vegetação e semeadas de aprazíveis lugares residenciais.

É a zona mais populosa do município e de laboriosa atividade. A população se dedica mais à agricultura em pequena escala.

HIDROGRAFIA

O território do município está servido por uma rêde hidrográfica, que o torna fértil não sómente para a indústria agro-pecuária como ainda para a indústria rizicola, que se desenvolve em grande escala.

LAGOA MIRIM

Este lago que lhe serve de limite com o município de Rio Grande, desde a fôz do arrôio Bretanha até a desembocadura do canal de São Gonçalo, no lugar denominado — *Sangradouro*, é francamente navegavel e por êle é feito o transporte de mercadorias até o porto no arrôio Grande, a 4 léguas da cidade. Na fôz do arrôio Grande, recebe um prolongamento da terra com o nome — *Ponta Alegre*, onde existe um farol.

CANAL SÃO GONÇALO

Continúa fazendo o limite com o município de Rio Grande, desde o *Sangradouro* até a foz do rio Piratiní. Banha a vila de Santa Isabel, séde do 3.º distrito, junto à qual fica o passo de Canudos, com saída para o território do Rio Grande, principalmente para o transporte de gados destinados ao frigorífico. Na sua margem esquerda está situada a lagôa Formosa, com um volume d'água bem apreciável, servindo para a irrigação da cultura de arroz. O rio ou canal São Gonçalo oferece a particularidade original de, nas cheias, correr para norte, e, na vassante, para o sul.

Atualmente, em face da estiagem que assola o Estado, o canal de *São Gonçalo* está salgando e a própria lagôa Mirim até quase a fôz do *arrôio Grande*. Esse fenômeno se verifica em consequência do nível em relação ao mar, com o qual se comunica através do canal do Rio Grande.

Arrôio Grande nasce a léste da cidade do Herval, distante uns 2 quilômetros, e corre na direção sul, toma depois o rumo léste, entrando no município de *Arrôio Grande*, onde recebe uma ponte da via-férrea, magnífica obra de engenharia, construída sôbre pilares de cimento armado. Continuando o seu curso, banha a cidade de *Arrôio Grande*, na margem esquerda, indo lançar-se na lagôa Mirim, no lugar chamado *Ponta Alegre*. Recebe diversos afluentes como o *arrôio Simão*, das *Pedras*, sangas e córregos.

Indo aumentando progressivamente o volume d'água, alimenta diversas granjas rizícolas. É navegavel até próximo à cidade, onde fica o pôrto, para desembarque de mercadorias. A mais ou menos 10 quilômetros da sua fôz, descreve uma curva caprichosa, tomando a direção sul e depois para o norte, fazendo 2 pontas, ao entrar na lagôa Mirim, tendo uma o nome de *Pontal* e a outra de *Capão da Areia*.

RIO PIRATINI

Linha limítrofe com os municípios de Cangussú e Pelotas, tem as suas nascentes ao nôrte da cidade de seu nome, notável na história política do Rio Grande do Sul, vai lançar-se no canal de *São Gonçalo*, num percurso de 132 quilômetros.

No território arroio-grandense, banha a vila Olimpo; no de Cangussú, a vila Cerrito, unidas ambas por uma ponte ferroviária.

ARRÔIO PARAPÓ

Antigo Palmas, nasce nas vertentes da serra da Maria da Cunha, atravessa Pedreiras, zona com uma grande rocha de pedra calcárea, corre de oeste para léste, indo lançar as suas águas, na lagôa Mirim.

É navegavel em pequena parte do seu curso, com um pôrto.

Além dos cursos d'água citados, há notar ainda os *arrôios*: *Bretanha*, *Arambaré*, *Arachanes*, *Teapuí*, *Basílio*, *Chasqueiros*; uns servindo como divisas naturais com as comunas confrontantes; outros correndo no interior do município.

ETNOGRAFIA

A população é tôda de descendência lusa, com os seus caracteres tipicamente brasileiros, em suas tradições, usos e costumes. Não há colônias ou núcleos estrangeiros.

Na zona da *Ponta Alegre*, junto à lagôa Mirim, encontram-se vestí-

gios de remotas, habitações indígenas, como vasilhame, pedras de bo-leadeiras e pontas de lança. Não consta, entretanto, que se hajam feito ali investigações científicas nêsse sentido.

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

Administrativamente o Município está dividido em 3 distritos e 2 zonas.

1.^o *DISTRITO* — Compreende a séde, criado pela lei n.^o 590 de 24 de março de 1873; a 2.^a zona, *Costa do Arrôio Grande*, ex 3.^o distrito, criado em 25 de abril de 1913; a 3.^a zona, *Chasqueiro*, berço do grande brasileiro Irineu Evangelista de Sousa, barão e Visconde de Mauá, criada em 3 de janeiro de 1933.

2.^o *DISTRITO* — Séde a vila *OLIMPO*, ex-Paraiso, criado em 22 de dezembro de 1873.

3.^o *DISTRITO* — Séde, a vila de *SANTA ISABEL*, criado em 22 de dezembro de 1932.

Este distrito foi independente, com a denominação de *Santa Isabel de Canudos*, instalada em 27 de janeiro de 1883, sendo rebaixado de categoria voltou a distrito de Arrio Grande, em 16 de janeiro de 1893.

A vila de Santa Isabel está situada na margem do canal de São Gonçalo, com franco acesso, por água, à cidade de Pelotas, e a 50 quilômetros da séde do município, por estrada rodoviária. Contém 20 prédios, com um templo da igreja católica.

Vila de Olimpo. É uma localidade florescente, com bôa edificação predial, existindo comércio em franco desenvolvimento; vida associativa, religiosa, desportiva, diversos estabelecimentos de instrução primária, um grupo escolar do Estado, etc. e uma população de mais de 4.000 habitantes. Está situada na margem do rio Piratini e servida pelo ramal-férreo Pelotas-Bagé, com grandes oficinas da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, junto à estação Engenheiro Ivo Ribeiro.

Sôbre o rio Piratini está construída magnífica ponte ferroviária, sendo que o trânsito de passageiros e de veículos é feito em uma balsa.

Conta um bom sistema de estradas rodoviárias, que a liga não só à séde do município como ainda às demais comunas da região.

Em sua relação judiciária, o município de Arrôio Grande é termo da comarca de Jaguarão, sendo que em sua hierarquia eclesiástica pertence à diocese de Pelotas.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Existe, na séde, uma estação do telégrafo nacional, com a comunicação direta entre as cidades de Pelotas e Jaguarão; uma agência de correio; e um centro da Campanhia Telefônica Riograndense, que também serve à vila de Olimpo, onde há uma agência postal.

Serviço Ferro-Viário

O município está servido ao norte pelo ramal férreo Rio Grande-Bagé, no qual estão situadas as estações: Engenheiro Ivo Ribeiro e Cruz; ao oeste pelo ramal Basílio-Jaguarão, tendo as seguintes estações: Airosas Galvão, Mauá, e Herculano de Freitas, nome posto em homenagem a êsse notável jurista arroio-grandense.

O movimento de passageiros era feito desta estação para a cidade, geralmente por autos particulares, ou o que conduzia as malas do correio.

Atualmente, porém, foram municipalizados os transportes com a aquisição, por parte da Prefeitura, de confortáveis carros para o serviço dessa linha.

Uma empresa de auto-ônibus transporta passageiros de Jaguarão e Pelotas, passa pela sede, tocando também na vila Olimpo.

Serviço rodoviário

A rodovia mais importante, que serve ao município, é a estrada Pelotas-Jaguarão, com caráter internacional, em boas condições para o trânsito de veículos de qualquer natureza. Há nelas cinco pontes mandadas construir pelo governo do Estado, sendo que a mais importante é a sobre o arrôio "Grande", junto à cidade.

Da sede, partem diversas estradas, para o interior do Município, e que se ramificam em outras, nos distritos e nas zonas; e também para os outros municípios limítrofes, quase tôdas em boas condições de trânsito.

Transporte marítimo e fluvial

O transporte de mercadorias se faz geralmente em iates a vapor e a vela. Não há, por via fluvial, transporte de passageiros.

LIMITES URBANOS E SUBURBANOS

Os limites urbanos e suburbanos da cidade e das vilas foram demarcados por decreto de 27 de maio de 1938, em face do que dispõe o decreto n.º 7.199, de 31 de maio do mesmo ano, do Governo do Estado e assim estabeleceu:

Cidade:

Art. 1.º — Os limites urbanos da cidade de Arrôio Grande, ficam estabelecidos pelas seguintes linhas divisórias: — ao norte, uma reta partindo da estrada estadual que passa por esta cidade, até encontrar a estrada municipal que partindo desta cidade vai à vila de Santa

Isabel, no 4.º distrito, e limitando com propriedade de D.^a Maria José Paias Dutra, Arlindo Pinto Ribeiro e Doroteu Fagundes; a leste uma outra reta partindo desta primeira, em direção NS e dividindo com o propriedades de Aquilino Gonçalves e Sucessão de Francisco de Paula Alves, até encontrar a estrada que conduz ao pôrto comercial, pela margem esquerda; dêsse ponto, continuará a linha de limites pela referida estrada, até encontrar a linha divisória das propriedades de José Ferreira dos Santos e D.^a Emilia Maciel, continuando por esta linha, até o arrôio; a oeste pela estrada estadual que atravessa este município, em direção NS, e ao sul, pelo Arrôio Grande.

Art. 2.º — Os limites suburbanos da mesma cidade, encerrar-se-ão dentro do perímetro marcado pelas linhas seguintes: — partindo da margem esquerda do Arrôio Grande, logo abaixo do estabelecimento que foi de propriedade de Rodolfo Freitas, e margeando os tapumes do mesmo estabelecimento, seguirá a linha, em direção NS, até encontrar a estrada municipal que desta cidade se dirige á vila de Santa Isabel, no 4.º distrito deste município, na altura da casa de propriedade de Emilia de Freitas Maciel, a qual ficará compreendida dentro dos referidos limites suburbanos. Dêste ponto, seguirá a linha a direção oeste, em direção a casa de propriedade dos sucessores de Aniceto Pereira de Ávila, deixando esta à esquerda, continuando até encontrar a estrada geral que vai à vila de Paraíso, daí em direção sul, até encontrar o passo do Arrôio Moinho, nas proximidades do estabelecimento, de herdeiros de Maximiano Jerônimo de Sousa. Transpondo este passo, seguirá a referida linha pelas proximidades deste estabelecimento até a margem esquerda do Arrôio Grande. Passando para o 3.º distrito, seguirá a mesma linha em direção à divisa dos campos de Herdeiros de Guilherme Alexandre Boneau, com os herdeiros de Manuel José Ferreira, seguindo daí em direção sul, ao rumo do Capão Grande, no Arrôio das Pedras, e, margeando a direita do mesmo arrôio, tomará a direção leste, ao rumo da propriedade de Marcelino Soares, ficando esta compreendida dentro dos limites suburbanos. Dêsse ponto, seguirá a linha até encontrar a estrada municipal paralela à margem direita do Arrôio Grande, sendo essa divisória formada, em parte, por tapumes da propriedade de d.^a Hercília Gutierrez Domingues. Ao terminar aquêles tapumes, dobrará a linha em direção NS, margeando, então, tapumes da propriedade de herdeiros de Vitor Crochi, até encontrar a margem direita do Arrôio Grande, quase em frente ao ponto de partida na margem esquerda.

Vila de Paraíso

Art. 3.º — Os limites da vila de Paraíso, séde do 2.º distrito serão: — ao norte, o rio Piratini; a leste a rua do Comércio; ao sul, a es-

trada pública, que conduz ao município de Herval, e a oeste uma ~~Pe~~ta que, partindo da referida estrada, em direção norte e margeando um corredor que vai ao embarcadouro da Viação Férrea, encontrará o rio Piratini.

Art. 4.º — Os limites suburbanos da mesma vila terão as seguintes linhas de limites — ao norte e leste, o rio Piratini, no trecho o passo denominado ORQUETA e a foz do ^oarrôio Maria Rodrigues; ao sul, pela margem direita dêste mesmo arroio, até passar o prédio de propriedade de Satamini, residência, partirá uma reta em direção NO, até as proximidades do cemitério da Vila, seguindo daí uma reta, em direção norte, até encontrar o ponto inicial do perímetro, no rio Piratini.

Vila de Santa Isabel

Art. 5.º — Os limites urbanos da vila de Santa Isabel, ficarão compreendidos pelo perímetro formado pelas seguintes ruas: — dos Andradas, ao norte; General Osório, a oeste; Andrade Neves, ao sul, e, finalmente, pelo rio São Gonçalo a leste.

Art. 6.º — Os limites suburbanos da mesma vila, serão assim demarcados: ao norte, uma reta, separando êstes limites dos campos de propriedade da sucessão Honório da Silva: a oeste e sul, também duas linhas retas separando a zona suburbana dos campos, de propriedade da Viuva Rego Magalhães & Filho, e a leste com o rio São Gonçalo.

Limites Interdistritais

a) — Entre os distritos de Arrôio Grande e Olimpo.

Começa a margem do Arrôio Arambaré (antigo Lageado) 32º (trinta e dois graus) de latitude Sul; segue êste paralelo até encontrar o curso do Arrôio Tinguí (antigo Mata-olho); daí segue pelo arrôio Tinguí, águas acima, até sua nascente: dêste ponto continua por uma linha sêca e reta que une a citada nascente à nascente do Arrôio Parapó (antigo Palma); desce pelas águas dêste até a interseção da estrada de rodagem Arrôio Grande — Olimpo.

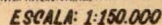
b) — Entre os distritos de Arrôio Grande e Santa Isabel.

Começa na interseção da estrada de rodagem Arrôio Grande — Olimpo com o Arrôio Parapó, segue pelo Arrôio Parapó águas abaixo, até sua fôz na Lagôa Mirim.

c) — Entre os distritos de Olimpo e Santa Isabel.

Começa na confluência do Arrôio Maria Rodrigues com o Rio Piratini: sobe pelas águas do Arrôio Maria Rodrigues até a sua primeira interseção com a estrada de rodagem que conduz de Olimpo a Arrôio Grande; daí, continua por esta estrada até a sua interseção com o arrôio Parapó (antigo Palma).

DIRATINI



GEOLOGIA

Admitindo a teoria de que a faixa litoral riograndense houvesse sido um antigo fundo de mar, é aceitavel que o território de Arrôio Grande tivesse participado desse período da vida oceânica, em virtude de sua situação geográfica. A sua parte plana chamada — *Várzea* — é baixa e arenosa, de terreno argilo-silicoso, abrangendo uma extensão de 25 quilômetros de largura, no percurso da lagôa Mirim e o canal de São Gonçalo, os quais, em épocas excepcionais, se deixam invadir pelas águas do Atlântico, tal é a relação de seu nível.

Nessa zona, os terrenos, muitas vezes, se apresentam alagadiços e pantanosos.

Nas margens da lagôa Mirim, formam-se grandes cômodos (du-nas) de areias brancas e movediças, que à distância oferecem um espetáculo magnífico. A parte alta, a que, no município, dão o nome de — *Serra*, apresenta um solo de antiga formação granítica.

FLORA

Como dissemos, ao tratar do relêvo do solo, a fisiografia do município está dividida em terras altas e baixas, compreendendo estas a vasta planície, na qual predomina a vegetação rasteira, em especial a grama, própria à alimentação dos rebanhos.

Os cursos d'água que a recortam, entretanto, são cobertos de matas vicejantes, desprendendo, não raro, ramificações em bosques e capões.

Não se encontram madeiras para construções pesadas, apresentando a flora a característica da vegetação platina.

É abundante em plantas mediciais como:

- Agrião (*Sisimbrium Masturtium*)
- Mestruço ou mentruz (*Lepidium Bonariense*)
- Gravatá ou banana do mato (*Bromélia Faustosa*)
- Ananáz do campo (*Bromélia Bracteala*)
- Alecrim do campo (*Heterothalamus Brumidides*)
- Aipo do Banhado (*Aphomostemma Apiifolium*)
- Arnica do campo (*Arnica montana*)
- Avenca ou arruda do muro (*Adiantum Reptans*)
- Cardo Santo (*Argemone Mexicana*)
- Cardo (*Caicus Benedictus*)
- Carqueja (*Beccharis Genistelloidese P*)
- Carrapicho de carneiro (*Xantium Orientale C*)
- Funcho (*Foenicullum Vulgaris G*)
- Guaco (*Mikamia Guaco Humb*)
- Macela (*Gem. Achirocline*)
- Ortiga (*Urtiga Urens e Pilulifera*)
- Salsa parrilha (*Muchtembecia Sangittifolia*)

- Pata de vaca (*Banhinia Porficata*)
- Malva (*Malva Silvestris*)
- Cedeon (*Lippia Licioides*)
- Caroba (*Jacaranda Brasilensis*)
- Carrapicho (*Desmondium Auxillare*)
- Cinamomo (*Lalirus Cinnamomum*)
- Cipó chumbo (*Cuscuta Umbelluta*)
- Herva cidreira (*Melisa officinalis*)
- Herva de bugre (*Cascaria Silvestre*)
- Eucaliptus (*Eucaluptus Globulis, Medicinalis, etc*)
- Herva tostão (*Boerhavia Hirsuta*)
- Hortelã brava (*Peltodons Radicans*)
- Imbiri (*Canna Angustifolia*)
- Japécanga (*Smilax Japécanga*)
- Limão Azedo (*Citrus succus*)
- Losna (*Artemisia Abisinthum*)
- Malmequer amarelo (*Calendula officinalis*)
- Macenilha (*Hippomane Macimella*)
- Mangerona (*Origanum Majoramal*)
- Malta posto (*Cassia cericea*)
- Maravilha (*Mirabilis Jalapa*)
- Nogueira (*Junglas Regia*)
- Parrum sativum (*Allium sativum*)
- Tansagem (*Platago Major*)
- Herva da pedra (*Phyllanthus Diabucus*)
- Sabugueirinho do campo (*Sambucus Australis*)
- Sabugueiro (*Variedades de "Sambucus"*)

É natural que esta relação não passa de um ligeira demonstração do que é a flora medicinal do município, pois muito mais longe poderíamos ir, se comportasse a índole do presente trabalho, no qual procuramos ser o mais resumidamente possível.

Flora alimentícia

A flora exótica é soberba. As terras são apropriadas à cultura de qualquer espécie, dando em grande desenvolvimento:

- Feijão (*Phaseolus vulgaris*)
- Trigo (*Triticum Sativum*)
- Abóbora (*Cucurbita Máxima*)
- Amendoim (*Arachis hipogea*)
- Batata doce (*Batata edulis*)
- Batata inglesa (*Solanum tuberosum*)
- Cenoura (*Daucus Carota*)
- Aipim (*Manihot Aipi*)
- Alface (*Lactuca Sativa*)
- Agrião (*Nasturtium officinalis*)

- Couve (*Brassica Oleracea*)
- Nabo (*Brassic Rapa*)
- Ervilha (*Pisum Arvense*)
- Cebola (*Allium cepa*)
- Alho (*Gen. Allium*)
- Couve flôr (*Gen. Brassica*)
- Fava (*Vicia Fava*)
- Milho (*See mais*)
- Pepino (*Cucumis sativus*)
- Mostarda (*Sinapis Alba*)
- Beterraba (*Beta Vulgaris*)
- Pimentão (*Capsicum Annum*)
- Repólho (*Gen. Brassica*)
- Rabanete (*Raphanus Sativus*)
- Tomate (*Piper Migurm*)

E muitos outros como arroz, linho, alpiste, centeio, aveia, melancia, louro, salsa, acelga, chuchú, etc.

Da mesma forma, as terras são férteis para a cultura das plantas frutíferas e assim encontramos belos exemplares de videiras (*Vitis Viniferas*), em tôdas as suas variedades; pessegueiro (*Amygdalus Persical*), laranjeira (*Citrus aurantium*), pereiras, macieira, limoeiro, ameixeira, bergamoteira, romã, marmeleiro, (tendente a desaparecer); figueira, limeira, morangueiro, goiabeira, amoreira, cerejeira.

As frutas silvestres são ótimas e abundantes: o saboroso araçá, a goiaba do mato, a pitanga, geralmente usada em licores; o pêssego rasteiro, a figueira do campo, o maracujá, a banana do mato (*Musa paradisiaca*), que vegeta em todo o território do município.

Plantas aproveitáveis

A flora é fértil em plantas aproveitáveis que, embora não pertencendo à classe das chamadas madeiras de lei são, contudo, largamente usadas nas construções de tapumes, edificações de casas, etc.

Assim se encontram:

A coronilha, ótimo poste para aramado; a figueira, (*Ucastigma subriplinervium*) a árvore amiga da casa do camponês, de sombra excelente e que é usada em utensílios caseiros; vassoura vermelha, (*dodonácea viscosa sapindácea*) que dá também magnífico poste de aramado, capororoca da branca e da vermelha, esta que fornece ótimo pique, e caibros para casas; a timbauva, a tarumá, a mamica-de-cadela, o espinilho, o não-me-toque, o salso-chorão, o sarandi, a corticeira, que dá a rolha, é também bom pique; o sinamomo, o mata-olho, o branquillo, que dá excelente carvão vegetal; o camboatá, o açoita-cavalo, usado pelo camponês para jugo, cabo de machado, por sua resistência e maciez, sendo empregado, também, atualmente, na indústria de tãmaneos; o cambará, que nada deve às chamadas madeiras de lei, ten-

do também emprêgo medicinal; a caneleira, a murta, a arueira, o umbú, considerada platina e inspiradora dos poetas; o palmito, de uso em construções de casas e cujas folhas servem para alimentação de animais, especialmente para os cavalos de corridas, na antiguidade riograndense.

Seria demasiado longo citarmos tôdas as espécies vegetais, que constituem a flora arroio-grandense, por isso que nos limitamos a relacionar apenas o que ela tem de mais uso e mais conhecido.

Entretanto, a mata do município está ameaçada de extinção, em virtude do comércio de lenha, não só para o abastecimento da cidade, vilas e granjas, onde se queima uma quantidade apreciável de metros cúbicos por dia, como ainda para fornecimento à Estrada de Ferro e a diversas localidades do Estado.

A cultura do eucalipto é ainda pouco intensa, não havendo, assim, uma campanha de reflorestamento das matas devastadas pela mão do homem.

FLORICULTURA

Ao tratarmos da flora de Arrôio Grande, no resumido estudo que dela fazemos, não poderíamos deixar sem referência as plantas das flores, que vicejam no seu ubérrimo solo, elementos que a natureza como que criou para deleite da vida humana.

Alí vemos desenvolverem-se, em belíssimos exemplares, as rosas, os cravos, os jasmims, os jacintos, as modestas violetas, as perpétuas, o amor-perfeito, as begônias, as hortências, o narciso, o elianto, as dália, os junquinhos, as tulipas, os crisântemos, as orquídeas, tudo enfim, que pode sublimar a vida, no êxtase da cor e do perfume.

FAUNA

A fauna apresenta-se rica e variada, verificando-se a existência de inúmeros exemplares como:

Quero-quero (*Belonopterus cayunensis*) — Este pássaro curioso, a que a natureza concedeu o penacho da graça real, o vôo do corvo e a laringe do galo, tem pela última dessas prendas o dom de encher a soledade dos descampados e sangas, das macegas e canhadas com o grito estridulo, rechinante, profundo, onde o gênio pinturesco dos gaúchos descobriu a fidelíssima onomatopéia, que o batista, na descrição que dêle nos dá o nosso grande e imortal Ruy Barbosa, cognominando-o — “Chantecher dos potreiros”.

Sabiá (*Mimus modulator*) — *Cardeal* (*Paroaria cucullata*) *Tico-tico* (*Zonotrichia pileata*), em vias de extinção pelo cruzamento com o pardal européu; *Asa de telha* (*Moluthus badios*) — *Pintassilgo* (*Crysomitris icterica*) — *Anú*, Chopin, vulgarmente chamado, (*Aphobus chopi*); *Viuvinha* (*Lichenops perpiscillatus*); *Bem-te-vi* (*Pintagus*

sulphuratus bolivianus); *Tesoura* (Milvulus Tyrannus); *Forneiro* (For-narins rufus); *Martim Pescador* (Ceryle Amazona); *Alma de Gato*, *Sangue de Boi*, *Macho orelhudo* (Asio Mexicanus); *Coruja do campo* (Speotylo cunicularia); *Urubú Corvo* (Catharista aratra); *Carancho* (Polyborus tharus); *João Grande* (Ardea cocoi); *Cegonha* (Gen. Cico-nia) *Socó-boi* (Trigrisoma fasciatum); *Massarico* (Molybdophanes cae-rulescens); *Colheiros* (Platalea aja); *Pato arminhã* (Cygnus melano-corryphos); *Marrecão* (Gen. Metapiana) aparecendo em verdadeiras nuvens na safra do arroz, sendo de carne magnífica; *Pomba* (Columbis rufina); *Saracura* (Limnoparardalus maculatus); *Perdiz* (Rhyncho-tus rufescens) de carne excelente; Maracanã (Ará maracanã); *Caracará* (Ibyeter chimachina); *Gaiivota* (Larus maculipennis); *Avestruz* (Rhea Americana); *Calandra* (Alandra Calandra); *Garça branca* (Leucophayx candissima).

Podemos ainda notar as aves de pátio de uso doméstico com verdadeira abundancia: galinhas, perús, marrecos, gansos, patos, angulistas, etc.

Ratão do banhado (Myoptamus coypus), que habita o banhado do Mundo Novo, na desembocadura do arróio Grande e no dos Jacarés. Abundantissimo.

Raposa (Didelphis Azarae); *Zorrilho* (Mephites suffocans); *Capi-vara* (Hydrochorus capivara); *Tatú mulita* (Praopus Hybridus); *Tu-co-tuco* (Ctenomys torquatus); *Rãs* (Hyla arborea, rana excelente, R. mugiens); a lebre em grande proliferação nos últimos tempos, e da-nihas às plantações, o que muito está prejudicando a agricultura do município.

ASPECTOS ECONÔMICOS

SITUAÇÃO ECONÔMICA

A principal riqueza do município é a pedra calcárea, existindo diversas empresas de exploração desse ramo de industria, todas elas, porém, com aparelhamentos rudimentares para extração da pedra de fabrico de cal. Segundo fôra, há tempos, divulgado pela imprensa da capital do Estado, dessa jazida, foram analisados os minerais, na Eu-ropa, constatando-se a possibilidade da produção de um dos melho-res cimentos. Também já foram ao município, um funcionário do mi-nistério da agricultura e um interessado da firma Bromberg & Co. de Pelotas, estudar a possibilidade de extração de petróleo, de que disse-ram haver encontrado algumas jazidas apreciáveis, na 2.ª zona, na costa da lagoa Mirim.

COMÉRCIO

O comércio é, em geral, em pequena escala. As maiores casas trabalham com o ramo de frutos do país. A exportação de lã dá aproximadamente Cr\$ 3.000.000,00 por ano.

INDÚSTRIA

No município existem somente algumas fábricas de tijolos; no 2.º distrito, cuja produção é ali mesmo consumida. Todas estas empresas trabalham muito mal aparelhadas e com número reduzido de operários.

Funciona, também, na cidade uma torrefação e moagem de café, em pequena escala. No 2.º distrito, há uma fábrica de telha, cujo produto é vendido em Rio Grande e Pelotas, e nos demais municípios vizinhos. Há, no município, diversas caieiras, cujo funcionamento se dá ainda por processos rudimentares.

AGRICULTURA

A indústria rezeicola está tendo grande desenvolvimento, sendo que estavam instaladas, em 1939, 21 granjas, a produção do ano referido atingiu a 277.300 sacos, somente em 14 granjas.

As terras do município são geralmente ótimas para a cultura de todos os cereais, que dão no sul do estado. Já está sendo bastante intensificada a plantação do trigo.

A área cultivada, em 1938, era de 40.506 hectares, com a produção de 30.196 toneladas, no valor de Cr\$ 10.482.000,00. E, em 1939, as terras cultivadas sobem a 43.819 hectares, com 33.819 toneladas, no valor de Cr\$ 11.957.000,00.

PECUÁRIA

em 1940

As principais fazendas, estâncias e sítios são em número de 929, perfazendo uma área de 318.928 hectares.

Os rebanhos bovinos e ovinos são bem apurados. Predominam as raças Holandês, Hereford, Durand; a raça crioula já se encontra em pequena porcentagem. A população bovina atinge a 106.500 unidades.

O rebanho ovino acha-se em completo adeantamento, não somente quanto à criação das raças apropriadas para o consumo da carne como também em relação à qualidade da lã. Na exposição de Uruguaiana, em 1939, o produto de Arroio Grande alcançou o primei-

no lugar. A população ovina orça em 300.000 cabeças, com uma produção de lã de 233.170 quilos, no valor de Cr\$ 2.955.190,00.

A população equina apresenta 8.400 cabeças e a asinina e muar 150.

ASPECTOS SOCIAIS

INSTRUÇÃO PÚBLICA

A instrução no município tem merecido especial atenção, tanto por parte do Poder Público, como ainda pela iniciativa privada, com estabelecimento de instituições escolares. A cidade está dotada de um grupo escolar estadual — “20 de Setembro”, — o colégio católico — “Nossa Senhora da Graça”, dirigido por irmãs de caridade; e uma escola de comércio, de fundação recente. Na vila de OLIMPO, séde do 2.º distrito, existem diversos estabelecimentos de ensino, sendo um grupo escolar do Estado, um colégio da Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul e o colégio “Coração de Jesus”, sob a direção de freiras.

Funcionam, 20 aulas municipais, que se encontram localizadas nas sédes dos distritos e nas zonas mais populosas, atendendo, em especial, à população rural.

A verba a dispensar-se com a instrução, no ano corrente de 1943, está orçada em — Cr\$ 58.000,00.

MOVIMENTO DEMOGRÁFICO EM 1940

A população, em 1940, atingia a 16.500 habitantes, sendo 4.145 da cidade e 12.355 na zona rural, apresentando, assim uma densidade de 5,37 por quilômetro quadrado, e uma percentagem de 0,49 %, em relação à do Estado. O Número de nascimento, neste período, é de 295, com 129 do sexo masculino e 122 do feminino. É de notar que da totalidade dos nascimentos, 283 são filhos de mães e pais brasileiros; 11, de brasileira com estrangeiro; e 1, apenas, de brasileiro com estrangeira.

Os casamentos elevam-se a 99, sendo 86 entre solteiros, e 97 de nacionalidade brasileira. No período, de 1920 a 1929, realizaram-se 600 casamentos, e de 1930 a 1939, 847.

Em 1940, o número de óbitos foi de 128.

SAÚDE PÚBLICA

Apesar de um clima bastante variável, em tôdas as estações, frio e úmido no inverno, quente e úmido no verão, e das condições higiênicas do meio, a saúde pública é coletivamente das melhores.

Não há casos de lepra, malária, opilação. Poucos de tuberculo-

se. Normalmente, a não ser em condições de epidemias, que têm visitado o município, (gripe, alastrim) o estado sanitário pode ser considerado excelente.

Certas práticas que noutros centros bastante prejudicam a saúde pública, espiritismo, magia, macumba não existem. O comércio de drogas tóxicas não autorizado nos regulamentos sanitários; o curandeirismo, o exercício ilegal da medicina são proibidos pelas autoridades competentes.

Atualmente, o governo do município está empenhado na adoção de medidas de alto interesse higiênico, como a construção de uma hidráulica, que abastecerá a população; a construção de um matadouro modelo e outras obras de grande necessidade coletiva.

A cidade está servida por um Posto de Higiene, do Estado, que funciona na rua Visconde de Mauá, n.º 61, há pouco instalado.

ASSISTÊNCIA HOSPITALAR

Há um hospital, a Santa Casa de Misericórdia, subvencionado pelo governo do município e o do Estado, com a capacidade de 30 leitos, laboratório e material para cirurgia de urgência.

RELIGIÃO

Existem, no município três templos da igreja católica, sendo um na cidade; um na vila de Olimpo e o outro, na vila de Santa Isabel, denominando-se o da sede — *Igreja Nossa Senhora da Graça*. Está situada em ponto central da cidade, na rua Herculano de Freitas.

Na vila de Olimpo está localizada a capela denominada Ipifânia, da Igreja Episcopal brasileira, que tem também uma sociedade de senhoras com o nome de “Auxiliadora de Senhoras”, que tem por finalidade cooperar n o trabalhos desta Igreja e fora dela, em fins caritativos. Há também, na cidade, a Associação Damas de Caridade, de caráter beneficente.

IMPrensa

Desde 1933, publica-se, o jornal *EVOLUÇÃO*, com oficina própria, circulando em todo Estado.

Já se publicaram ali os jornais: *A RAZÃO*, *O PROGRESSISTA*, *O PAMPEIRO*. *O MUNICÍPIO*, em épocas anteriores.

TRABALHO

Ainda não foi apurada a percentagem de trabalhadores por sexo e nacionalidade, em virtude de que a população trabalhista é inteiramente flutuante. No verão, por ocasião do corte do arroz, aflue o ele-

mento dos municípios vizinhos, e até mesmo de longe, atraído pelo bom salário, que é pago, na safra da colheita. Terminado o serviço, regressam depois, em busca de nova atividade.

Não há obra de assistência social ao trabalhador, assim nas granjas, como nas estâncias, fazendas ou outra qualquer forma de propriedade rural.

A única entidade de classe trabalhista existente, no município, Liga Operária, é de caráter puramente beneficente, sem estar sindicalizada.

PERSONALIDADES HISTÓRICAS

Bem conhecido é *Irineu Evangelista de Sousa*, Barão e Visconde de Mauá, eminente financista do Império, criador e consolidador da nossa unidade econômica. Além de outros escritores, dele se ocupou Laudelina Freire, que o denominou — o gigante da prosperidade. Alberto de Farias traçou-lhe a biografia em livro notável.

Nasceu em 1813, falecendo, no Rio de Janeiro, em 1889. No local do seu nascimento, foi-lhe erigido um obelisco, culto da população conterrânea.

COUSSIRAT DE ARAUJO

Ladislau Coussirat de Araujo, filho de Luiz Corrêa de Araujo e dona Maria Vitorina Coussirat de Araujo, nasceu em Arrôio Grande, a 17-5-1889. Formou-se em engenharia civil pela Escola de Engenharia de Porto Alegre, em 1912. Talento extraordinário, o Dr. Coussirat de Araujo foi professor da Escola de Engenharia. Organizou o serviço Meteorológico do Rio Grande do Sul com o Diretor, que foi do Instituto Astronômico e Meteorológico do Estado. Também reorganizou o Serviço meteorológico de Minas Gerais, em 1921-1922. Escreveu alguns trabalhos de valor como a sua magnífica "Memória sobre o clima do Rio Grande do Sul", que foi publicada em 1930 pelo Ministério da Agricultura — Diretoria de Meteorologia — Rio de Janeiro. O Dr. Ladislau Coussirat de Araujo faleceu na Capital Federal a 2-12-1929.

HERCULANO DE FREITAS, nasceu em Arrôio Grande, na rua que hoje tem o seu nome. Filho de José de Freitas e de dona Joaquina Caetano de Freitas, revelando desde cedo dotes de inteligência, foi educado por pessoas estranhas. Formou-se em Direito, em 1889, na cidade de São Paulo, onde abriu banca de advocacia.

Tendo alcançado a alta investitura de ministro da Justiça, morreu como ministro do Supremo Tribunal Federal, em 1926. Foi advogado, orador e jurista.

LEONEL FAGUNDES, jornalista, orador e poeta. Exerceu o magistério. Morreu, em 1923, como notário, em sua cidade natal.

VIDA ASSOCIATIVA

Há três associações: *Clube Instrução e Recreio*, com 250 sócios, funcionando em confortável prédio próprio, no valor de Cr\$ 160.000,00, sendo um dos melhores edificios da cidade.

A *Liga Operária Arroio-grandense*, funcionando, também, em prédio próprio, fundada em 1.º de maio de 1918, atualmente com 75 sócios.

Clube Guarani, com 52 sócios.

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

VALOR DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS

	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$
Cavalo ou égua — sela	250,00	220,00	190,00	150,00
" " " — tiro	200,00	150,00	100,00	80,00
" " " — campo	200,00	180,00	160,00	140,00
Poldro comum — "	150,00	130,00	120,00	100,00
" raça — "	10.000,00	5.000,00	2.000,00	1.000,00
Égua — criação	100,00	120,00	100,00	70,00
Burros ou bestas — sela	300,00	260,00	220,00	150,00
" " " — tiro	300,00	260,00	220,00	150,00
" " " — tropa	250,00	230,00	220,00	200,00
Boi — carro	450,00	400,00	350,00	300,00
Boi ou vaca — corte	400,00	350,00	300,00	250,00
Garrotes — engorda	100,00	90,00	80,00	70,00
Novilhas — criação	180,00	175,00	150,00	120,00
" — corte	250,00	240,00	220,00	200,00
Touros de raça reprodutor	1.000,00	800,00	700,00	500,00
" mestiços	600,00	550,00	500,00	400,00
Garanhão de raça reprodutor	20.000,00	15.000,00	10.000,00	3.000,00
" mestiços	2.000,00	1.500,00	1.000,00	700,00
Vaca produtora de leite	500,00	450,00	400,00	350,00
Carneiro — corte	50,00	45,00	40,00	35,00
" de raça — reprodutor ..	1.500,00	1.200,00	1.000,00	600,00
Ovelha — criação	25,00	22,00	20,00	15,00
Varrão de raça — reprodutor	300,00	250,00	220,00	200,00
" comum reprodutor	200,00	180,00	150,00	120,00
Porcos — cortes	250,00	220,00	200,00	150,00
Leitões — "	20,00	17,00	15,00	10,00
Galinha — "	5,00	4,50	4,00	3,50
Frangos — "	4,00	3,50	3,00	2,50
Cabritos — "	25,00	23,00	20,00	18,00
Perú — "	10,00	8,00	7,00	6,00

SALARIOS AGRICOLAS

Com ou sem sustento

		Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$
Arador	sem	8,00	7,00	6,00	5,00
Carpinteiro ou marceneiro	dia	10,00	9,00	8,00	6,00
Carreteiro ou carroceiro	sem	15,00	12,00	10,00	8,00
Chofer ou ajudante	"	15,00	12,00	10,00	8,00
Maquinista ou foguista	"	20,00	15,00	12,00	10,00
Lenhador ou mateiro	"	10,00	8,00	7,00	5,00
Ferreiro	"	10,00	8,00	7,00	5,00
Tratador de animais	"	12,00	10,00	9,00	7,00
Campeiro	com	4,00	3,00	2,50	2,00
Pedreiro	sem	14,00	12,00	9,00	7,00
Servente de pedreiro	"	8,00	7,00	6,00	5,00
Tirador	"	8,00	7,00	6,00	5,00
Tropeiro ou vaqueiro	"	20,00	16,00	12,00	10,00
Colono ou agregado	com	5,00	4,00	3,00	2,00
homem	sem	9,00	8,00	7,00	5,00
Trabalhadores de enxada mulher	"	7,00	6,00	5,00	4,00
menores	"	6,00	5,00	4,50	4,00
Adiministrador	mensal	250,00	200,00	150,00	100,00
Ajudante	"	120,00	100,00	80,00	50,00
Guarda livros	"	400,00	350,00	250,00	200,00

PRODUTOS	1938				1939			
	Área cultivada (Ha.)	Produção (tons.)		VALOR TOTAL	Área Cultivada (Ha.)	Produção (tons.)		VALOR TOTAL
		Média por (Ha.)	Total			Média por (Ha.)	TOTAL	
Alfafa	83	10	830	249.000,00	80	10	800	240.000,00
Alho	15	4	60	48.000,00	20	4	80	72.000,00
Amendoim .	16	1,5	24	12.000,00	15	1,3	20	12.000,00
Arroz	6.800	3,3	22.400	8.302.800,00	9.850	2,6	25.610	9.987.900,00
Aveia	18	1,4	26	10.400,00	164	1,2	197	98.500,00
Batata doce	1163	10	1.630	163.000,00	180	9	1.620	162.000,00
Bata inglesa	172	9	1.548	619.200,00	150	9	1.350	270.000,00
Cebola	76	6	456	182.400,00	70	5	350	140.000,00
Cevada	41	1,3	53	15.900,00	40	1,3	52	26.000,00
Ervilhas	46	0,7	32	32.000,00	30	0,7	21	21.000,00
Favas	35	0,7	25	12.500,00	30	0,7	21	12.600,00
Feijão	336	0,9	302	120.800,00	420	0,9	378	189.000,00
Milho	2.660	1	2.660	665.000,00	2.700	1,2	3.240	648.000,00
Trigo	28	0,9	25	15.000,00	50	0,6	30	18.000,00
Uvas	17	5	85	34.000,00	20	6	120	60.000,00

USINA ELÉTRICA

(Seus característicos)

RECEITA Prevista — Cr\$ 32.000,00; arrecadada — Cr\$ 36.757,80, em 1938.

- 1.º — A Usina está localizada no centro da cidade, na rua Júlio de Castilhos n.º 75, esquina da rua Andrade Neves.
- 2.º — Foi inaugurada em 20 de setembro de 1920.
- 3.º — Voltagem: 220.
- 4.º — Preço do kw hora para luz: Cr\$ 1,20.
- 5.º — Preço para kw força: Cr\$ 0,60.
- 6.º — A cobrança é feita por medidores, por mês.
- 7.º — Taxa mínima, para luz: Cr\$ 10,00.
- 8.º — Aluguel do contador: Cr\$ 1,50.
- 9.º — Taxa mínima, para industria em kw força:
- 10.º — Por fornecimento de luz, além da hora, regulamentar: por hora: Cr\$ 50,00; 2 horas: Cr\$ 85,00; 3 horas: Cr\$ 110,00, de cada hora que exceder: Cr\$ 20,00.
- 12.º — Vistoria em instalação nova: Cr\$ 10,00.
- 13.º — Caução, para garantia de consumo de eletricidade: Cr\$ 30,00.
- 14.º — Custo da instalação primitiva: Cr\$ 77.000,00.
- 15.º — Foi substituído o motor, com maior potência, em 1928, no valor de Cr\$ 50.000,00; 1 dínamo, com 61 kw 230 volts, no valor de Cr\$ 12.000,00.
- 16.º — Recursos financeiros invertidos: Cr\$ 127.000,00.
- 17.º — Extensão de linhas da rede de distribuição: 10.000, metros.
- 18.º — Postes de madeiras.
- 19.º — Capacidade máxima da Usina geradora: 95 H. P.
- 20.º — Corrente monofásica contínua.
- 21.º — Média mensal de kw de luz particular: — 3.467; pública — 4.117.
- 22.º — Número de consumidores: 230.
- 23.º — Preço de lenha para funcionamento do motor: Cr\$ 15,00, por metro cúbico.
- 24.º — Consumo de lenha durante o ano: 1.300 metros.

RECEITA FEDERAL ARRECADADA NO MUNICÍPIO

1937	Cr\$	77.585,60
1938	Cr\$	59.363,60
1939	Cr\$	80.284,70
1940	Cr\$	99.463,90

RECEITA ESTADUAL

1936	Cr\$	379.347,00
1937	Cr\$	287.924,40
1938	Cr\$	382.160,30
1939	Cr\$	428.242,40
1940	Cr\$	653.919,90

ARRECAÇÃO DO IMPOSTO SOBRE "VENDAS E CONSIGNAÇÃO"

1939	Cr\$	80.281,20
1940	Cr\$	154.971,60

FINANÇAS MUNICIPAIS

1941

Receita — Orçada Cr\$ 539.900,00 — Realizada	Cr\$	617.392,10
Despesa — Orçada Cr\$ 539.900,00 — Efetuada	Cr\$	511.120,70
Créditos especiais e extraordinários	Cr\$	85.722,15
<i>Patrimônio</i> — Líquido	Cr\$	591.010,37
<i>Dívidas</i> — Exercícios Findos	Cr\$	100.642,48

1942

Receita — Orçada Cr\$ 550.000,00 — Realizada	Cr\$	626.586,70
Despesa — Orçada Cr\$ 550.000,00 — Efetuada	Cr\$	617.698,00
Créditos especiais e extraordinários	Cr\$	21.598,50
<i>Patrimônio</i> — Líquido	Cr\$	580.916,00
<i>Dívidas</i> — Contribuição ao Governo do Estado	Cr\$	100.642,50

1943

Receita — Orçada Cr\$ 673.000,00
Despesas — Orçada Cr\$ 673.000,00

RECEITA ARRECADADA E DESPESA EFETUADA

— 1937 —

Receita arrecadada	—	Despesa efetuada	—	Superavit
Cr\$ 407.121,20		Cr\$ 371.603,35		Cr\$ 35.517,85

— 1938 —

Cr\$ 329.995,95		Cr\$ 325.663,95		Cr\$ 4.322,00
-----------------	--	-----------------	--	---------------

— 1939 —

Cr\$ 410.144,75		Cr\$ 339.628,95		Cr\$ 10.515,80
-----------------	--	-----------------	--	----------------

— 1940 —

Cr\$ 485.399,15		Cr\$ 299.728,65		Cr\$ 185.670,50
-----------------	--	-----------------	--	-----------------

— 1941 —

Cr\$ 617.392,10		Cr\$ 511.120,70		Cr\$ 106.271,40
-----------------	--	-----------------	--	-----------------

— 1942 —

Cr\$ 626.568,70		Cr\$ 617.698,00		Cr\$ 8.870,70
-----------------	--	-----------------	--	---------------

REGIMENTO DA COMISSÃO DE REDAÇÃO DA REVISTA

Art. 1.º — De acôrdo com o artigo 52 dos Estatutos do Instituto, a Redação dará parecer, favoravel ou não, sôbre o strabalhos destinados à publicação na Revista.

Art. 2.º — Em casos excepcionais, poderá a Comissão de Redação solicitar, por intermédio do Presidente do Instituto, que, sôbre o mérito de trabalhos oferecidos, opine a Comissão especial respectiva, cujo parecer poderá publicar, como nota inicial.

§ único — A Comissão de Redação poderá, à vista do parecer da Comissão especial, elaborar parecer único, que facultativamente publicará, sob sua responsabilidade.

Art. 3.º — Os conceitos e opiniões emitidas em trabalhos publicados, são da inteira responsabilidade do autor, embora tenham merecido parecer favorável da Comissão de Redação, ou de outras.

Art. 4.º — O arquivo da Redação (coleções, numeros avulsos da Revista, materiais de expediente, etc.) ficarão sob a guarda e responsabilidade da Comissão respectiva.

Art. 5.º — Compete à Redação fazer expedir tôdas as publicações que se relacionem com a Revista, para o que receberá, da Tesouraria, os recursos necessários.

Art. 6.º — A Comissão de Redação manterá em dia a relação nominal de seus assinantes.

Art. 7.º — As propostas de novos assinantes serão encaminhadas à Redação, que fornecerá a relação respectiva á Tesouraria, para a cobrança de assinaturas.

Art. 8.º — A Tesouraria fornecerá à Redação, em tempo útil, a relação dos assinantes em atraso, aos quais será suspensa a remessa da Revista.

Art. 9.º — Haverá íntima ligação entre os serviços da Redação e os da Tesouraria.

Art. 10 — A Redação disporá de compartimentos especiais para o seu funcionamento regular, bem como de material necessário a seus trabalhos.

11 — Logo que os recursos do Instituto permitirem, haverá um ou mais auxiliares de Redação, para a revisão de provas, serviço de cópias, etc.

Art. 12 — A redação dará recibo dos documentos orginais destinados à publicação na Revista, assim como dos existentes na Bibliotéca do Instituto, para idêntico fim.

Art. 13 — Só o Presidente do Instituto é competente para mandar fornecer publicação, a título gratuito.

Art. 14 — Os casos não previstos neste Regulamento serão submetidos à consideração do Presidente do Instituto, para solucionar.

INDICE dos ns. 95 e 96

ALCIDES MAYA — Olinto Sanmartin	3
PASTORAL DO 9.º BISPO DO RIO DE JANEIRO, D. Manuel do Monte Rodrigues Araujo — sobre negócios eclesiásticos da Rep. Farroupilha	7
O BARÃO DO RIO BRANCO E A GUERRA DOS FARRAPOS — Otelo Rosa	17
EFEMÉRIDES FARROUPILHAS — Barão do Rio Branco	19
EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS A' REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Comandante J. E. Garcez Palha (notas de W. Sp.)	54
DOCUMENTOS SOBRE O DECÊNIO FARROUPILHA: a) Três cartas do Arquivo de Antônio Vicente da Fontoura	78
b) Carta de Bento Gonçalves a João Evangelista Tavares	80
c) Episódio interessante, por Francisco José Martins	81
CENTENÁRIO DE APOLINÁRIO PORTO ALEGRE: a) Conferência do Prof. Otelo Rosa	83
b) Discurso do Dr. Manuel Duarte	93
RELATÓRIO DO DR. MANUEL DUARTE	98
ESTATUTOS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL	103
NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS — M. D. — A. M. da C. — W. Sp. — O. S.	112
RECEPÇÃO DO sr. Marino Josetti de Almeida	121
a) Discurso deste	
b) Resposta do dr. Eduardo Duarte	
DOCUMENTÁRIOS: Decênio Farroupilha — Govêrno do Barão de Caxias	128
ALGUNS DOCUMENTOS SOBRE 1835 — A posse do dr. Araujo Ribeiro	162
GONÇALVES DIAS E A REVOLUÇÃO DE 1835 — Otelo Rosa	170
BREVES NOTAS SOBRE A FUNDAÇÃO DE BAGE' — A. do Prado Sampaio	173
DIOCÊSES RIOGRANDENSES — Mons. Dr. João Maria Balem	179
A CONQUISTA DA TERRA E A INICIAÇÃO PASTORAL no planalto e nos Fundos de Baqueria de los Piñares — Dr. Manuel Duarte	191
SESMÁRIAS MEMORÁVEIS (Santo Antônio das Lombas) Dr. Manuel Duarte	205
LANCE DE VISTA SOBRE AS ESPÉCIES EXTINTAS DE MAMÍFEROS DO BRASIL — Peter Wilhelm Lund — Introdução de Carlõs de Paula Couto	209
MUNICÍPIO DE ARROIO GRANDE — Alvaro Caetano	237
Regimento da Comissão de Redação da Revista	262

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

—:— Sede social: Rua Riachuelo, 1307 —:—

* * *

DIRETORIA :

Presidente: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
1.º vice-presidente: Dr. Olinto Sanmartin
2.º vice-presidente: Dr. Armando Dias de Azevedo
Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte
1.º Secretário: Dr. Jorge Godofredo Felizardo
2.º Secretário: Prof. Walter Spalding
1.º Tesoureiro: Prof. A. G. Lima
2.º Tesoureiro: Coronel Luiz Carlos de Moraes
Orador: Prof. Otelo Rosa
Bibliotecario: Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

* * *

COMISSÃO DA REVISTA :

Dr. Manoel Duarte — Presidente
Cel. Luiz Carlos de Moraes
Prof. Walter Spalding

* * *

A revista está registada de acôrdo com a lei.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul foi reconhecido de utilidade pública pelo Decreto n.º 4373, de 24-XI-1921.

* * *

ASSINATURA DA REVISTA

Ano	Cr\$	30,00
Número avulso	Cr\$	8,00
Números atrasados: preços especiais.		

* * *

Toda a correspondência deverá ser remetida para o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL — Rua Riachuelo n.º 1307 — PORTO ALEGRE — Rio Grande do Sul — Brasil.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Reconhecido de utilidade pública por Decreto n. 4373 de 24
novembro de 1921

Séde: Rua Riachuelo, 1307
— Pôrto Alegre — R. G. Sul —

COMISSÕES PERMANENTES

História e Geografia:

Afonso Guerreiro Lima
Othelo Rosa
Eduardo Duarte

Antropologia e Etnografia:

Leonardo Macedônia
Olinto Sanmartin
Gaston Hasslocher Mazon

Paleontologia e Arqueologia:

Armando Dias de Azevedo
Angelo Guido
Mansueto Bernardi

Genealogia, Heráldica e Numismática:

Padre Luiz Gonzaga Jaeger S. J.
Mario Teixeira de Carvalho
Jorge Godofredo Felizardo

Línguas Indígenas e Folclore:

Manoel Faria Corrêa
Darcy Azambuja
Manoelito de Ornellas

Sindicância para admissão de sócios:

Armando Dias de Azevedo
Othelo Rosa
Jorge Godofredo Felizardo

Redação da Revista:

Luiz Carlos de Moraes
Manoel Duarte
Walter Spalding